ANO 29.º DOMINGO, 13 DE NOVEMBRO DE 1949 N.º 9684

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

TELEFONES: P. B. X. 20271, 20272, 20273
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: *DIBOA*
REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO RUA CRUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
EDITOR — JOÃO CHRISOSTOMO DE SÁ
NUMERO AVULSO: 80 CENTAVOS

A eleição para deputados

à Assembleia Nacional decorreu em todo o País

num ambiente de perfeita ordem

O chefe do Governo perante a urna

Realizou-se hoje, em todo o País, a votação para a designação dos deputados que hão-de formar a próxima Assembleia Nacional. O acto eleitoral decorreu, em todo o País, sem incidentes.

Nos diversos distritos do continente, ilhas e colónias, que constituiam as circunscrições eleitorais, apenas em dois círculos—Castelo Branco e Portalegre—havia listas de candidatos em competição com as que foram apresentadas pela União Nacional. Como se sabe, naqueles dois círculos, as listas designadas «B» eram patrocinadas, respectivamente, pelos srs. eng. Cunha Leal e dr. Pequito Rebelo.

Sobre o modo de execução do direito sufrágico houve, este ano, em relação ás eleições anteriores, duas alterações dignas de nota. Assim, de acordo com a nova lei eleitoral, nas assembleias ou secções de voto que abranjam mais de 1.000 eleitores, o que se verifica principalmente nas cidades de Lisboa e Porto, não houve chamadas gerais, realizando-se a votação á medida que os eleitores se aproximavam das mesas. Para esse efeito, os eleitores formavam bicha, á medida que iam chegando, com excepção, como anteriormente, dos magistrados, autoridades, vogais dos corpos administrativos e representantes das autoridades locais.

Como nota de reportagem, pode citar-se que o dr. Mário Madeira, governador civil de Lisboa, que votou pouco depois das 9 horas, na 8.ª secção, na freguesia de S. Sebastião da Pedreira, instalada no Liceu Camões, não quis usar daquela prerrogativa, tomando lugar na fila de votantes, onde aguardou a sua vez de lançar a lista na urna.

A outra inovação constitui na aplicação do decreto-lei de 1947 sobre o exercício de direito de voto pelos oficiais do Exército.

A seguir referimos algumas impressões recolhidas pelos nossos serviços de reportagem, a sim como os principais apuramentos globais recebidos, durante a tarde, no Ministério do Interior.

O aspecto da votação no 1.º Bairro de Lisboa

Na freguesia dos Anjos, funcionaram quatro secções de voto. A' primeira, instalada na Direcção Escolar, na Rua dos Anjos, presidiu o sr. António Pedroso e, logo no inicio dos trabalhos se registou a presença de elevado numero de eleitores. Aqui votaram, entre outras individualidades, os srs. general Ferreira de Passos, brigadeiro Narciso de Sousa, dr. cónego Avelino Figueiredo, conselheiro Lencastre da Veiga, dr. Albino Borges de Pinho, etc. Lançaram também o seu voto na urna muitas senhoras, como professoras dos liceus e proprietárias.

Presidiu á 2.ª secção o sr. Carlos Bettencourt. A assembleia funcionou na sede da junta de freguesia e ainda não tinha sido dado começo aos trabalhos já se encontrava ali formada uma grande «bicha» de eleitores.

Compareceram irmãs de caridade e outras senhoras. Não deixaram de cumprir o seu dever civico o sr. tenente Francisco Cuba e D. Francisca das Dores Mateus, ambos bastante doentes e que ali compareceram amparados por pessoas de suas familias.

Na Cozinha Económica, em Almirante Reis, funcionou a 3.ª secção, a que presidiu o sr. Ruy Fernando Ferraz Horta e Vale. Aqui votaram o sr. general Vicente de Freitas e outros oficiais do Exército já reformados e muitas senhoras.

Na Escola Primária Oficial n.º 27 presidiu aos trabalhos da 4.ª secção o sr. Sérgio Canhoto, aí exercendo o seu direito de voto os srs. Luís Pastor de Macedo, vice-presidente da Camara Municipal de Lisboa, e coronel Oscar de Freitas, inspector dos Espectáculos, e muitos funcionários publicos.

Na freguesia do Socorro, funcionou uma secção no edificio do Amparo. Presidiu o sr. dr. Damião Pereira e, entre os eleitores, destacavam-se muitos funcionários dos hospitais civis, de ambos os sexos.

No Beato, funcionaram duas secções, tendo ambas registado grande numero de eleitores, na sua maioria operários.

No Largo de Santa Cruz, sede da Junta de Freguesia, funcionou a secção do Castelo, onde exerceram o direito de voto muitas senhoras e os entrevados Pedro da Fonseca Reis e Joaquim Afonso.

(Continua na 6.ª pág.)

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

O chefe do Estado na secção eleitoral do Lumiar

O eng. Cunha Leal

explica as razões e os objectivos da sua candidatura a deputado

Publicamos a seguir, conforme ontem anunciámos, o discurso que o sr. eng. Cunha Leal proferiu na Covilhã, explicando as razões e os objectivos da sua candidatura a deputado regionalista independente (oposta á da União Nacional), no circulo de Castelo Branco. E' um documento a que, naturalmente, não pode deixar de atribuir-se grande interesse, pois só agora é dado á publicidade.

1—Observações preliminares

O dr. Oliveira Salazar, quando, lá de longe em longe, rompe o seu silêncio para produzir uma daquelas orações, cuja pureza literária o seu panegirista António Ferro algures pôs em pé de igualdade com a da prosa do Padre Manuel Bernardes, soi fazer a severa condenação dos erros e insuficiências dos seus adversários politicos, mas esquece-se de autorizá-los a dizer de sua justiça. Estes processos sem admissão de defesa são a norma corrente de 1928 para cá.

Apenas, nos periodos eleitorais de 1945 e começo de 1949, o monólogo do Poder se transformou em diálogo mais

(Continua na página seguinte)

O Benfica

perdeu em Elvas e o Sporting vencedor do S. Covilhã passou a ocupar o 1.º lugar

Dos jogos, hoje realizados e correspondentes á sexta jornada do Campeonato Nacional da I Divisão, três despertaram as atenções gerais dos aficionados.

A deslocação do Futebol Clube do Porto ao campo dos Arcos—sempre perigosa—serviu para aquilatar da capacidade realizadora do campeão portenho num meio deveras apaixonado como o que se verifica, normalmente, em casa do «aguerrido» Vitória.

Em Elvas, o Benfica travou um embate esforçado com o clube local, tendo-se mais uma vez, mantido a tradição: dificuldade para o visitante... seja ele qual for.

O Belenenses, em Guimarães, demonstrou empenho em conseguir um triunfo que lhe permitisse encontrar o ritmo de acuação de que tem andado esquecido.

Em Lisboa, os dois Sportingues lutaram como é de hábito; os bracarenses no campo da Amoreira, deram boa réplica aos estorilenses e, finalmente, o Lusitano, entre a sua gente, continuou a provar que é uma equipa batalhadora.

Elvas, 1 — Benfica, 0

ELVAS, 13 *(Pelo telefone, directo á nossa Redacção).*—O jogo de hoje, no Estádio Municipal atraiu imensa gente. Os grupos formaram:

Elvas—Marques; Osvaldo e Casimiro; Soares, Neves e Sousa; Manuelito, Massano, Patalino, Teixeira e Sanina.

Benfica—Rosa; Jacinto e Fernandes; Moreira, Felix e F. Ferreira; Rosário, Melão, Espírito Santo, Gil e Rogério.

Arbitro—Paulo de Oliveira, de Santarém.

(Continua na página central)

A ARQUEOLOGIA REVELA O PASSADO ... (2)

Um maravilhoso poema egípcio

escrito por um faraó

14 séculos antes de Cristo

pelo dr. **Macedo Mendes**

A 14 de Setembro de 1822, após porfiados esforços, em que a cultura e a inteligência se conjugaram frutuosamente, Champellion lançava as luzes seguras da decifração da escrita hieroglifica egipcia, baseando se na leitura da inscrição trilingue constante da chamada «Pedra de Rosetta». Estava aberto o caminho á decifração de milhares e milhares de textos hieroglificos, até então incompreensiveis, constantes nas paredes de templos e tumulos, em papiros, tarefa a que se dedicaram os denominados egiptólogos. Criou-se uma curiosidade intensa por conhecer o remoto e o remotissimo passado do Egipto, em tempos faraónicos e pré-faraónicos, o que se traduziria por escavações arqueológicas que se continuam, em nossos dias, numa louvavel ansia de bem conhecer, o mais minuciosamente possivel, a civilização faraónica em todos os seus aspectos, desde as origens até á conquista persa. Assim se conseguiu traçar uma História do Egipto antigo, por vezes tão minuciosa que é possivel traçarmos um quadro completissimo de um largo periodo de um reinado, como se comprova, por exemplo, na interessantissima obra de Pierre Montet, «La vie quotidienne en Egypte au temps des Ramsés», e nas várias obras que tratam da re-

(Continua na 10.ª pag.)

O discurso do eng.º Cunha Leal

(Continuação da pág. anterior)

ou menos confuso e descomposto. Mas já, nesta segunda época eleitoral de 1949, o colóquio foi reduzido a proporções mais que modestas. Nada, porém, de exigências. Contentemo-nos com as magras migalhas de liberdade que os nossos Amos e Senhores deixem tombar de suas fartas mesas.

Convocados em 4 de Outubro os colégios eleitorais para 13 do mês seguinte, seguiu-se um período de silêncio e espectativa, apenas interrompido, passadas duas semanas, por uma oração feita pelo dr. Oliveira Salazar a rogo da União Nacional, para assim demonstrar que «é das raras pessoas que neste país obedecem sem discussão». Depois nova pausa, preenchida com as festas de homenagem a Franco, e, finalmente, na noite de 28, depois dos adeuses de despedida ao nosso hóspede, a eloquência nacional retomou os seus direitos com duas sessões solenes, em Coimbra e Setubal, na primeira das quais, entre outros, perorou o candidato por Lisboa, Botelho Moniz. Novas veladas de propaganda vieram, consecutivamente, demonstrar as virtudes do papelinho escrito na revelação de oradores de raça. E até houve quem se tivesse candidatado a deputado para ter ensejo de provar, copiosamente, a falência do parlamentarismo.

Foi então que, erguendo timidamente as cabeças, os candidatos não chancelados pela União Nacional, a quem o dr. Oliveira Salazar «não vê meio de dar outro nome», a não ser o de oposicionistas, ousaram perguntar aos Poderes Publicos: *Licet?* A resposta foi afirmativa e aqui me têm a dizer de minha justiça.

2—Uma conjuntura presaga e os dissídios nacionais

Em que circunstancias da nossa vida interna e sob que signo internacional vai realizar-se a próxima consulta ao eleitorado?

Vejamos como a tal respeito se exprime o dr. Oliveira Salazar na sua oração de sapiência eleitoral. «Nunca a Assembleia Nacional—disse ele— teve de ser renovada em tão desagradáveis circunstancias». E, depois de esclarecer que «não fala das dificuldades gerais, filhas da decepção da paz e da crise que o Mundo vive», especificou o seguinte:

«Refiro-me ao que mais especialmente nos toca—á delicada situação das parcelas portuguesas do Extremo-Oriente e á crise económica com que veio a culminar, em coincidência com a crise mundial, uma serie de mais anos agriocla».

Ao meu patriotismo, fremente de inquietação, não se afiguram do mesmo grau de importancia estas duas ordens de males. A crise económica quase chega a parecer-me fenómeno insignificante quando a cotejo com o risco de ver amputado do corpo nacional territórios que representam para nós uma herança inestimavel e foram regados com «sangue, suor e lágrimas» dos nossos antepassados. Mais adiante, o dr. Oliveira Salazar procura atenuar, sem o conseguir, a gravidade dos perigos que sobre eles impendem.

Em devida altura, prometo ocupar-me mais detidamente do assunto, mas desde já direi que não vou, por facciosismo político, acusar o chefe do Governo de progenitor de tão catastrófica situação. Imputar-lhe-ei, isso sim, responsabilidade moral por todos os actos governativos, que de algum modo possam concorrer para diminuir a resistibilidade nacional contra tais tentativas de extorsão. E' que a condição «sine qua non» para que o país possa sobrepujar as circunstancias adversas consiste em apresentar-se unido. Todas as atitudes de incompreensão e violência, que quebrem a unidade nacional, consituem nesta hora crimes contra a Pátria.

No entanto, o conceito de unidade nacional de modo algum deve confundir-se com o rígido unanimismo de opiniões requerido por quantos comungam no ideário do dr. Oliveira Salazar. A unidade resulta da adesão da generalidade dos portugueses a um plano de vida em comum, embora eles se situem em pontos de vista diversos e, portanto, encarem o interesse nacional segundo critérios não uniformes. Do choque de opiniões contraditórias é que deve derivar, posteriormente, uma síntese superior, uma visão panoramica mais perfeita dos problemas colectivos, á qual, em definitivo, venha ajustar-se o sistema legislativo.

Para que haja unidade nacional, não é, pois, necessário ou desejavel que todos, por um milagre, pensem da mesma maneira, ou, por uma abdicação abjecta, se submetam passivamente á visão unilateral de um ser superior ou de essência divina. Impõe-se ao invés que haja opiniões divergentes, para melhor compreensão e satisfação das necessidades do agregado, com a expressa condição de que exista no animo de todos um arraigado desejo de convivio social e a virtude da tolerancia.

Mas, como disse em manifesto ao País, os portugueses encontram-se hoje divididos em dois *clans* irredutiveis, que um ao outro se odeiam e ameaçam de exterminio. E, quando dentre eles surgem uns tantos mais clarividentes e—porque não dizê-lo?—mais patriotas, a querer forçar os dois *clans* á convivência politica e ao respeito pelos ideais alheios, para que haja paz na familia portuguesa e se restabeleça assim a unidade nacional, logo surgem da extrema esquerda doestos e injurias e da extrema-direita palavras de rancor e excomunhão.

Alimentaram alguns a ilusória esperança de que o dr. Oliveira Salazar houvesse de arbitrar este conflito de acordo com os ditames do bom senso, em primeiro lugar porque é inteligente, em segundo lugar porque, dada a sua posição politica e social, não pode ou, pelo menos não deve deixar-se arrastar pelo seu temperamento a atitudes que alimentem os dissidios da grei e vulnerem a sua unidade. Verificaram, porém, com espanto esses ingénuos que, até mesmo em maré alta de ameaças externas á integridade do território nacional, da sua boca não saem outras afirmações que não sejam a repetição monótona, monocórdica, fanática, do «crê ou morres». E—meu Deus!—o inimigo está batendo ás portas de Bisancio...

A outra circunstancia que, clamorosamente, incita os portugueses ao esquecimento de mutuos agravos é, como atrás se referiu, a crise que já está minando os fundamentos da nossa economia e ameaça subvertê-la. Dela disse o dr. Oliveira Salazar que, «apesar de *couraçados* com os nossos principios e beneficiando do favor de nos termos mantido em paz interna e externa nas duas ultimas décadas também a nós chegam e em nós se repercutem as vagas de inquietação que agitam o grande mundo».

Nestas palavras, que, inadvertidamente, escorreram dos bicos da pena do dr. Oliveira Salazar e, ulteriormente, afloraram aos seus lábios, encontra-se a condenação de um dirigismo económico, social e politico, que se gaba de virtudes excepcionais e nos vai arrastando com desenfado para o sorvedouro duma catástrofe.

Dá-nos o dr. Oliveira Salazar a entender que mal de muitos é negro conforto. Simplesmente, a quáse totalidade desses muitos é constituida por nações exauridas pela guerra e por ela arruinadas material e espiritualmente. Ora o nosso País, em vez de ser uma das vítimas do fenómeno bélico, foi ao invés, um dos seus raros beneficiários. E, quando se cogita em que, apesar das reservas de ouro e divisas estrangeiras acumuladas durante a guerra, apesar da tal «couraça de principios» do dr. Oliveira Salazar, quase todos os ex-beligerantes se encontram em fase mais avançada do que a nossa no tocante a reconversão e reconstituição económica, conclui-se com mágoa que a direcção do nosso fenomenalismo económico tem sido insuficiente e que «a couraça dos principios» é de papelão. O dr. Oliveira Salazar pensa em fazer dela artigo de exportação. Oxalá que os futuros adquirentes não venham a queixar-se da qualidade do produto.

Entre nós não há o sentimento das realidades. No inicio da vigência do Plano Marshall, declararam os nossos dirigentes que Portugal não carecia de subsidios, antes estava em condições de proporcionar auxílio a outros países. Um ano depois, passávamos á posição de peticionários; e, quando nos foi concedido um pouco do muito que reclamavamos, o sr. ministro das Finanças, por orgulho inconsiderado, asseverou em documento publico que era necessário perder duas ilusões: a de que o Plano Marshall seria panaceia para todas as nossas dificuldades e a de que não poderiamos sobrepujar estas sem o Plano Marshall!

O que, francamente, constituiu um incitamento para nos ser retirado o que nos havia sido outorgado.

O horizonte da vida nacional encontra-se, pois, carregado de nuvens negras e presagas. O espectro da conjuntura próxima deveria—repito—incitar os portugueses á aproximação e ao convivio. A este principio superior obedeceu no distrito de Castelo Branco a apresentação de uma lista regionalista para disputa de 4 lugares de deputados nas eleições a realizar em 13 de Novembro.

Com dois safanões mal humorados, o dr. Oliveira Salazar houve por bem sacudir as nossas intenções regionalistas de pacificação nacional, repeliu os nossos propósitos de crítica e fiscalização honestas e de aperfeiçoamento da legislação criada e a criar e situou-nos, a todos nós, dogmáticamente, na posição de adversários. Independentes próprìamente ditos não os quer, de modo algum, o dr. Oliveira Salazar, porque deles se evola um vago perfume de heresia. Ele só simpatiza com independentes dependentes. Ora a nossa região é tão abençoada e fecunda que dá para tudo: até cá se conseguiu fazer colheita duma criatura desta ultima espécie.

Caímos, pois, os das listas, regionalistas, por mal dos nossos pecados, no desagrado do dr. Oliveira Salazar. Da sua pena e da sua boca saiu a afirmação de que «o Governo aceita todas as consequênovias que legalmente podem resultar das candidaturas e da *vitória dessas oposições, que aliás não deseja*».

Ficam avisadas as autoridades do distrito de Castelo Branco. O dr. Oliveira Salazar *não deseja* a eleição dos candidatos regionalistas. *A bon entendeur... salut.*

3—A razão de ser duma lista regionalista

A ameaça implicita nesta manifestação de um desejo presidencial e outras circunstancias adversas, de que me ocuparei detidamente lá mais para diante, emprestam caracter quixotesco á nossa tentativa de disputar as eleições com uma lista não chancelada pela União Nacional. Já, porém, em manifesto, que circula por esse distrito, dissemos de nossa justiça. Não será descabido glosar aqui as nossas razões e propositos com um pouco mais de desenvolvimento.

A nossa região tem uma fisionomia particular que faz desta «pátria chica» uma espécie de miniatura dessa pátria bem maior que é Portugal.

—Sob o ponto de vista económico, embora predomine na sua actividade o aspecto agrícola, tem uma mancha industrial que não é desprecienda.

No tocante á agricultura, surgem entre nós grandes zonas de latifundios a par de zonas de minifundios, que, na frase feliz do dr. Ribeiro Cardoso, deixaram de ser uma forma de capitalização para passarem á categoria de meros suplementos de salários. Por isso, sofremos de dois males diametralmente opostos, para os quais é preciso encontrar remédio numa politica conducente a uma fraccionação territorial em que cada parcela constitua uma unidade económica susceptivel de elevar até ao máximo a produtividade da terra.

Nas condições actuais, o exercicio da actividade agrícola é, para os proprietários, o meio de empobrecer tristemente e, para os trabalhadores rurais, um modo de vida que os condena á miséria negra, definida por alimentação insuficiente, por vestuário reduzido e roto, por habitação em covis anti-higienicos e por ausência quase integral de satisfação de necessidades de ordem superior.

Ora, consoante reza o manifesto dos candidatos regionalistas, o dirigismo estatal só tem servido no nosso distrito para agravar condições naturais já de si bem pouco favoráveis. Fixações arbitrárias de preços, sem ter em atenção os custos de produção e as exigências do grangeio da Terra e do sustento familiar; ascensão interminavel dos encargos fiscais e corporativos; expropriações por utilidade publica que constituem autênticas extorsões; multiplicação até ao infinito de peias, formalismos e exigências estatais e corporativas—tais são as causas fundamentais externas do agravamento da situação da lavoura beiroa.

E' certo que na Assembleia Nacional tem, por vezes, encontrado eco a grande miséria da agricultura portuguesa. Mas, quando se chega á altura de extrair dos factos narrados as conclusões neles implicitas, verifica-se um recuo instintivo por duas ordens de razões:

1) em primeiro lugar, porque, consoante melancólica constatação do dr. Oliveira Salazar, uma larga proporção de deputados é constituida por funcionários publicos (o numero de candidatos desta categoria anda, desta feita, á roda de 50 por cento);

2) em segundo lugar, porque a chancela da União Nacional, se não tolhe inteiramente a liberdade de critica, não permite, pelo menos, que se ponham em evidência erros de estrutura do regimen ou até mesmo graves defeitos funcionais.

Um exemplo frisante destas exibições ou insuficiências das Assembleias Nacionais anteriores fornece-no-lo na nossa Beira a tão reclamada obra de irrigação da campina de Idanha. A nação fez um esforço financeiro consideravel para melhorar as condições de cultura em 8.000 hectares dessa zona. A este respeito esfuziaram os ditirambos no horizonte político do País, como fogo de artifício em dia de festa.

Ninguém curou de perguntar se entre os gastos feitos e a utilidade conseguida se teria mantido justa proporção. Um exame mais atento do problema far-nos-ia ver que só metade dos 8.000 hectares a irrigar deveria destinar-se a cultura, porquanto a outra metade teria de ser conservada na sua actual contextura de terra de mato para fornecer á primeira o estrume indispensável. E' que a terra não carece apenas de água: carece, igualmente, de adubação. Mas há mais. Dos 4.000 hectares a irrigar só uma fracção é actualmente permeável á água e a parte restante só ao fim de muitos anos de adubação e cultura poderá ser preparada para tal efeito.

Sendo assim, ocorre perguntar se a expropriação destes terrenos em condições honestas, feita por um Estado pessoa de bem, a sua ulterior repartição e colonização e o adiantamento de verbas aos colonos para instalação, para abertura de poços, para aquisição de material agrícola e para capital de giro não permitiria satisfazer aspirações legítimas de um sector da população local e preparar para uma mais acentuada produtividade a zona agora destinada á irrigação. E isto far-se-ia com uma percentagem reduzida do dispêndio ocasionado pela execução da obra em questão. Sobre tudo isso se guardou, porém, como diria o Conselheiro Acácio, «de Conrado o prudente silêncio».

Se do sector agrícola passarmos ao sector industrial, hemos de constatar a existência duma grave crise de sobreprodução, também em grande parte derivada do gravame de encargos fiscais e corporativos e ainda de um estreito dirigismo exercido sem ciência nem consciência.

De há muito se vinha reconhecendo a necessidade de renovar o equipamento envelhecido da industria têxtil da Beira, mas a importação de maquinaria era impossibilitada pela sistemática recusa de autorizações estatais e pela dificuldade de a adquirir nos mercados fornecedores habituais. De repente, quando estes estavam já habilitados a satisfazer as necessidades da sua clientela, o Estado português abriu de par em par as comportas da autorização e, indiscriminadamente, consentiu a importação de tudo quanto se havia requerido.

Resultado: não só se renovou material cansado e anacrónico como se aumentou de 800 unidades o numero de teares existentes na nossa zona fabril, o que, naturalmente, empolou para além do razoável a potencialidade produtora local no preciso momento em que a política deflacionista, iniciada com certo desenfado, estava reduzindo a capacidade aquisitiva dos consumidores nacionais, já de si em regra minimizada por inconsiderada orientação dos fenómenos agrícolas.

Por outro lado, o desejo de proporcionar clientela ás lãs nacionais, notóriamente inferiores, pois, áparte o caso do lavrador Rui de Andrade e poucos mais, não se tem feito em Portugal um esforço sério para melhorar, á custa da importação de bons reprodutores, a qualidade do gado lanar, levou a organização corporativa e só consentir ás industrias têxteis a compra de lãs estrangeiras até uma percentagem reduzida do produto nacional adquirido. Ora os tecidos, que têm como matéria-prima a lã portuguesa, não têm fácil saída e vão-se acumulando nas prateleiras dos armazens dos fabricantes. Os tecidos feitos á base de lãs estrangeiras, esses, ainda vão encontrando compradores quando vendidos a crédito. Em qualquer hipótese, os industriais vêem reduzido o caudal das suas entradas de numerário em concomitancia com restrições creditórias editadas pelos organismos bancários, ao princípio meramente pelo desejo de deflagrar a deflação, posteriormente pelas próprias exigências do fenómeno assim desencadeado.

Acontece que os candidatos regionalistas cuidam que a chancela da União Nacional e do Governo lhes restringiria a plena liberdade indispensável para um exame imparcial e rigoroso deste aspecto da vida regional, conclusão similar daquela a que haviam chegado no tocante á política agrária. Não é que pretendam, por caprichoso propósito de oposição «ad odium», investir contra a cidadela estatal sem tom nem som. Mas, se o nosso distrito lhes quiser confiar a sua representação e... os outros deixarem, aspiram a imprimir á sua acção parlamentar um cunho de independência e seriedade.

Entende o dr. Oliveira Salazar que o melhor caminho a seguir seria o que levasse, de mão estendida, estes candidatos a requerer dos drs. Albino dos Reis, Ulisses Cortês e Vigon a classificação de figuras nacionais e regionais acomodatícias e a sua correlativa infiltração nas listas da União Nacional. Eles preferiram, porém, dirigir-se ao eleitorado a enunciar-lhe as suas intenções e a solicitar-lhe os seus votos. Com o devido respeito, afigurou-se-lhes isso mais curial e mais digno. Que o País a todos julgue e, em ultima instancia, decida qual é dentre duas atitudes a mais própria de homens de bem.

Mas, ao referir-me á nossa região, foi por mim afirmado que ela constitui um «fac-simile» reduzido do corpo nacional. Já abordei a contextura dos seus problemas materiais para justificação da minha tese. Permita-se-me que me refira agora á faceta espiritual da sua vida.

A inteligência e a sensibilidade dos beirões

(Continua na página seguinte)

AVISO
Feira Industrial Portuguesa
Fazemos cartazes para propaganda, em 2 horas, modernos, económicos e elegantes.
Papelaria Emilio Braga
Rua de S. Julião, 59, e Rua Alexandre Herculano, 11-C. (a Santa Marta)

ERRES
E' a marca de um dos melhores aparelhos de rádio...
...Mas é mais do que isso...
?
NÃO ERRES: COMPRA ERRES!

O discurso do eng.º Cunha Leal

(Continuação da página anterior)

acha-se profundamente impregnada dos valores culturais que decorrem da doutrina cristã. Ora a política actual, inscrevendo na Constituição o lema da subordinação do Estado português a estes princípios superiores, afasta-se deles na prática com lamentável frequência.

Isso afecta, lógicamente, a consciência dos beirões, que encaram esta contradição flagrantíssima entre as palavras e os actos como uma forma de degenerescência moral do regime, que os seus supremos hierarcas são, por certo, os primeiros a lamentar, mas que são impotentes para remediar. E' que só a livre crítica e fiscalização poderiam reprimir a imoralidade que se está propagando dentro da Situação como nódoa de gordura a alastrar em papel permeável. Simplesmente, o temperamento desses hierarcas não lhes consente que suportem uma apreciação incontrolada dos actos dos órgãos superiores ou inferiores do regime e deste modo facilitam a corrupção que desejariam suprimir.

Os candidatos regionalistas supõem interpretar os sentimentos profundos dos beirões quando se propõem exercer, no caso de serem eleitos, uma acção parlamentar verdadeiramente independente, para que se preserve, ao mesmo tempo, o património material e o património espiritual da nossa gente. E, como é muito nobre e alto o objectivo a atingir, consideraram de somenos importancia aquilo que os poderia afastar—as suas opiniões particulares quanto á forma de regime político desejável para o País.

Por isso se congregaram e por isso nem sequer lhes aflora o espírito a ideia de irem a Canossa solicitar perdão pelo crime de desejarem servir o seu país segundo o seu critério.

4—As projectadas transformações da Consituição portuguesa

A próxima Assembleia Nacional tem poderes constituintes ou, mais próprìamente, «pode resolver em 1950 antecipar a revisão constitucional» e parece que vai antecipá-la.

Abordando este tema, o dr. Oliveira Salazar começa por aludir á campanha eleitoral de Janeiro/Fevereiro do ano corrente, encarando-a á luz de um critério já por mim debatido, pelo que não vale a pena reeditar argumentos e servir ao publico uma beberagem tão cansada como «o chá de Tolentino». Mais uma vez traz á baila os malefícios dos partidos políticos—a União Nacional, claro está, não pertence a esta raça odiosa e odiada de associações interesseiras!—para concluir pela forma seguinte:

«Sob êste aspecto creio que em Portugal não podemos considerar-nos em atraso; estamos de facto avançados muitos anos em relação á evolução política que pode visionar-se no Mundo».

Nem mais nem menos! O dr. Oliveira Salazar considera-se um percursor, talvez porque esteja á espera de que o general De Gaulle lhe siga as pisadas!

Mas deixemos cada qual entretido com as suas convicções e nada de fazer esforços para perturbar estes embevecimentos interiores. Vejamos, isso sim, em que sentido o dr. Oliveira Salazar entende dever orientar a revisão constitucional, o que, para os fieis candidatados pela União Nacional, constitui dogma indiscutível!

Parte o chefe do Governo dos princípios que, a seguir, se enumeram:

1) «Está passada a época do individualismo», mas há que arquitectar «um princípio de organização e vida colectiva no qual e através do qual o homem possa ainda ser livre e afirmar a sua personalidade» (oh manes de Frei Tomás!»;

2) A solução do problema anterior encontra-se no corporativismo, que «deve ser, no conceito das pessoas responsáveis, um *corporativismo do Estado e não corporativismo de associações*»;

3) O corporativismo estatal português não poderia instituir-se em toda a sua pureza sobre o corpo duma nação inorganica, donde a criação e perduração de fórmulas constitucionais eclécticas, com a grave, embora «justificada falta» duma «espécie de paragem que a organização sofreu durante anos e de desvios tanto de pensamento como dê acção que teve sob a imposição de circunstancias conhecidas».

E eis o dr. Oliveira Salazar agarrando-se ao seu bordão de peregrino á procura de soluções que representem um passo em frente no sentido de tornar menos hibrida, se bem que não inteiramente pura, a organica constitucional do Estado corporativo.

E' evidente de per si que a Assembleia Nacional com poderes legislativos, eleita por sufrágio directo, é na mecanica do corporativismo estatal uma instituição anómala, uma usurpadora de funções que deveriam caber á Camara Corporativa. Mas, na época presente, até que se opere no Mundo civilizado a revolução política corporativista, pela qual espera confiadamente o dr. Oliveira Salazar, seria um pouco arriscada, sob o ponto de vista das nossas relações exteriores, a destruição da nossa fachada constitucional democrática, que, aparentemente, nos situa no numero dos países em que o cidadão, destacado dos quadros profissionais, é quem, em ultima análise, decide dos destinos do País. O dr. Oliveira Salazar é arguto demais para não reconhecer as perniciosas consequências que, sob o ponto de vista económico, tem tido para a Espanha franquista a falta de montagem deste cenário de tipo anglo-americano.

Poderia manter-se a Assembleia Nacional não como orgão legislativo, mas como entidade destinada a fazer «a apreciação dos actos do Governo e da Administração», por um lado, e, por outro, a «receber a informação autentica acerca delas e acerca da orientação politica geral», com a reserva mental de que, na prática, deveria garantir-se a docilidade dos críticos que a compusessem—vidé a classificação de indesejáveis atribuida pelo dr. Oliveira Salazar aos candidatos regionalistas. O chefe do Governo, ponderando os prós e os contras desta solução com a sua calma temperamental, deve, porém, ter chegado á conclusão de que faria assim correr á Situação um grave risco internacional, sem vantagens compensadoras na ordem interna.

Acabou assim por merecer o seu assentimento um plano de metamorfose constitucional assente nos seguintes fundamentos:

1) Restringir-se-iam os poderes legislativos da Assembleia Nacional, circunscrevendo-os á aprovação das «bases gerais dos regimens juridicos, que é como quem diz a orientação ideológica», deixando de ter qualquer interferência no arranjo das soluções técnicas «in concreto» dos vários problemas nacionais;

2) Empolar-se-iam as funções legislativas do Poder Executivo, porquanto, além de continuarem de sua responsabilidade os decretos regulamentares, passaria a ter, *em todas as circunstancias*, a exclusiva e *não controlada* prerogativa da elaboração daquelas soluções técnicas por meio de decretos-leis, apenas com a *quase sistemática obrigatoriedade* de prévia consulta á Camara Corporativa;

3) Reforçar-se-ia, na aparência, o prestigio da Camara Corporativa com este apelo á sua *colaboração não deliberativa* para o exercicio de parte das atribuições legiferantes do Governo e com a modificação do seu sistema funcional, feita de modo a provocar «a reunião das secções conforme agrupamentos de interesses sociais mais vastos, como os de ordem administrativa, moral, cultural e económica», o que redundaria numa «actividade da Camara Corporativa mais intensa do que a actual»;

4) Modificar-se-ia «o processo de designação do chefe de Estado», certamente com o intuito de evitar a eleição directa;

5) Seguir-se-ia a moda externa da inflação ministerial pela elevação a ministérios de vários subsecretariados, entre eles o das Corporações, mas criar-se-ia «um Gabinete restrito, formado por ministros de pastas coordenadoras, possivelmente até alguns sem responsabilidades directas de serviços», passando, pois, a haver «ministros de duas categorias, dos quais alguns sem assento no Gabinete e nitidamente subordinados a outros encarregados de coordenar a sua acção»;

6) Criar-se-ia o cargo de ministro da Presidência, que seria, ao mesmo tempo, secretário do Conselho de ministros.

Eis a largas pinceladas o tal projecto de matemarfose estatal adoptado pelo dr. Oliveira Salazar, sendo de crer que o seu desejo de vê-lo encorporado no nosso sistema legislativo seja acatado pela futura Assembleia Nacional com o mesmo fervor com que as autoridades do distrito de Castelo Branco trataram de efectivar, compulsivamente, esse outro desejo do ilustre homem publico—o de não ver eleitos os candidatos regionalistas.

Seja-me permitido fazer o exame deste plano com honesta independência de quem, para se apresentar ao sufrágio do eleitorado, não quís pedir licença a quem quer que fosse.

Sou dos que acham do mais alto alcance nacional aquilo que o dr. Oliveira Salazar apelidou de «Corporativismo de associação», para o distinguir do «Corporativismo de Estado», a que presta culto. Por outras palavras, entendo desejável que o sector capitalista e o sector do trabalho nacional se organizem, *voluntàriamente*, e criem entre as suas associações um sistema de articulação nos moldes preconizados pela doutrina corporativista, em vez de se confinarem na posição de inimigos, que um ao outro pretendem espoliar-se e aniquilar-se. Outrosim admito que, sempre que este Corporativismo de associação tenha atingido certo grau de desenvolvimento—e, para tanto, os Poderes Publicos não devem regatear-lhes incitamentos e protecção— é justo, é mesmo indispensável que se lhe reconheça intervenção na mecanica do Estado.

Mas já a mesma simpatia me não merece o Corporativismo do Estado, com a arregimentação compulsiva das forças económicas nacionais, com intromissões abusivas do Estado na selecção dos seus dirigentes, com a imposição de insuportáveis ónus tributários em beneficio dos seus vários orgãos e com a adulteração da própria essência do sistema mercê da atribuição dos mais abusivos poderes de dirigismo económico, que começam por enlear todas as actividades e quase acabam por paralisá-las.

Sejam, porém, quais forem as minhas preferências e opiniões, a realidade é que foi instituida obrigatòriamente uma certa agrupação das forças económicas e na Constituição do Estado figura uma Camara Corporativa formada por «representantes das autarquias locais e dos interesses sociais». Simplesmente, este Instituto entra na gestação das leis como mero orgão de consulta, significando o reconhecimento do direito de audiência aos vários grupos de interesses materiais e morais do agregado nacional.

Até hoje, portanto, a lei constitucional de 1933, áparte a possibilidade nela prevista de suprimir por leis especiais complementares os direitos políticos dos cidadãos—e dela se tem usado e abusado largamente—poderia fazer figura de Constituição democrática. E' certo que se reconhecia aos Governos o direito de publicar decretos-leis, ultrapassando-se o ambito legislativo comummente reconhecido ao Poder Executivo—o de editar regulamentos. Mas ficava ainda salvaguardada a fachada democrática do regime.

O que pretende agora o dr. Oliveira Salazar? Dar mais um passo em frente no sentido de tornar mais corporativista e menos ecléctica a Constituição? Esse é o pretexto, a realidade é bem diversa.

Para contraprova desta afirmação, vejamos qual é o modo de repartição das faculdades legislativas na Constituição em vigor.

A' Assembleia Nacional compete «fazer leis, interpretá-las e revogá-las» (n.º 1.º do art.º 91.º). «As leis votadas pela Assembleia Nacional devem restringir-se á aprovação das bases gerais dos regimes juridicos, não podendo, porém, ser contestada, com fundamento na violação deste principio, a legitimidade constitucional de quaisquer preceitos nela contidos» (art.º 92.º). «Constitui, porém, necessàriamente, matéria de lei: a) a organização da defesa nacional; b) a criação e supressão de serviços publicos; c) o pêso, valor e denominação das moedas; d) o padrão dos pesos e medidas; e) a criação de bancos ou institutos de emissão e as normas a que deve obedecer a circulação fiduciária; f) a organização dos tribunais» (art.º 93.º).

As modificações apadrinhadas pelo dr. Oliveira Salazar devem, pois, consistir em tornar imperativo o principio de que as leis hajam de conter apenas as bases gerais dos regimes juridicos, sem se consentir a possibilidade de derogações como no sistema actual. Outrosim é de crer que venha a ser restringido o conteudo das matérias que terão de ser objecto de lei ou mesmo a ser suprimida a sua enumeração taxativa, para assim se tornar mais ampla e faculdade legiferante dos governos.

Por outro lado, no regime vigente, além de se atribuir ao Executivo o poder exclusivo de «elaborar os decretos, regulamentos e instruções para a boa execução das leis» (n.º 3.º do art.º 109.º), compete-lhe ainda «fazer decretos-leis e, em casos de urgência, aprovar as convenções e tratados internacionais» (n.º 2.º do art.º 109).

Mas esta competência governamental, no tocante a decretos-leis, não é sempre incontrolável. «Se o Governo, durante o funcionamento efectivo da Assembleia Nacional, publicar decretos-leis fora dos casos de autorização legislativa serão aqueles sujeitos a ratificação, que se considerará concedida quando, nas primeiras dez sessões posteriores á publicação, cinco deputados pelo menos, não requeiram que tais decretos-leis sejam submetidos á apreciação da Assembleia. No caso de ser recusada a ratificação, o decreto-lei deixará de vigorar desde o dia em que sair no *Diario do Governo* o respectivo aviso, expedido pelo presidente da Assembleia. A ratificação pode ser concedida com emendas; neste caso, considerar-se-á o decreto, sem prejuizo da sua vigência, transformado em proposta de lei e será enviado á Camara Corporati, salvo se esta tiver sido já consultada» (§ 3.º do art. 109.º.

Como se vê, estes possiveis embaraços no exercicio dos poderes legislativos dos Governos estão condenados a desaparecer quando se efectivarem os propósitos do dr. Oliveira Salazar.

No que se refere á Camara Corporativa, no regimen actual, compete-lhe «relatar e dar parecer sobre todas as propostas ou projectos de lei e sobre todas as convenções ou tratados internacionais que forem presentes á Assembleia Naiocnal, antes de começar nesta a discussão» (art. 103). Outrossim «o Governo pode consultar a Camara Corporativa sobre decretos gerais a publicar ou propostas de lei a apresentar á Assembleia Nacional» (art. 105.º), não dependendo a discussão das propostas de lei na Assembleia Nacional «de nova consulta á Camara Corporativa se esta tiver sido já ouvida pelo Governo».

Práticamente, o arranjo concebido pelo dr. Oliveira Salazar no tocante á competência da Camara Corporativa consiste em substituir a faculdade governativa de consultá-la, antes de publicados os decretos-leis pela quase sistemática obrigatoriedade desta audiência, podendo, em todo o caso, dispensá-la em várias hipóteses. A Camara não ganharia poder deliberativo e manter-se-ia como órgão de consulta.

Promete-se—é certo— tornar mais frequente a reunião conjunta das secções da Camara Corporativa, mas isso não passa de palavras, palavras, palavras, com acompanhamento de musica celestial. O objectivo final destas alterações constitucionais é o reforço da autoridade do Executivo pelo trespasse para ele de funções do Legislativo ou pela abolição do seu «controle» em certos casos.

Não se visa a simbiose do Corporativismo com o presidencialismo: aspira-se á instituição da ditadura legal dos Governos, com o disfarce duma Assembleia Nacional fantasmática e uma Camara Corporativa impotente. Ao fim e ao cabo, quere-se reforçar o Poder pessoal. O resto não conta

Reconhecer com esta franqueza, embora sem ofensas pessoais, verdades deste calibre fere, porém, a sensibilidade do dr. Oliveira Salazar. Mas, se lhe não são pessoas gratas os candidatos assim conformados, sequer ao menos deve reconhecer-lhes o mérito de não usarem máscara Não estão dementados pelo ódio, nem possessos de espirito oposicionista. Anima-os o desejo de bem servir o País segundo os ditames da sua inteligência e não segundo as directivas da inteligência alheia. Querem aplaudir quando haja motivos para tanto, querem censurar quando assim o imponha, imperativamente, o bem comum.

Não agradam, em tais condições, aos que governam, mas agradam á sua consciência. Ora não se pode servir, simultaneamente, dois Senhores quando aconteça estarem em desacordo.

5—Outros aspectos da conjuntura interna próxima

Constata o dr. Oliveira Salazar que «o português é eivado de individualismo e toda a regulamentação da sua actividade privada lhe é molesta», confissão que deve ser extremamente penosa para quem, noutro passo das suas declarações, afirma, categòricamente, — repito— ser crença sua que está passada a época do individualismo». Isto equivale a demonstrar-nos que, há mais de duas décadas, o chefe do Governo vem caprichando em submeter os portugueses a um regimen avesso ao seu temperamento, sem conseguir modificá-lo, apesar de toda a sua pertinácia. Daí esta visceral antinomia entre o povo e a Situação, que se revela sempre que os Poderes Publicos deixam abrir a válvula de escape dos seus sentimentos intimos.

Agora, em pleno periodo eleitoril, retomando o revelho e malsinado veso das promessas, que depois se cumprem ou não se cumprem segundo as circunstancias, o dr. Oliveira Salazar faz-nos vislumbrar a miragem da supressão dos intervencionismos estéreis e desactualizados e do «aligeiramento de regulamentações, condicionamentos, exigências burocráticas, restricções e paralisações fiscalizadoras», supressão e aligeiramentos que, para o ortodoxo *Jornal do Comércio*, constituem «necessidade bem conhecida da vida portuguesa». Deus o ouça!

Aludindo a outros factos perturbadores do ambiente em que vai realizar-se o acto eleitoral, o dr. Oliveira Salazar resolveu «*fazer o ponto* a fim de medir a distancia a que os costumes se encontrám das leis e dos principios a que deveram obedecer». Para o chefe do Governo, o 28 de Maio impôs a um Estado caótico e desorganizado «um criterio de economia» e «um principio de severidade na administração e no exercicio dos lugares publicos», com os naturais reflexos «na direcção das economias domésticas e no modo de vida da população». Como exemplo de moralização do regimen, aponta o dr. Oliveira Salazar o estabelecimento de regras severas de acumulação e incompatibilidades e a compressão de remunerações excessivas «quando comparadas com a média de gastos privados».

Estará o dr. Oliveira Salazar sinceramente convicto de que neste ponto se aproximou do ideal dos seus esforços? Não terá ele olhos para ver os dispêndios desconformes com obras sumptuárias e festas estatais ou camarárias de novo-rico para gaudio de populações melancólicas? Encarnará ele «as medidas restritivas dos gastos publicos ou do exagero de importações sumptuárias» como a fácil correcção de um desvio episódio e sem consequências? Não terá ele meditado em que a montagem do Corporativismo estatal forneceu a tantos falhados e falidos pretexto para a reedição, em escala publica, dos erros ou crimes, que, na escala particular, os levaram á ruina e ao descrédito? Não lhe terão chegado rumores de frequentes subtilizações de dinheiro e da necessidade da intervenção da justiça para punição dos malefícios mais gritantes?

Releve-se-me este estado de espirito e a confissão de que não sei responder a tantas interrogações que a generalidade dos portugueses formula. A verdade é que um dilema se vai impondo á consciência publica, lenta mas seguramente: ou o dr. Oliveira Salazar, homem honesto, vive na lua, ou, propositadamente, tapa os ouvidos e cerra os olhos a estas torpes realidades, na esperança de conseguir modificar o meio pela sua acção metódica e persistente. Nesta ultima hipótese, os portugueses mais desapaixonados crêem que, nem que Deus lhe dê uma vida de Matusalém e, já caquético, o mantenha grudado ás cadeiras do Poder, terá tempo para corrigir os costumes, tão certo é que á mingoa de fiscalização desinteressada, o mal, em vez de atenuar-se, ir-se-á agravando gradual e progressivamente.

Afinal de contas, talvez a explicação consista em que o dr. Oliveira Salazar vaja o Mundo oposicionista com oculos negros e o Mundo situacionista com oculos cor de rosa e com o uso destes ultimos se permita achar reconfortante a ascensão do nivel de vida do povo português!

(Continua na página seguinte)

Produtos V. A. P. — PORTUGAL
V A' P
Elixir dentifrico concentrado
Formula inédita
Depositários gerais:
A venda nas boas casas da especialidade
Ventura d'Almeida & Pena
Rua do Guarda Mór, 20, 3.º Esq
(a Santos) LISBOA

O discurso do eng.º Cunha Leal

(Continuação da página anterior)

«Na sua deambulação desenfadada pelos meandros da conjuntura próxima, o dr. Oliveira Salazar teve ainda o ensejo de abordar o problema do banimento das familias ex-reinantes e o caso de D. Duarte Nuno. Deu o seu aplauso ao «projecto do deputado Botelho Moniz na ultima sessão legislativa, relativamente á revogação das chamadas leis de banimento, aplicável ao ramo português da Familia de Bragança», acrescentando que «ele próprio as tem deixado cair em desuso e as considera sem valor pela sua não-aplicação». Estou de acordo neste ponto com o chefe do Governo. Mas—há sempre uma adversativa nas coisas da vida—o projecto em questão continha ainda disposições de clemência relativamente ao sector oposicionista da nação e a essas disposições restritas, que eu e todos quantos pugnamos pela restauração da paz na familia portuguesa quiséramos muito mais latas, nem sequer alude o dr. Oliveira Salazar. A omissão é significativa. O seu espirito não conhece a virtude cristã do esquecimento e perdão. No seu entender discordar das suas opiniões é pecado mortal.

Revertamos, porém, ao problema monárquico. Quisera o dr. Oliveira Salazar que a descendência do pretendente fosse educada em Portugal e formada, física e intelectualmente, sob o influxo da terra e gente portuguesas. Quisera mesmo que se cedesse a D. Duarte Nuno o uso de um edificio patrimonial do Estado, digamos «o paço dos Duques em Guimarães, com beleza e com história». Reputa, contudo, «inconveniente para a tranquilidade da familia portuguesa a residência permanente no País do senhor D. Duarte Nuno».

Traduzamos isto em miudos. Para não se apoiar sobre o vácuo, o dr. Oliveira Salazar carece da simpatia dos monárquicos. Para tanto, faz-lhes vislumbrar, como solução possivel, a proclamação da monarquia, sem que no fundo a deseje. E compreende-se que assim seja. E' que, para a sua perduração infindável no Poder, representaria grave perigo a existência na cupula do Estado duma autoridade superior á sua, que poderia ser influenciada por pessoas não afins com êle e que pelas próprias exigências dinásticas eventualmente se visse forçada a desprender-se dele. Victor Manuel foi para Mussolini, durante um rôr de anos, um rei cómodo, mas, certo dia, derrubou o ditador. O espectro duma atitude similar torna o dr. Oliveira Salazar cauteloso, muito embora não o impeça de coquetear com os monárquicos.

A solução monárquica guarda-a, pois, numa gaveta para só a utilizar se se esgotarem todas as outras hipóteses de salvatério do seu regimen. Aviso aos incautos e... ao dr. Fesas Vital.

6—Inquietações no tocante á integridade do Império colonial

Já tive ensejo de referir-me aos perigos que, dia a dia, se vão adensando sobre os nossos territórios ultramarinos de Timor, Macau e India. A eles se reportou o dr. Oliveira Salazar de entrada com meritória franqueza, mais para diante curando de empequenecê-lo na mira de não causar excessivo alarme entre os portugueses.

Por elementar espirito de justiça e de decência moral, não imputei ao dr. Oliveira Salazar responsabilidades na deflagração deste fenómeno, embora fosse talvez compreensivel um pouco de parcialidade se atendermos a que tanta vez se tem aduzido em seu favor e para sua maior glória eventos que não ajudou a parturejar e são a consequência fatal do encadeamento de fenómenos externos com repercussões na ordem interna. Seria, porém, diminuir-me a mim próprio se ao partidarismo ingenuo ou interesseiro dos devotos do dr. Oliveira Salazar eu respondesse com uma atitude espiritual diametralmente oposta e, por conseguinte, eivada de vícios da mesma natureza.

Posto, pois, de banda o propósito de projectar responsabilidades sobre quem não as tem, vejamos qual seja neste momento a posição exacta do problema.

No tocante a Timor, o perigo situa-se ainda na categoria de perspectiva relativamente distante e filia-se no recrudescimento do espírito de independência na Indonésia, nascido da sementeira lançada á terra pelos japoneses de trágica memória. A doçura do nosso trato com os nativos e a carência duma «élite» local indígena, susceptível de apressar no Timor português a evolução do fenómeno, são razões para nos inspirar confiança em que uma política colonial audaciosa de assimilação, á base de defesa dos interesses materiais e espirituais dos indígenas, possa constituir um método eficaz de retardamento da cissiparidade timorense.

O caso de Macau é já bem diverso. Macau não é o produto duma política de conquista: foi uma porta voluntáriamente aberta por uma civilização milenária, mas estagnada, a outra civilização menos requintada, mas mais dinamica, que com ela chegada ao contacto e a seduzira por virtude da lei eterna dos contrastes. Local de refugio, teve sempre papel simpático no torvelinho constante das agitações do Sul da China. Mas os acontecimentos, precipitando-se, parecem tornar desnecessária esta função, desde que venha a implantar-se em corpo tão desmedido a férrea disciplina comunista. Ora não é de crer, a ser assim, que cedo ou tarde—mais cedo que tarde—o irridentismo chinês e a incitação do Kremlin deixem subsistir na sua periferia duas excrecências coloniais, a saber Hong-Kong e Macau.

Possível é que a sorte das duas esteja ligada porque os comunistas chineses, já chegados ao contacto com ambas, não achem de boa política começar por atacar o ponto mais fraco—Macau—para, depois, se abalançarem ao assalto do mais forte—Hong-Kong. Isto teria a desvantagem de pôr de sobreaviso a Inglaterra e os Estados Unidos e de lhes dar tempo para aperfeiçoamento dos seus meios de resistência e para o acerto duma política comum.

A complexidade da psicologia de chineses e russos é, porém, tão grande que bem pode verificar-se a hipótese contrária—tal seja a de provocarem este alarme nos meios anglo-americanos para lhes arrancarem concessões de outro modo de difícil obtenção, por exemplo o reconhecimento diplomático do Governo comunista e a cessação de todo o auxílio material e espiritual aos adversários nacionalistas, como opinam os ingleses sem até agora terem obtido a indispensável adesão dos norte-americanos.

Nesta emergência, o interesse nacional aconselha-nos a tentar fazer política afim com a das duas grandes nações anglo-saxónicas e interessá-las na defesa comum de Macau e Hong-Kong. Sem isso de pouco ou nada vale o modesto esforço da nossa guarnição local, por isso que nos falta o material aperfeiçoado das tropas terrestres de Hong-Kong, o seu volume e o concurso duma marinha e aviação poderosas. De resto, Macau é indefensável e uma resistência séria só serviria para causar umas tantas vítimas e, porventura, inscrever uma página tristemente gloriosa na nossa História militar. Não digo que a glória seja elemento dispiciendo na vida dos povos, mas não se vive só de glória.

Ora, para que a acção diplomática do dr. Oliveira Salazar houvesse de ter mais peso e prestígio, necessário se tornaria que ele pudesse apresentar-se—volto a afirmá-lo—no tablado internacional não apenas como o chefe de um dos dois bandos em que a nação se encontra dividida, mas como autêntico representante de todos os portugueses. Perante o perigo, urge cerrar fileiras. De resto, imaginemos que amanhã os pobres soldados portugueses da guarnição macaista tivessem de dar a vida para salvar a honra nacional. Não teria remorsos, com tal hipótese, quem, teimosamente, nesta maré alta de tristeza e desgraça nacional, continuasse dentro do País a dirigir do alto do Poder uma guerra sem quartel contra todos os portugueses não subservientes, que não se resignassem a pensar pela cabeça alheia ou não quisessem, hipócritamente, dar-se por convencidos?

Perdoe-se-me que esteja reeditando afirmações anteriores, mas a isso me induz o desejo de despertar a consciência adormecida dos portugueses. Assim, no caso da India não é menos imperativa a necessidade de unidade nacional. Aqui um Continente independentizado, bi-estadual, constata na sua ilharga a existência de dois minusculos domínios, um deles português. Neste ultimo uma obra multi-secular de assimilação criou uma população, em parte mestiçada, que, de modo genérico, esquece o seu indigenato por ter adquirido uma mentalidade portuguesa. Religião, usos e costumes, desprendimento de preocupações de casta, tudo a afasta, politicamente, da India e a incita a continuar considerando-se província do velho e longínquo Portugal.

Acontece, porém, que as nossas lutas políticas, o eclipse das nossas liberdades vêm sendo aproveitados pelos propagandistas índios para dar á tentativa de absorção da India portuguesa o aspecto de libertação de irmãos de raça oprimidos. Eu sei que se trata de um pretexto, mas sei também que as nossas querelas intestinas, decorrentes precisamente do teimoso conceito salazarista da existência colectiva, que dos indivíduos faz autómatos esmagados por um Estado multiforme e omnipotente, servem ás mil maravilhas os interesses da xenofobia indiana.

E, além de tudo o mais, uma Pátria em perigo deve—repito—encontrar irmanadas as almas dos portugueses. Mas esta irmandade — nunca é demais dizê-lo—não pode ser fictícia e sê-lo-ia se derivasse da submissão passiva de parte deles á outra parte e não resultasse de transigências de uns e outros. O dr. Oliveira Salazar preconiza a união na submissão — «perinde ac cadaver» —, ao passo que eu desejo alicerçá-la na mutua compreensão, no mutuo respeito e na pesquisa do denominador comum dos ideais dos vários sectores da Nação.

Esta que congite no caso para ver de que lado se situa a razão.

7—«Et inde?

E' forçoso, porém, descer dos altos cimos em que ficam situados os problemas que vimos de examinar até á planície rasa das mesquinhas questiunculas eleitorais. E', de resto, lei eterna da sinusoide da vida que nela os altos e baixos se sucedam com intercadência regular.

Como já por mim foi dito, os candidatos da lista regionalista do distrito de Castelo Branco não se iludem sobre a grandeza dos obstáculos que o Governo e a União Nacional estão pondo e continuarão a pôr no seu caminho.

Sabem que as consultas eleitorais ao País só visam a imprimir ao regime, para uso externo, uma aparência democrática e constituem pílulas amargas engolidas pelos sumos hierarcas da situação, com a quase antecipada certeza de que não hajam de acarretar-lhes a surpresa de dores de barriga, tal seria a eleição de uma ou mais listas de personalidades autenticamente independentes.

E, por isso, as leis eleitorais cada vez se tornam mais impeditivas de probabilidades de êxito para candidatos não carimbados pela União Nacional ou até para a simples apresentação das suas candidaturas. A actual, sob este aspecto, é um mínimo. E' assim que:

1) Eleva a 30 dias o intervalo mínimo entre a apresentação e aceitação das candidaturas e a data das eleições e permite convocação dos colégios eleitorais com a antecedência de 40 dias, o que reduz teoricamente a 10 dias, praticamente a 9 o praso de tempo deixado para acerto das listas e remoção dos correlativos obstáculos, tais como a obtenção da indispensável licença ministerial para a propositura de funcionários publicos;

2) Ao contrário da lei anterior, impõe que os candidatos sejam eleitores, em vez de, como ela, se limitar a exigir que tenham capacidade eleitoral, o que permite eliminações de candidatos, á ultima hora, com o singelo expediente de expungi-los dos cadernos eleitorais, para isso constituidos por folhas destacáveis;

3) Limita a fiscalização eleitoral efectiva ao apuramento distrital, precisamente quando a tarefa se resume a fazer o somatório das possíveis e já então irremediáveis falsificações das assembleias eleitorais primárias.

Acrescente-se a isto que:

1) Os cadernos eleitorais têm sido expurgados, sem contemplações, de quantos sejam considerados inimigos presumíveis do regime;

2) Aqui, no distrito de Castelo Branco, têm sido reeditados e amplificados até ao exagero os mais ominosos processos de intimidação e corruptela eleitoral, com dinheiro espalhado a rodos para satisfação de necessidades locais retardadas ou pouco prementes e com bastas promessas de nomeações para gáudio de apetites individuais imperativos;

3) A ultima hora, foi modificada a lista de candidatos da União Nacional, introduzindo-se no numero deles o nome de Monsenhor Carreto, membro prestigioso do clero provincial, com o fito de lançar no prato governamental da balança eleitoral o peso da influência católica.

Esta ultima circunstancia merece alguns reparos e não quero terminar a minha palestra sem os fazer. O justo renome do novo candidato pode, de facto, induzir o clero secular local a sair da sua natural posição de alheamento de conflitos políticos para se imiscuir — no pleito eleitoral, a pretexto da defesa dos interesses superiores do catolicismo. Suponho que esta conduta desagrade aos seus superiores hierárquicos, mas que estes possam ter certa relutancia e melindre em reprimir o fenómeno.

É que três dos candidatos da lista regionalista são católicos praticantes, como tais sobejamente conhecidos na região, e o quarto, que sou eu, tem um fundo espiritual de ativismo católico e tem sempre pugnado em prol da Igreja portuguesa. Assim o tem bastas vezes afirmado, publica e particularmente, com gentileza inexcedível, o seu mais alto hierarca, Sua Eminência o Cardeal Patriarca de Lisboa.

Parece, pois, no dizer de Sua Eminência, que a Igreja Lusitana tem uma dívida de gratidão para comigo. Resolveu agora Monsenhor Carreto começar a saldá-la, afirmando aos seus colegas do clero distrital que o seu triunfo eleitoral se torna necessário para defesa de Religião, o que tanto monta insinuar que a vitória dos candidatos regionalistas constituiria grave perigo para ela. Valha-nos Nossa Senhora!

Mas «à quelque chose malheur est bon». Sob a hábil batuta do sr. governador civil, está-se a desenvolver—repito—no nosso malfadado distrito uma política de mistificação eleitoral que deixa a perder de vista os mais negregados tempos do liberalismo decadente. E afirma-se, á boca cheia, que o fenómeno terá, como desenlace, uma escandalosa fraude nas secções de voto no próximo dia 13.

Custa-me, porém, a crer que o homem de bem, que é monsenhor Carreto, consinta em tornar-se beneficiário destes deslizes eleitorais, fingindo ignorar o que não viu, mas efectivamente se produziu, e cometendo assim grave pecado á face da exigente moral cristã.

Para honra da sua religião, monsenhor Carreto está obrigado a converter-se em acérrimo defensor da pureza do acto eleitoral e a lembrar, imperativamente ás autoridades que lhes cumpre pôr termo a indefensáveis pressões e aliciações eleitorais e a não realizar com os votos governamentais o milagre publico da multiplicação dos pães. E, se não puder evitar adulterações eleitorais, que, recuse a investidura de um cargo alcançado por meios condenáveis.

Um certo cepticismo se vai infiltrando na alma dos candidatos regionalistas. Que, ao menos os anime um sopro de virilidade numa fase da vida nacional em que os homens semelham o dócil rebanho dos «carneiros do Panurgio»!

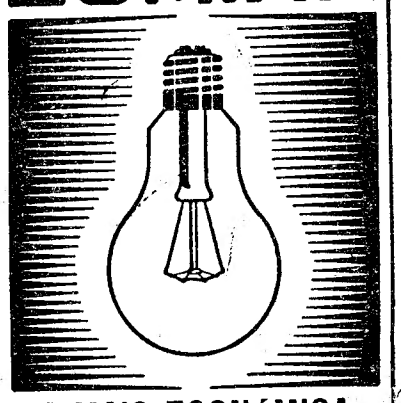
AO ULTIMO FIGURINO

ACABA DE RECEBER DE PARIS NOVAS SÊDAS, RENDAS E VELUDOS

As últimas côres da moda encontra V. Ex.ª nos nossos exclusivos de lãs para vestidos e casacos

20 — Rua Garrett — 24

LUMIAR



A MAIS ECONÓMICA

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo, executado em placa de cobre, de absoluta necessidade, em praxes protocolares, para pessoas de distinta condição social, bem como de bom gôsto. ANIBAL - Gravador - Rua Nova do Almada, 64 - LISBOA. A casa que melhor trabalha

ERRES

E' a marca de um dos melhores aparelhos de rádio...

...Mas é mais do que isso...

?

NÃO ERRES: COMPRA ERRES!

TEATROS E CINEMAS

Um inquérito

aos exames no Conservatório

O Ministério da Educação Nacional ordenou um inquérito á forma como decorreram as provas de aptidão para obtenção da carteira artista teatral, que recentemente se fizeram no Conservatório Nacional e á acção do respectivo juri.

Como o «Diário de Lisboa» logo se apercebeu de que alguma coisa carecia não decorrer em termos absolutamente normais, dando pronto alarme dessa inquietação que se percebia no ambiente, não podemos deixar de aplaudir a decisão ministerial. A ideia de se pedir e se ordenar um inquérito não envolve, porém, a ideia da condenação seja de quem for, mas apenas a do esclarecimento de uma situação que muitos tinham como menos normal, ao menos na aparência. E, deste modo, as próprias entidades que vão ser submetidas ao inquérito não poderão também deixar de receber com alivio o processo que ponha termo a essa atmosfera de duvida. O teatro está por demais infestado de equívocos e até de suspeitas para que pudesse deixar-se passar em claro mais este inquietante episodio, que efectivamente convém pôr a claro.

Atrás do reposteiro

A actriz-cantora Maria Judice, que se encontra na Casa dos Artistas em Milão, está restabelecida da doença que a reteve no leito durante alguns dias.

—A estreia da revista do Teatro Avenida deve fazer-se nos primeiros dias do próximo mês de Dezembro.

—Com forte ataque de gripe, encontra-se há dias de cama a actriz Branca Velez, do elenco que vai para o Teatro Sá da Bandeira, do Porto.

—Está em projecto, para depois do regresso do actor João Villaret do Brasil, para onde parte no fim da corrente semana, uma «tournée» de revistas com este artista e uma vedeta internacional que se encontra presentemente em Portugal.

—Consta que o quarteto de João Alcixo volta a exibir-se no Alvalade.

—Os numeros que o actor Costinha interpreta na revista «Fogo de vistas», que está em ensaios no Maria Vitoria, intitulam-se «Rosa Fadista», «O homem da nota» e «O homem das saudes».

Uma peça que triunfou

O exito alcançado na noite da estreia pela deliciosa comedia de Herczeg, «A Raposa Azul», no Teatro da Trindade, tem-se afirmado nas noites seguintes por forma a garantir-lhe uma carreira triunfal. O publico recebeu com o maior agrado a peça e a crítica referiu-se-lhe nos termos mais elogiosos. «Uma peça que vale a pena ver porque nos faz sorrir inteligentemente, o que é mais dificil que fazer rir»—escreveu com inteira justiça o critico teatral do nosso prezado colega «A Voz», Luigi Gario.

E o «Diario de Noticias», pela pena de Cristiano Lima, afirmou: «Tudo nesta peça decorre com surpreendente naturalidade... Nos três actos, continuamente a ironia e a emoção se alternam e o publico é subjugado por um mistério que a muitos parece facil dissipar...».

Um excelente desempenho, em que sobressai o trabalho notavel de Brunilde Judice, Raul de Carvalho e Alves da Costa, assegura á «Raposa Azul» a categoria de um magnifico espectáculo, sorridente e emotivo, frivolo e profundo ao mesmo tempo. Trata-se de uma peça que honra a literatura dramática e dispõe bem o publico, proporcionando-lhe um divertimento da melhor qualidade.

Cinema de amadores

A revista «Cinema de Amadores» promove, no dia 16, ás 21e 30, nos seus estudios da Rua Augusto Rosa, 58, 1.º, (á Sé), uma sessão de cultura e divulgação cinematográfica. Serão apresentados filmes de Mário de Aguiar e Alberto Schmidt, uma produção Pathé Baby Portugal e «Rêve de Noel», 1.º prémio internacional de Cannes 1946.

A Orquestra do «Maio Musical Florentino»

«Sinfonia Heroica», de Beethoven, e a «6.ª Sinfonia», de Tschaikowsky, nos grandiosos concertos, quarta e quinta-feira, no Coliseu

Cresce a expectativa do publico para admirar, quarta e quinta-feira, no Coliseu, em dois unicos concertos, a famosa Orquestra do Maio Musical Florentino, regida pelo insigne maestro Igor Markevitch. O programa do dia 16 é constituido pela «Sinfonia Heroica», de Beethoven, allegro, marcha funebre, «scherzo» e final; «As Travessuras de Till Enlenspiegel», de Strauss, e «Quadros duma Exposição» (audição integral) de Mussorgsky—Ravel.

Na quinta-feira: a «6.ª Sinfonia» (Patética) de Tschaikowsky (adagio, allegro non tropo, allegro com grazia, allegro molto vivace, finale, adagio lamentoso); abertura da ópera «Força do Destino», de Verdi; «La Pisanella» (suite) de Pozzetti, e «O chapeu de três bicos», de Falla. Bilhetes á venda no Coliseu.

CRISTAL HOJE continua a FESTA REGIONAL

com um extraordinário programa de famosas atracções num ambiente de alegria

BALLET ROSAS DE ESPAÑA

JOSEFINA MARIA — JUAN LEGIDO e MANOLO NAVARRO

nos seus encantadores e alegres quadros flamencos castiços

ESTER DE MURILLO e IZABELITA GUERRA

Grandioso êxito da gentil vocalista SARITA MONTEZ

ORQUESTRA TAVARES BELO | ORQUESTRA TONY AMARAL and his Boys e o seu famoso animador MAX

No PATIO ANDALUZ e no SALÃO DE FESTAS FERNANDA PERES, a maior revelação do Fado,

Hoje: CHA' DANÇANTE das 17,30 às 20 horas com todas as notáveis atracções do CRISTAL

JULIA MENDES PARQUE MAYER

EMP.ª M. A. GARCIA

Modesto Maia

Animador: *Modesto Maia* HOJE, FADOS, CANÇÕES e HUMORISMO, com Natividade Pereira, Modesto Maia, Amélia Maria, Joaquim Silveirinha, Odilia do Amaral, Armando Dias e o rei da comicidade Joaquim Cordeiro. Raul Nery e Castro Mota. ENTRADA 5$00

Amanhã, NATÁLIA DOS ANJOS e CARLOS RAMOS.

LUSO

T. da Queimada, n.º 8-A — Telef. 32889 —

Alice Magina

Animador Filipe Pinto HOJE CANÇÕES por Toni de Matos. FADOS por Quinita Gomes, Joaquim Geraldes, Alice Magina, Tristão da Silva, Berta Santos. FADOS HUMORISTICOS por António dos Santos. Acompanhamentos por Casimiro Ramos e Miguel Ramos.

ARCADIA DANCING DE LUXO

O melhor programa de variedades de Lisboa

Exito clamoroso do Ballet Internacional **SACHA GOUDINE**

Musica alegre e constante pelas orquestras **RIO CLUB** e ARCADIA

OUTRAS GRANDES ATRACÇÕES

Exito da aplaudida parelha de baile e canto gitano **OLYMPIA y RAGA**

Na próxima semana UMA SENSACIONAL ESTREIA

Para um bom retrato

é necessário um fotógrafo paciente e de bom gosto, e este encontram V. Ex.as na

FOTO ACHILLES

Av. Almirante Reis, 1-E (próximo da Garage Lys)

OLIMPIA CLUB O MAIS ANIMADO DANCING DE LISBOA — Telef. 20919 —

O MAIOR E O MAIS COLOSSAL PROGRAMA DE VARIEDADES DE LISBOA, COM AS INSINUANTES E FORMOSAS BAILARINAS

AMPARITO MARTISAN — MARTA DE CASTILLA

CARMEN UBILLA — VIRGINIA BANDERA — SILVYA MONTE

e a ORQUESTRA OLIMPIA com o seu vocalista HERLANDER

HOJE às 21 e 45

Ginásio TELEFONE 20556

Ultimo Domingo da engraçadissima comedia de Paul Gavault, tradução de Mello Barreto

A SOPA NO MEL

com MARIA PAULA, LUZ VELOSO e um grandioso elenco artistico

Todos os dias «MATINÉES» VERMUTE, com o alegre filme alemão O PILOTO AZELHA

São Luiz Só hoje e amanhã

A MULHER DO OUTRO

Um filme apaixonante, com Greer Garson, Robert Mitchum e Richard Hart

T. 27172-A's 21 e 30 «Matinées» diárias

Politeama TELEFONE 26305 HOJE ÁS 21.30

3.ª semana do maior êxito do ano: **Joana d'Arc**

em (color.) genial criação de Ingrid Bergman

Hoje, ás 18 e 30, e dias seguintes: A arrojada fantasia **«O Gigante Africano»**

CAPITOLIO

A's 21 e 30 Telef. 27493

A sensacional fantasia **O Gigante Africano** com Terry Moore e Ben Johnson

Uma arrojada novidade!

Atenção: Este filme exibe-se hoje e dias seguintes ás 18 e 30, no POLITEAMA

LIS Tel. 48560 A's 21 e 15 — A vida de um toureiro / Ritmo diabolico

REX Telef. 29536 A's 21 e 15 — Sonata de amor / Dulcy, a desastrada

JARDIM CINEMA Tel. 63065 — A's 21 — AVENTURAS DE D. JUAN / Não vale a pena roubar

TIVOLI Telef. 50595 A'S 21,30

Despedida do filme **O fosso das viboras**

Poderosa e dramatica superprodução com a genial artista Olivia de Havilland

EDEN Telef. 20768 AS 21.30

Três minutos de Vida

Emocionante filme, com Bárbara Stanwyck e Burth Lancaster

«Matinées» diárias

CONDES AS 21.30 Telef. 22523

16.ª semana do exito nacional **Sol e Toiros** com Manuel dos Santos

A's 18 e 30 todos os dias

ESTRANHO DESTINO a preços reduzidos

ODEON A's 21 e 30

PALACIO A's 21 e 30

O inferno do ciume

um romance de Tolstoi com musica de Liszt, interpretada por Zully Moreno e Pedro Lopez Lagar

«MATINÉES» DIARIAS

TERRASSE Telef. 20917 — A's 21 e 15 — A vida de um toureiro / Ritmo diabólico

CASINO ESTORIL A's 21 e 30 — **Rosa Silvestre** com Dennis Morgan

HOJE à noite

convide a sua esposa e vá ver ao

APOLO

às 21.45 h. — Telefone 28643

O grande êxito de bom teatro!

Filipe II

Tragédia em 5 actos de Alfieri

com os novos actores dos "Companheiros do Páteo das Comédias"

E em fim de espectáculo verá ainda:

a comédia em 1 acto de Feydeau

A SOGRA DE LUIZ XIV

GENTE NOVA

TEATRO DIFERENTE

PREÇOS BARATOS

TRINDADE Hoje, ás 21 e 45 EM PONTO

A comédia de grande êxito, de Herczeg, tradução de NORBERTO LOPES

A RAPOSA AZUL

com BRUNILDE JUDICE, MARIA FERNANDA, ALVES DA COSTA, RAUL DE CARVALHO, PAIVA RAPOSO e ANTÓNIO CRUZ

VARIEDADES

EM 2 SESSÕES, às 20,45 e 23 h.

A COMEDIA DE EXITO COLOSSAL

QUEM MANDA SÃO ELAS!

com MARIA MATOS - VASCO SANTANA

ANTONIO SILVA - M. HELENA e RIBEIRINHO

MARIA VITORIA

Em 2 sessões, às 20,30 e às 22,45

Ultima noite despedida da revista da alegria e das mil gargalhadas

ESQUIMÓ FRESQUINHO!

com a vedeta da popularidade LAURA ALVES, — Leónia Mendes, Ema de Oliveira, Carlos Leal, Santos Carvalho, Eugénio Salvador, João Perry, Arminda Vidal e Aura Ribeiro a voz de oiro do fado.

Piedade Nunes

O ESTRIBO

RESTAURANTE TIPICO

Trav. da Queimada, 4

Esmerado serviço de cozinha

Fados e guitarradas. HOJE, cantam: Piedade Nunes, Manuel Fernandes e outros artistas. Aberto até às 2 horas. Reabre as 5.

Leiam o jornal humorístico

sempre fixe

O ACTO ELEITORAL

Os primeiros resultados

conhecidos durante a tarde no Ministério do Interior

(Continuação da 1.ª página)

Na freguesia das Escolas Gerais, funcionou uma unica secção de voto. O acto realizou-se na sede da Junta de Freguesia, no Palácio de S. Vicente. Presidiu o sr. dr. Pedro Paulo Mendonça Soares, e, ao meio-dia, já tinha exercido o direito de vito mais de metade dos eleitores inscritos. Aqui votaram os srs. coroneis Santos Pedroso e Bandeira de Lima, engenheiro Fernando Barata, etc.

A secção de voto da freguesia da Graça funcionou na sede da respectiva Junta, na Calçada de Santo André. Foi seu presidente o sr. Agnelo Morão Pereira e exerceram o direito de voto, entre outras individualidades, os srs. engenheiro Espregueira Mendes, director-geral da C. P.; drs. Fernando Pessoa e António Castanheira, a familia do sr. conde da Figueira, prof. dr. Azevedo Neves e muitos funcionários publicos.

Na populosa freguesia de Monte Pedral funcionaram quatro secções. Na primeira, Rua Ruy Barbosa, sede da Junta daquela freguesia, presidiu o sr. Albano Pimenta Araujo. Votaram em especial muitas senhoras, professoras e enfermeiras, e oficiais do Exército e da Marinha reformados. Na segunda secção de voto, a que presidiu o sr. António Rodrigues, os votantes foram em elevado numero, na sua quase totalidade pertencentes ás classes pobres. A 3.ª secção funcionou na Escola Primária n.º 69, sob a presidência do sr. capitão José Elísio Gonçalves Louro. O acto decorreu com interesse, registando-se grande numero de senhoras, algumas das quais de avançada idade.

Na Escola Primária n.º 69, na Rua dos Sapadores, foi instalada a 4.ª secção, a que presidiu o sr. dr. José Maria Valente Nogueira. Até pouco antes das 12 horas, houve sempre bicha de votantes, tendo aí comparecido, para exercer o seu direito de voto, entre outras pessoas, os srs. drs. Ruben de Carvalho, chefe do gabinete do sr. ministro da Justiça, Rodolfo Lavrador e Leopoldo Figueiredo.

Nos edificios escolar masculino do Bairro da Encarnação, e da Escola Oficial n.º 53, na Rua Vale Formoso de Baixo, funcionaram, respectivamente, as 1.ª e 2.ª secções da freguesia dos Olivais. Ambas registaram elevado numero de eleitores.

Na freguesia de S. Tiago, secção unica, que se realizou na sede da respectiva Junta, no Largo dos Loios, sob a presidência do sr. Carlos Augusto Pavia Passetti dos Santos, exerceram o seu direito de voto, entre outras individualidades, os srs. drs. Formosinho Sanches e José Almeida Azevedo, director da Cadeia do Limoeiro, e muitas senhoras, entre as quais a sr.ª D. Maria Teresa da Cunha, que se distinguiu nos trabalhos de propaganda neste acto eleitoral.

A secção de voto da freguesia de Santo Estêvão funcionou na sede da Junta de Freguesia, na Rua dos Remédios. Presidiu o sr. Eduardo Rodrigues Caldeira e os trabalhos iniciaram-se ás 10 horas. Ali votaram, entre outras individualidades, os srs. eng. Azevedo Coutinho e conde de Vale de Reis. Compareceu também a entregar o seu voto o invisual Manuel Vieira, de 85 anos.

Na Escola Primária n.º 10, na Costa do Castelo, funcionou a secção de S. Cristóvão e S. Lourenço, a que presidiu o José Lucas Coelho dos Reis. Votaram vários funcionários do Estado, os titulares condessa de Vila Flor, conde de Alpedrinha e as famílias Ponte Lima e Castelo Melhor.

S. Miguel, secção unica, funcionou na sede da respectiva Junta de Freguesia, no Largo da Cantina Escolar n.º 10. Presidiu o sr. Adriano Rodrigues do Paço. Entre os eleitores que entregaram o seu voto, destacou-se o entrevado Januário Jorge, de 94 anos, residente na Rua de S. Miguel, 7, 4.º, que se fazia acompanhar de duas pessoas de familia.

A' secção de voto da Sé e de S. João da Praça, instalada na Escola Primária n.º 51, presidiu o sr. Alberto Mota Mouro Resende Costa. Entre os votantes, destacaram-se os srs. drs. Mário Mira Casal Ribeiro e Manuel Gouveia, médico da Armada, e o ex-prior da freguesia, rev. José Augusto Rodrigues Ribeiro, que recentemente regressou do Brasil.

A votação no 2.º Bairro

Nas secções de voto do 2.º Bairro de Lisboa, distribuidas desde Arroios a S. Julião, abrangendo, portanto, uma parte da Baixa, registou-se uma grande afluência de eleitores, entre os quais se via uma larga percentagem de senhoras. O novo sistema de votar evitou as aglomerações de pessoas que aguardavam a sua altura de entregar a lista. A votação nem por isso deixou de ser contínua, pois a entrada e saida de pessoas fez-se constantemente, a partir das 9 horas. Registou um afrouxamento á hora do almoço, para prosseguir á tarde, até perto das 17 horas.

No Instituto Nacional de Estatística estiveram a votar, entre outras pessoas conhecidas, o sr. ministro das Colónias; o sr. dr. Ulisses Cortês, da Comissão Executiva da União Nacional; o sr. conde de Almada, a poetisa D. Oliva Guerra, etc.

Nas secções de Arroios, registou-se igualmente uma grande afluência de eleitores e formaram-se algumas bichas, mas o serviço da votação decorria com grande rapidez. Os srs. ministro da Economia e o general reformado Amilcar Mota votaram na secção instalada na sede da Junta de Freguesia.

Na Penha de França funcionaram quatro secções de voto, que registaram intenso movimento durante toda a manhã, vendo-se entre os eleitores muitas pessoas do sexo feminino. Ali votou também o antigo governador colonial sr. coronel reformado Vaz Guedes, o qual, apesar de muito doente, não quis deixar de comparecer, acompanhado por pessoas de família.

Quando ali estivemos, chegou o governador civil de Lisboa, sr. Mário Madeira, que andava a percorrer as várias secções de voto da cidade e a inteirar-se da forma como decorriam as eleições.

Na Faculdade de Medicina funcionaram outras secções, numa das quais deixaram as suas listas os srs. cardeal-patriarca de Lisboa e arcebispo de Mitilene.

Nas secções da Conceição Nova, do Clube Estefania e da Encarnação, a votação decorreu durante toda a manhã com importante afluência de eleitores. O mesmo se verificou, também, na Biblioteca Nacional, no Largo do Carmo, na Rua Alves Correia e nas restantes secções de voto do 2.º Bairro.

Alguns militares que compareceram, fardados foram cortêsmente informados pelos presidentes das mesas de que não podiam votar, em virtude dos novos regulamentos em vigor não permitirem que os militares em serviço activo votem, a não ser para a eleição do chefe do Estado.

A maior assembleia eleitoral

O Liceu de Camões, com as suas oito secções de voto da freguesia de maior numero de eleitores inscritos, a de S. Sebastião, oferecia aspecto mais regular que em anos anteriores, devido á solução de se poder votar sem necessidade de aguardar a chamada e apenas com a demora da altura de cada um nas «bichas». Assim puderam funcionar regularmente seis mesas no ginásio e duas em salas anexas, nas quais votaram personalidades destacadas, como o ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Caeiro da Mata; da Justiça, dr. Cavaleiro Ferreira, e da Marinha, comandante Américo Tomás; governador civil de Lisboa, dr. Mário Madeira; presidente do Municipio, tenente-coronel Salvação Barreto; o chefe de gabinete da presidência do Conselho, dr. José Manuel da Costa; o antigo ministro da Marinha, almirante Mesquita Guimarães; o comodoro Vasco Lopes Alves, comandantes Sarmento Rodrigues e Tenreiro, etc.

Mais tarde, no Liceu Camões, procedeu-se ao deslobramento dos cadernos, em mesas suplementares, para evitar demoras.

Na Faculdade de Ciências funcionaram, pelo mesmo processo, duas mesas, situadas no pátio de entrada, e nelas votaram o procurador geral da Republica, dr. Francisco Caeiro, o presidente da Assembleia Nacional, dr. Albino dos Reis; e o «leader», professor dr. Mário de Figueiredo; e os subsecretários de Estado da Assistência Social, dr. Trigo de Negreiros; das Corporações, dr. Mota Veiga, e das Colónias, eng. Rui de Sá Carneiro.

Na Faculdade de Letras havia duas mesas, em duas salas do 1.º andar, votando ali o novo ministro de Portugal em Berne e antigo director do S. N. I., sr. António Ferro.

A sr.ª D. Tereza Amélia Battaglia Pereira da Silva votando na freguesia do Lumiar

Nas restantes freguesias do 3.º bairro adoptou-se o processo antigo e o novo, conforme abrangem menos ou mais de mil eleitores, decorrendo o acto eleitoral dentro da maior normalidade.

O chefe do Governo votou no liceu de Pedro Nunes

No Liceu de Pedro Nunes, funcionaram as oito secções da freguesia de Santa Isabel, do quarto bairro, que, logo desde a sua abertura, ás 9 horas, tiveram larga concorrência, vendo-se avultado numero de senhoras.

A's 10 horas, chegou o sr. tenente-coronel Santos Costa, ministro da Guerra, que era aguardado pelo sr. coronel Esmeraldo de Carvalhais e que votou na 3.ª secção, retirando-se em seguida.

Aquele ministro pôde votar, porque o artigo 43 do decreto-lei n.º 36.304, de 1947, que criou o Estatuto do Oficial do Exército, dispõe que não possam exercer o direito de voto os oficiais em serviço efectivo, mas exceptua os membros do Governo, os deputados, os candidatos ás eleições e os que exerçam cargos administrativos.

Também na mesma secção, votou, mais tarde, o sr. professor Fernando Pires de Lima, ministro da Educação Nacional.

O sr. engenheiro José Frederico Ulrich,, ministro das Obras Publicas, que devia votar na 5.ª secção, enviou, ao presidente da respectiva mesa, um pedido de dispensa de votar na mesma.

A' 3.ª secção presidiu o sr. visconde de Santo Tirso, a quem acompanharam, desde a abertura dos trabalhos, diversas pessoas conhecidas, como o vereador sr. arquitecto Vasco de Morais Palmeiro (Regaleira), o médico sr. dr. Sebastião Centeno Fragoso, e o sr. dr. Afonso Marchueta.

A' entrada da secção, no átrio do edificio, em grande parte cheio pela «bicha» dos eleitores, conservaram-se, durante muito tempo, numerosos populares e muitas senhoras, porque se sabia que ali votaria o chefe do Governo.

A certa altura, todos se impressionaram com a entrada dum velhinho paralítico, amparado por duas pessoas, que não quís deixar de exercer o seu direito de voto.

A's 10 e 45, chegou á secção o sr. dr. Felner da Costa, director administrativo da Emissora Nacional, o qual anunciou que, dentro de momentos, chegaria o sr. presidente do Conselho.

Efectivamente, um minuto depois, ouviram-se palmas e «vivas» de populares que se encontravam na Avenida Alvares Cabral, logo seguidos por outras calorosas aclamações da gente que já enchia o átrio.

O sr. professor Oliveira Salazar, que agradeceu, sempre sorridente, as saudações que lhe eram dirigidas, foi aguardado, á porta do edificio, pelos srs. engenheiro Cancela de Abreu, ministro do Interior, que, pouco antes, votara numa secção da freguesia da Lapa, instalada no ginásio da Mocidade Portuguesa, na Rua Almeida Brandão; drs. Ulisses Cortês e França Vigon, da comissão executiva da União Nacional; dr. Mário de Gusmão Madeira, governador civil de Lisboa; coronel Mário Cunha, comandante geral da Policia de Segurança Publica; tenente-coronel Monteiro Libório, comandante da Policia de Segurança Publica de Lisboa; capitão Agostinho Lourenço, director da Policia Internacional e de Defesa do Estado; comandante Henrique Tenreiro e coronel Esmeraldo de Carvalhais—que abriu o cortejo, entre constantes e vibrantes aclamações.

Feito um silêncio de alguns segundos, e sob as atenções vigilantes e diligentes das objectivas fotográficas, o chefe do Governo depositou a sua lista nas mãos do sr. visconde de Santo Tirso, e retirou-se, logo em seguida, no meio de novas aclamações:

—Viva o Estado Novo! Viva o sr. marechal Carmona! Salazar! Salazar! Salazar!

O sr. presidente do Conselho—que era acompanhado pelo seu chefe de gabinete, sr. dr. José Manuel da Costa—agradecia, sorrindo, as palmas e os «vivas» que se prolongaram fora do edificio.

No mesmo local, votaram, entre outras personalidades em destaque, os srs. professor José Gabriel Pinto Coelho, reitor da Universidade de Lisboa e presidente da Camara Corporativa, e general Peixoto e Cunha, administrador geral do Exército.

Neste bairro, os eleitores da freguesia da Ajuda votaram todos nas quatro secções instaladas na Escola Primária n.º 19, na Rua Nova do Calhariz; os de Alcantara nas quatro secções da Escola Primária n.º 56, na Rua 1.º de Maio, 3, ao Largo do Calvário; os de Belém nas três secções das Escolas Primárias 107 e 108 do Bairro Económico daquela freguesia; os da Lapa nas duas secções do ginásio da Mocidade Portuguesa, na Rua Almeida Brandão, 39, e numa que funcionou no Instituto Industrial de Lisboa, na Rua de Buenos Aires, 16; e os de Santos nas duas secções instaladas na Escola Primária 18, na Rua das Janelas Verdes, 108, e no Quartel do Batalhão de Sapadores Bombeiros, na Avenida D. Carlos I.

Todas estas assembleias estiveram muito concorridas.

O chefe do Estado votou no Lumiar

A's 14 horas, o sr. presidente da Republica, acompanhado dos srs. comandante Nuno de Brion e major Carvalho Nunes, chegava de automovel á sede da junta de freguesia do Lumiar. Logo a seguir, de outro automovel, descia a esposa do chefe do Estado, sendo ambos imediatamente rodeados dos srs. ministros do Interior, governador civil de Lisboa, dr. França Vigon, da Comissão executiva da U. N., comandante Tenreiro, presidente da Junta Central das Casas dos Pescadores—e o presidente da mesa da assembleia, sr. D. Bernardo da Costa (Mesquitela).

O sr. D. Bernardo da Costa Mesquitela fazia a chamada:

—Numero 215, António Oscar de Fragoso Carmona!

O sr. presidente da Republica passou então a sua lista ao presidente da junta, sr. Vítor Santos Silva, enquanto fazia a descarga no livro respectivo, o secretário da mesa, sr. Jorge Oliveira Boturão.

Seguidamente, votou a sr.ª D. Maria do Carmo da Silva Carmona, enquanto uma equipa especial da E. N. procedia á gravação da cerimonia.

A' saida, o chefe do Estado e sua esposa detiveram-se a conversar ligeiramente com a sr.ª D. Teresa Amélia Battaglia Pereira da Silva, cunhada do poeta João de Deus e que é a eleitora mais velhinha da freguesia do Lumiar. Faz 97 anos em Fevereiro e era acompanhada por duas filhas, já idosas, as sr.as D. Maria de Lourdes e D. Maria Teresa Battaglia Pereira da Silva, e, ainda, de duas serviçais que também votaram.

—Que viva ainda mais 97 anos, minha senhora!—disse num cumprimento á veneranda eleitora, o sr. presidente da Republica, ao apertar-lhe a mão, despedindo-se.

Nesta assembleia, ao contrário do que se fez nas restantes, procedeu-se á chamada de eleitores pela manhã e á tarde, segundo o hábito em eleições anteriores.

(Continua na 11.ª pag.)

Os primeiros resultados conhecidos

e as primeiras declarações do ministro do Interior

Ao Ministério do Interior, depois das 14 horas, começaram a chegar as primeiras noticias do acto eleitoral. Já ali se encontravam o respectivo ministro, sr. engenheiro Cancela de Abreu, e o director geral da Administração Politica e Civil, sr. dr. António Pedrosa Pires de Lima, além de funcionários daquela Direcção Geral e da União Nacional.

Informações recebidas oficialmente relatam que, nos distritos de Castelo Branco e Portalegre, onde havia listas de oposição, o acto eleitoral decorreu com a maior tranquilidade, podendo acrescentar-se que os numeros ali apurados garantem ampla vitória das listas da União Nacional.

Até ás 15 horas, foram recebidas de Portalegre indicações dos seguintes resultados:

Concelho de Alter (sede), União Nacional, 370; Oposição, 60. Chancelaria, União Nacional, 80; Oposição, 47. Sêda, União Nacional, 121; Oposição, 7.

Concelho de Castelo de Vide (Santa Maria), União Nacional, 451; oposição, 23. S. João, União Nacional, 213; Oposição, 5. Povoa e Meadas, União Nacional, 122; Oposição, 17.

Concelho de Monção (Beira), União Nacional, 187; Oposição, 0. Aviz, União Nacional, 164; Oposição, 74. Gavião (sede), União Nacional, 264; Oposição, 158. Comenda, União Nacional, 101; Oposição, 75.

A contagem foi verificada por pessoal da Casa do sr. dr. Pequito Rebelo.

O sr. eng. Cancela de Abreu, ministro do Interior, confiou aos jornalistas em serviço na Arcada, as primeiras impressões sobre a forma como decorreram as eleições.

Cerca das 15 horas, no seu gabinete, disse:

—A esta hora, as minhas impressões sobre a demonstração eleitoral de hoje não podiam ser mais agradáveis. As noticias já recebidas indicam que, muito para além da expectativa, a afluência ás urnas se aproxima da de Fevereiro, em muitas assembleias. Quanto a Portalegre e Castelo Branco, distritos em que as listas dessidentes tinham o apoio do chamado M. U. D., a vitória das listas da U. N. está a definir-se por esmagadora maioria.

Os primeiros resultados de Lisboa

Até ás 16 e 30, os resultados conhecidos no Ministério do Interior, no apuramento de votos em Lisboa, eram os seguintes: Castelo, 476 inscritos, 386 votos (81 por cento); S. Miguel, 680, 426 (62,6 p. c.); Conceição Nova, 389, 294 (75,5); Madalena, 390, 311 votos (71); Restauradores, 854, 659 (77,2 por cento); S. Nicolau, 556, 389 votos (69,5); Ameixoeira, 407, 396, (73 por cento).

NA TAPADINHA

Um rapaz morto
por uma chapa de zinco
levada pelo vento
durante um desafio

O vento fortissimo que hoje soprou deu origem a um lamentável desastre no campo da Tapadinha, de que resultou a morte de uma criança.

Eduardo T. Pereira

Pouco depois das 11 e 30—começara a disputar-se o jogo de juniores Atlético-Estoril—uma rajada de vento levantou uma das chapas de zinco que cobria o lado Norte da bancada daquele campo e levou-a pelo espaço. A pesada chapa deu duas voltas no ar e foi cair nas traseiras das referidas bancadas.

A previsão das consequências do desastre alarmou logo todas as pessoas que se encontravam naquele campo de jogos. E era certo. A chapa caía, daí a instantes, com grande estrondo, sobre três automóveis particulares que no local estacionavam, danificando-os grandemente, mas, pior do que isso, na sua queda, atingia um garoto que alegremente corria do campo de basquetebol para o de futebol. O rapazito, de nome Eduardo Taborda Pereira, de 14 anos, olhou surpreso a chapa voadora, deve ter pretendido evitar o perigo, correu mais, mas a chapa apanhou-o em cheio. No unico automóvel que nada sofrera, conduziram-no ao banco do hospital de S. José, onde chegou sem fala e onde faleceu momentos depois de ali ter dado entrada.

A confusão e o alarido foram grandes, mas, além da morte do garoto, não havia mais desastres pessoais a registar.

Os Sapadores Bombeiros que ali compareceram, pouco depois, procederam ao escoramento do resto da cobertura.

Se este desastre se tivesse dado momentos antes haveria por certo a lamentar consequências muito mais graves, pois fatalmente a chapa atingiria grande numero de pessoas que saiam por aquele local, após ter terminado um outro jogo de futebol.

O infeliz rapaz, que morava na Rua das Necessidades, 42, r/c., era filho de Jaime Pereira e de Maria Rosa Pereira, que sofreram uma violenta comoção ao ser-lhes dada a notícia do terrível desastre.

BASQUETEBOL
Campeonato de Lisboa

Prosseguiu hoje o Campeonato de Lisboa de basquetebol, tendo-se registado os seguintes resultados:

Divisão de honra—Benfica-Belenenses: 2.as, 35-23; 3.as, 15-16 e juniores, 9-16. Algés-Lisboa Ginásio;: 2.as, 40-22; 3.as, 43-25 e juniores, falta de comparência do Lisgás. Atléticores, falta de cofparência do Lisgás. Atlético-Moscavide: 2.as, 20-10; em 3.as juniores ganhou o Atlético.

I Divisão—Campolide-Boa Hora: 1.as, 31-27; 2.as, 29-27 e 3.as, 25-24. Pedrouços-Carnide: 1.as, 20-17; 2.as, 14-24 e 3.as, 12-33. Campo de Ourique-Ateneu: 1.as, 18-21; 2.as, 24-29; 3.as, 32-25 e juniores, 6-18.

II Divisão—Pena-C. P.: 1.as, 28-20; 2.as, 6-48. Casa Pia-Combatentes: 1.as, 12-10; 2.as, 36-12. Maria Pia -Tabacos: 1.as, 24-11; 2.as, 20-12; 3.as, 30-18. Queluz-Nacional: 1.as, 41-12; 2.as, 31-30; 3.as, 24-20; juniores, faltou o Nacional.

III Divisão—«Espirito Santo»-Liberdade: 1.as 3-47; 2.as, faltou o «E. S.». Matadouro-Arroios: 1.as, 27-12; 2.as, 43-7. Técnico-Olímpico: 1.as, 45-12.

MOTO-NÁUTICA
As provas do Clube Naval de Lisboa

O interessante desporto da motonáutica está a merecer do simpático Club Naval de Lisboa um interesse muito de aplaudir.

Nos ultimos domingos, sempre que as condições do tempo o têm permitido, têm-se realizado provas destinadas ao apuramento da equipa representativa do clube, as quais se têm desenrolado com interesse e curiosidade do publico que as presenceia.

A serie de competições prosseguiu hoje, apesar das condições um pouco desfavoráveis do rio, com vento Nordeste forte e ondulação acentuada. Os concorrentes estiveram hoje em prova desde as 9 ás 13 horas e no final desta jornada, a quarta, ficou á frente da classificação a tripulação constituida por Honorato Macara e António Calixto, logo seguida pela tripulação Fernando Gonçalves e Fernando Faria.

VOLEIBOL
Campeonato de Juniores

Começou hoje o campeonato regional de juniores de voleibol, a que concorrem seis equipas.

No Campo Grande, o Benfica B venceu o Ateneu por 3-2 (15-8, 14-16, 15-2, 13-15 e 15-13). No Técnico, o Sporting A derrotou o Benfica A, por 3-0 (15-1, 15-8 e 15-11 e o Sporting B ganhou ao grupo dos Estudantes do Império, tambem por 3-0 (15-1, 15-4 e 15-2).

Um aspecto do templo durante a cerimónia

O sr. ministro da Marinha
assistiu hoje nos Jerónimos
à missa por alma do Infante de Sagres

Promovida pela Comissão «Infante D. Henrique», da Sociedade de Geografia de Lisboa, rezou-se hoje, ás 11 horas, na igreja do Mosteiro dos Jerónimos, missa, como satisfação do voto testamentário do seu patrono.

A cerimónia foi celebrada pelo capelão da Escola Naval, padre João Soares Cabeçadas.

A' entrada do edificio, formaram um pelotão de Marinha, uma força da Brigada Naval e alunos das Escolas Naval e de Marinha Mercante.

O sr. comandante Americo Tomás, ministro da Marinha, depois de ter passado revista á força da Armada, deu entrada, com ela, nos Jerónimos, onde já se encontravam os srs. almirantes Sousa Ventura, Oliveira Pinto, Sousa Gomes, Teixeira Dinis e Armando Ferraz, comodoro Lopes Alves, comandante da Força Naval da Metrópole, capitão de mar e guerra Marques Esparteiro, professor Moreira Junior e coronel Lopes Galvão, pela direcção da Sociedade de Geografia de Lisboa; comandante Celestino Ramos visconde de Santarém e João Afonso Corte Real, pela Comissão «Infante D. Henrique».

O sr. arcebispo de Mitilene fez uma brilhante alocução patriótica, pondo em relevo a figura de D. Henrique e a sua acção na epopeia dos Descobrimentos, dizendo que nenhum templo poderia servir tão bem para nele se evocar o Infante de Sagres, pois nenhum fala tanto á alma dos que evocam a inteligência, a fé e a perseverança de quem tanto contribuiu para fazer de Portugal uma grande Nação.

Por fim, os alunos do Seminário dos Olivais entoaram canticos religiosos.

ANDEBOL
Inaugurou-se hoje a época de 1949/1950

A Associação de Andebol de Lisboa deu hoje começo á nova época, com a realização dos primeiros encontros duma competição, com propriedade denominada «Torneio de Abertura». Concorrem os oito clubes que praticam a modalidade, repartidos por duas series, cujos vencedores (apurados em «poule» a uma volta) disputarão a final.

Na 1.ª série estão incluidos: Estrela Amadora, Gloria A. C. P., Oriental e Sporting; na 2.ª série figuram: Almada, «Os Treze», Belenenses e Benfica.

Damos a seguir breves notas sobre os encontros de hoje:

Belenenses, 7 — Benfica, 5 — Jogo nas Salésias. A partida decorreu sem grande desnivel e com vantagem ligeira por parte dos azuis, embora a sua segunda parte tivesse sido muito agradavel de seguir. Ao intervalo 4-2 a favor do Belenenses. Marcaram os golos dos azuis: Ceia (5), Pimenta e Valério; e os dos encarnados: Albuquerque (3), Mário e Lopes. Arbitrou Nobre da Veiga.

Oriental, 2—Sporting, 5 — Jogo em Marvila. Os «leões» dominaram sempre e com maior clareza na primeira parte. Ao intervalo 4-0. Tomás (2), Gonçalves (2) e Vicente fizeram os golos do Sporting; Pessoa marcou os dois tentos do Oriental. Arbitrou Matos Henriques.

Amadora, 2—Glória, 4—Jogo na Amadora, marcado para as 14 horas, mas antecipado para as 10, parece reflectir o propósito de afugentar publico...

Jogo de baixo nivel técnico. Ao intervalo o Gloria ganhava por 2-0, com dois golos de Carvalho, que marcou os restantes. Morais e Pinho atenuaram a desvantagem do Amadora. Arbitrou António Rodrigues.

* * *

O encontro Almada—«Os Treze» não se realizou, porquanto «Os Treze» não conseguiu reunir mais do que 7 elementos. O Almada marcou, portanto, os pontos regulamentares.

O F. C. Porto ganhou o Torneio de Preparação

PORTO, 13 — (Pelo telefone).—No Campo do Luso, as equipas do F. C. do Porto e do Ferroviários disputaram hoje, de manhã, a final do Torneio de Preparação de Andebol. Após um jogo renhidamente disputado, o conjunto do F. C. do Porto acabou por vencer pelo «score» de 9-4.

BOXING
Uma sessão no Instituto Superior Tecnico

No ginásio do Instituto Superior Tecnico realiza-se, no dia 19, ás 21 e 30, uma sessão de boxe, promovida pelo Grupo Desportivo da Associação dos Estudantes do Instituto Superior Tecnico.

Na sessão estão incluidos combates entre os campeões-amadores de diversas agremiações, incluindo a AEIST, bem como uma exibição de Rocha II, campeão nacional de meios-leves e profissional, que fará um combate contra o reinador dos estudantes, sr. Silva Marques.

Atletismo
Os torneios do Benfica e do Sporting e as provas de selecção no Sporting

Na pista do Campo Grande o Benfica levou de manhã a efeito mais um torneio de atletismo destinado aos seus sócios e simpatizantes.

Verificaram-se os seguintes resultados:

250 metros: 1.º—Arido Marques, 325 e 5/10; 2.º—Frederico Baumberg, 325 e 8/10; 3.º—António Vilarigues, 33 s. e 4/10.

3.000 metros: 1.º—Gil Mendes, 10 m., 1 s. e 4/10; 2.º—Joaquim Coutinho, 10 m. e 18 s.; 3.ºMoisés Barreiros, 10 m., 32 s. e 2/10.

83 metros barreiras: 1.º—Henrique Damaso, 14 s. e 3/10; 2.º—João Ventura, 15 s. e 1/10; 3.º—José Gonçalves, 15 s. e 4/10.

Altura: 1.º—Arido Marques, 1,55 m.; 2.º—Fernando Montalvão, 1,50 m.; 3.º—António Figueiredo, 1,50 m.

Disco (2 quilos): 1.º—José Cruz, 24,15 m.; 2.º—Pedro Bartolomeu; 24,10 m.

Disco (quilo e meio): 1.º, Fernando Montalvão 26,80 m.; 2.º—Orlando Carrilho, 23,60 m.

O torneio do Sporting

Também o Sporting, no Estadio José Alvalade organizou um torneio para simpatizantes com os seguintes resultados:

250 metros: 1.º—Aristides de Almeida, 33 s. e 9/10; 2.º—José Carlos Mendes, 34 s. e 9/10.

2.000 metros: 1.º—Joaquim Martins, 6 m. e 40 s.; 2.º—José Costa, 7 m. e 17 s.

Comprimento: A. Farinha, 5,73 m.

Peso: A Farinha, 9,40 m.

* * *

Igualmente na pista do Estadio José Alvalade, o Sporting organizou um treino dos seus atletas com vista ao próximo encontro de atletismo com o Barcelona.

Efectuaram-se diversas provas e as marcas conseguidas foram as seguintes:

100 metros: 1.º—Jorge Abreu, 11 s. e 1/10; 2.º—José Carneiro, 11 s. e 3/10.

200 metros: 1.ª mão: 1.º Jorge Abreu, 22 s. e 8/10; 2.º José Carneiro 23 s. e 7/10.

2.ª mão: 1.º—João Luis, 23 e 2/10; 2.º—Jorge Machado, 23 s. e 3/30.

400 metros: 1.º—Artur Dias, 53 s. e 2/10; 2.º—Jorge Machado, 53 s. e 8/10.

Altura: 1.º—Fernando Ponce, 1,65 m.; 2.º—Alvaro Mendes, 1,60 m.

Dardo: 1.º—João Muralha, 50,10 m.; 2.º—Octavio Oliveira, 48,30 m.

Disco: 1.º—Manuel da Silva, 38,70 m.; 2.º—Emidio Ruivo, 34,30 m.; 3.º—Eduardo Cunha, 32,60 m.

DANÇA Lições práticas com Professoras: MACHADO R. da Palma, 164, 3. E.

CICLISMO

O Sporting ganhou
o campeonato nacional
por equipas
de independentes

Deviam disputar-se hoje três campeonatos nacionais de fundo em estrada: individual de seniores e juniores e de equipas em independentes. Apenas, porém, se efectuaram dois campeonatos por falta de comparência dos concorrentes qualificados para a prova de seniores. Foi uma má jornada de ciclismo só possível porque erradamente se deixaram para o final da época competições que deveriam ter sido disputadas logo a seguir aos campeonatos regionais, celebrados há cerca de seis meses.

Os corredores juniores percorriam 84 quilómetros em linha, no percurso Lisboa-Alverca-Arruda-Sobral-Sapataria-São Gião-Montachique Lousa-Loures e Lisboa. Chegada no Campo 28 de Maio, em frente da esquadra de Polícia.

Os benfiquistas Honório Francisco e João Marcelino, fugiram depois de Alverca, sendo após alcançados por Julio Lopes e Antero Martins, do Lisgás. Os dois corredores do Benfica voltaram a atacar e desta vez para não mais serem alcançados. Na embalagem final Honório Francisco ganhou fácilmente.

Classificação: 1.º, Honório Francisco, Benfica, 2 h., 47 m. e 5 s.; 2.º, João Marcelino, Benfica, mesmo tempo; 3.º, Julio Lopes, Lisgás, 2 h., 48 m. e 35 s.; 4.º, António Agostinho, Benfica, 2 h., 57 m. e 28 s.; 5.º, António Martins, Lisgás, 2 h., 58 m.; e 43 s.. Não houve mais concorrentes.

A prova foi muito prejudicada pelo vento fortissimo que soprou de frente até Alverca. O vencedor, que há dias ganhara o campeonato nacional de velocidade, em amadores-seniores, obteve a média de 30,164.

Para o Campeonato Nacional de Equipas Independentes, apenas compareceu o Sporting, não se tendo inscrito o Benfica e o F. C. Porto por motivos que ignoramos.

A corrida fez-se pelo seguinte percurso: Lisboa-Vila Franca-Carregado-Ota-Cendal-Vermelha-Bombarral-Torres Vedras-Malveira-Loures e Lisboa, na distancia total de 174 quilómetros.

Maximiano Rola, Julio Mourão e Felix Bermudez, mantiveram-se juntos até á Calçada de Carriche, onde o ultimo cedeu, na subida. Rola, nos ultimos metros, bateu Mourão um tanto inesperadamente.

Classificação: 1.º, Maximiano Rola, Sporting, 4 h., 48 m. e 58 s.; 2.º, Julio Mourão, Sporting, mesmo tempo; 3.º, Felix Bermudez, Sporting, 4 h., 50 m. e 2 s..

Por equipas, fórmula de disputa da prova, o Sporting totalizou 14 h., 27 m. e 58 s.. A média do vencedor individual pode considerar-se muito boa: 36,128.

RAGUEBI
«Torneio de Abertura»

Com jogos repartidos pelos campos do Estadio Nacional, Salésias e Campo Grande, prosseguiu esta manhã a disputa do «Torneio de Abertura» da A. R. L., com que se inaugurou a nova época da modalidade. O inicio da temporada apresenta-se prometedor duma actividade mais intensa, pela presença de maior numero de equipas.

Seguem-se breves apontamentos sobre os jogos desta manhã.

Benfica B-Medicina—Jogo no Campo Grande. A equipa do Benfica B marcou pontos por falta de comparencia do conjunto de Medicina.

Belenenses-Atletico — Jogo nas Salésias. A equipa do Atletico não compareceu, marcando, portanto, os pontos regulamentares o conjunto dos Belenenses.

Benfica A, 14—Industrial, 3—Jogo no Estádio Nacional. Os grupos alinharam: *Benfica A:* Pais Dias, Azevedo, M. Vieira, Palminha, Rodolfo, Patricio, Caldas, Soares, J. Marques, Gomes, Miramon, Rio e Gameiro. *Industrial:* Roque, Cruz, Lince, Elisiário, Candido, Lopes, Jorge, Regaleira, Mendes, Chaleira, Tomaz, Armando, Elder, Palmeiro e José Luis.

O Benfica dominou logo de inicio demonstrando maior eficiencia e poder tecnico. Ao intervalo ganhava por 14-0, com pontos marcados por Patricio (8), Azevedo, (3) e Rodolfo (3). No 2.º tempo registou-se uma ligeira reacção por parte dos «rapazes» do Industrial que obtiveram três pontos por intermédio de Palmeira.

ÓQUEI EM CAMPO
«Torneio de Abertura»

Prosseguiu esta manhã a primeira competição oficial da nova época de óquei em campo—modalidade cujo futuro se apresenta esperançoso, dada a acção criteriosa e dedicada dos dirigentes da respectiva associação.

A prova inaugural da temporada—o «Torneio de Abertura»—está a caminho da conclusão. Para a final da taça «Nova Sede» estão apuradas as equipas «A» do Futebol Benfica e do Atlético.

Entretanto, para a taça «Domingos Piteira», defrontaram-se esta manhã, no campo «Francisco Lázaro», as equipas «B» do Futebol Benfica e S. L. Benfica, tendo o desafio sido arbitrado por Manuel Nunes.

O Futebol Benfica mostrou-se sempre superior, ganhando com justiça por 3-1. Bento fez o primeiro golo do Futebol Benfica, Sousa empatou e José Dias e Fernando de Sousa, fizeram os golos que ditaram a vitória dos visitados.

Os jogos de hoje para o Campeonat

O Atlético venceu em V. R. S.to António e o Belenenses empatou em Guimarães

(Continuação da 1.ª pag.)

Saiu o Elvas, que logo no primeiro minuto atacou com perigo para as redes dos visitantes, mas que o remate de Sanina saiu frouxo e de fácil defesa.

O Elvas continuou ao ataque e a defesa benfiquista viu-se em apuros para suster o ímpeto dos atacantes locais. Aos 2 minutos, da marcação de um «livre», a bola foi parar a Sanina que rematou forte, sendo o esférico devolvido pela trave.

Dois minutos depois, o Benfica foi obrigado a ceder «canto», que, marcado, não resultou.

O jogo passou a desenvolver-se com muita rapidez, pertencendo ao Elvas as jogadas de maior brilho e maior perigo.

Aos quinze minutos, Felix ao querer possar a bola ao guarda-redes da sua equipa, só por sorte a não introduziu nas próprias balizas. Desta jogada resultou novo «canto» contra os «encarnados», sem consequências.

O jogo, depois passou a fazer-se no meio campo ocupado pelos lisboetas, com trabalho atarado para a defesa, desenrolando-se na mesma toada de grande velocidade, o que inegavelmente lhe empresta animação.

O domínio dos alentejanos começa a acentuar-se e a defesa do Benfica não se poupa a esforços para afastar a bola.

Aos 40 minutos, os elvenses alcançaram nova oportunidade de golo: Patalino passou a bola a Sanina, que, de cabeça, rematou a rasar a trave. E nesta toada de jogo rápido e um tanto duro, chegou o fim da primeira parte, sem que se marcassem golos.

A segunda parte começou, práticamente, com um «canto» contra o Benfica. Os jogadores pareciam exaustos pelo esforço dispendido no primeiro tempo.

Desta forma, o jogo decaiu em andamento. mas, passou o Benfica a dominar, sem que, todavia, os seus avançados causem apreensões á defesa alentejana, que tudo salva.

Porém, pouco a pouco, os atacantes lisboetas tornaram-se mais perigosos. Gil teve mesmo ocasião de golo. Mas o poste devolveu... com Marques já batido.

Momentos depois Rogério, só, em frente da baliza, rematou á figura, Marques defendeu para «canto», que marcado não resultou. Novo «canto» se registou contra o Elvas, proporcionando a Espírito Santo um remate por alto.

Os «encarnados» continuaram a dominar, mas a defeza local mostrava-se atenta.

Gil trocou o lugar com Rogério, sem vantagem, pelo menos aparente. Os lisboetas queriam á viva-força modificar o resultado, mas os seus esforços não resultaram.

O Elvas libertou-se um pouco da pressão exercida pelos visitantes e chegou mesmo a provocar certo perigo para Rosa.

Rogério conseguiu uma avançada e endossou a bola a Gil que a perdeu infantilmente, atirando-a para os pés dum adversário.

Aos 31 minutos o Elves atacou pela esquerda e Sanina centrou primorosamente sobre as balizas de Rosa; Manuelito que acompanhava a jogada pôde, de cabeça, marcar um golo.

Este ponto teve o condão de espevitar os «encarnados» que, agora, mais do que nunca se lançaram ao ataque.

Os elvenses continuaram a mostrar-se muito perigosos e Teixeira teve um remate de cabeça que provocou uma extraordinária defesa de Rosa.

Momentos depois, Massano, só, em frente da baliza «shotou» fortissimo, provocando uma grande defesa de Rosa.

O jogo ganhou, novamente, o brilho do primeiro tempo. Os benfiquistas forçaram mais o ataque, mas a defesa alentejana tudo inutilizou ainda que tivesse de recorrer a bolas para fora...

E o fim chegou: Elvas, 1—Benfica, 0.

Sporting, 8 -- Covilhã, 1

Jogo no Estádio José Alvalade, com boa assistência. As equipas apresentam-se como segue:

Sporting—Azevedo; Passos e Juvenal; Canário, Manuel Marques e Verissimo; Jesus Correia, Mateus, Wilson, Albano e Guiomar.

Sporting da Covilhã—António José; Roqui e José Pedro; Diamantino, Pedro Costa e Fialho; Livramento, Martin, Simoni, Tomé e Guedes.

Arbitro—Adriano Gonçalves, de Coimbra.

O Sporting de Lisboa tomou, desde começo, a iniciativa do ataque, Num curto espaço de tempo, António José executou três defesas seguidas, a revelar a eficácia do ataque «leonino».

Aos cinco minutos, num «livre» contra os «leões» da Serra, Albano deu um toque ligeiro para Canário—e este rematou, batendo o guarda-redes adversário.

Continuando a dominar, os «leões» da capital aumentaram a marca aos nove minutos, com um ponto de Wilson, feito em remate de cabeça.

O desafio prosseguiu com superioridade para os lisboetas, vendo-se os adversários, a favor do vento, tentarem algumas incursões, que dificilmente chegavam, porém, a Azevedo.

O Sporting jogava um tanto á-vontade, mas Wilson, por lentidão, perdeu algumas oportunidades. Os raros ataques dos rapazes da Covilhã não davam grande trabalho á defesa contrária. Mas, aos 25 minutos, Azevedo atravessou uma situação dificil, para, três minutos depois, o marcador passar para os 3-0, num golo de Albano.

Aos 31 minutos, os visitantes atenuaram a desvantagem: Martin rematou de longe, por alto, e Azevedo, surpreendido, viu a bola tocar nas malhas.

Este tento espevitou os serranos e a partida adquiriu certo equilibrio. A meio do terreno, os covilhanenses desenvolviam alguns lances agradáveis, mas na zona de remate perdiam-se, sempre, contra a defesa «leonina».

Em contra-partida, o Sporting lisboeta criava sucessivas oportunidades de golo, algumas delas perdidas com remates mal dirigidos, ou por manifesta falta de sorte. A superioridade era evidente por parte dos donos do campo e, aos 40 minutos, uma jogada conduzida por Albano e Guiomar proporcionou um remate deste—e mais um tento dos lisboetas.

Até ao intervalo o jogo fez-se sempre no campo do Covilhã—mas o resultado não se modificou: o Sporting ganhava por 4-1.

Ao principiar a segunda parte, o jogo tomou a mesma feição anterior. O Sporting portou-se ao ataque, ameaçando constantemente as redes de António José. Jesus Correia perdeu um tento que parecia certo, o mesmo sucedendo, pouco depois, a Wilson.

Os «leões» lisboetas conseguiam a meio do terreno algumas jogadas de efeito, concluindo-as, contudo, com remates longos, a tirar partido da vantagem do vento—cada vez soprando com mais força.

Aos dez minutos, um lance de insistência de Wilson deu origem ao 5.º tento do Sporting, da autoria de Jesus Correia, que evitou com calma a entrada do «keeper» adversário.

Após este ponto, o Sporting da Covilhã reagiu bem, com a boa vontade que evidenciara desde começo, e Martin apareceu em boa posição de remate, perdendo a jogada por falta de serenidade.

Os lisboetas voltaram ao ataque, sem, contudo, firmarem dominio nitido. Os «leões» da Serra podiam, de quando em quando, libertarem-se do adversário, mas, ao atirarem ás redes, faziam-no sempre com precipitação.

O Sporting tem dominado com insistência, perdendo pontos em série. Houve todavia uma jogada dos covilhanenses que provocou grande perigo para o Sporting: Livramento, só em frente das redes, atrapalhou-se e deixou fugir a oportunidade.

Precisamente á meia hora, Wilson marcou o 6.º tento lisboeta. A equipa da capital continuou a jogar justo das redes adversárias, em dominio absoluto—e aos 39 minutos Guiomar elevou a marca para 7-1.

Precisamente no ultimo minuto, Jesus Correia marcou mais um bola, terminando o jogo logo a seguir com este resultado: Sporting, 8-Covilhã, 1.

Braga, 2 -- Estoril, 1

Jogo no campo da Amoreira, em família... As equipas:

Estoril: Sebastião; Fragateiro e Alberto; Gato, Eloi e Nunes; Gonzaga, Vieira, Mota, Fandiño e Raul Silva.

Sporting Braga: Cesário; Palmeiro e Abel; Daniel; António Marques e Joaquim; Diamantino, Eloi, Mário, Fonseca e Sardinha.

Arbitro: Isidro Fragoso, de Santarém.

Num campo varrido pelo vento, desde que se jogue com a bola pelo ar o seu controle torna-se dificil. O grupo local iniciou a partida levantando demasiado a bola e com Mota a tentar alvejar as redes de longe. Apesar da vantagem adquirida pelos locais, a jogar com o vento pelas costas, foram os bracarenses que aos 5 minutos, marcaram um golo, em remate de Mário, depois de uma boa jogada entre Eloi e Diamantino.

A vantagem adquirida pelos visitantes não surpreendeu os locais que continuaram a jogar no campo adversário e 5 minutos depois estabeleciam o empate por intermédio de Vieira.

Apesar da vantagem adquirida na condução da jogada, pelos locais e das balizas dos bracarenses estarem mais vezes em perigo, a melhor jogada verificou-se aos 18 minutos, depois de um avanço da asa direita dos visitantes e centro do extremo-direito que colocou a bola ao alcance do seu avançado-centro e que este desperdiçou, numa altura em que o guarda-redes do Estoril nada poderia fazer. Favorecidos pela forte ventania, os estorilenses tiveram várias vezes as balizas adversárias á sua disposição mas os remates sairam sempre altos e tortos. Os bracarenses, com dois jogadores no ataque—interior e extremo-direito—cheios de habilidade e procurando, quando de posse do esférico, conduzi-lo junto ao solo, foram sempre mais perigosos, quando lançados ao ataque. E tanto assim, que os locais raramente tiveram descanso na defesa.

O Estoril, tendo jogado por vezes com domínio acentuado, não conseguiu desfazer o empate e a primeira parte terminou com o resultado de 1-1.

No recomeço do encontro, os bracarenses, agora com o vento a favor e com melhor sentido de jogo, conseguiram o desempate, aos 8 minutos, numa jogada em que a bola foi rematada á baliza por Sardinha, fora do alcance de Sebastião. Quando a bola ia ultrapassar a linha de golo, Alberto, de cabeça, repeliu-a mas o esférico foi bater em Gato que acorria á jogada, e anichou-a nas redes.

Estabelecido o desempate, durante um certo período, os estorilenses actuaram perto das redes adversárias com perigo, mas sem resultado, devido á apertada colocação dos defesas bracarenses.

O jogo decorreu assim com certo interesse, devido aos contra-ataques dos visitantes que colocaram sempre em perigo as balizas defendidas por Sebastião.

O desafio entrou em seguida numa fase de monotonia, devido ao facto das duas equipas jogarem a bola pelo ar, sem sentido de jogo prático, actuando assim aos repelões. Apesar de estarem a jogar contra o vento os estorilenses estiveram mais vezes ao ataque mas sem a precisão devida para poderem traduzir a vantagem adquirida.

O ataque visitante, que na primeira parte actuara com bom sentido de penetração, neste segundo tempo deixou-se anular pela defesa local.

Passada a meia hora os estorilenses jogavam, por assim dizer, quase sempre no terreno dos adversários, mas sem conseguirem alterar o resultado, terminando assim o encontro com o Sporting de Braga a vencer por 2-1.

Guimarães, 3 -- Belenenses, 3

GUIMARÃES, 13. (Pelo telefone directo á nossa Redacção) Jogo no campo do Amorosa. Os grupos:

Vit. Guimarães—Silva; Ferreira e Costa; Armando, Cerqueira e Miguel; Franklim, Rebelo, Brioso, Magalhães e Custodio.

Belenenses—Caetano; Moura e Serafim; Rebelo, Feliciano e Figueiredo; Sidónio, Pinto de Almeida, Rocha, Duarte e Diogenes.

Arbitro—Vieira da Costa, da A. F. Porto.

O sentido de ataque belenense revelou-se com mais afinco no principio do jogo. A defesa do Vitória teve de empregar-se a fundo para evitar as investidas dos visitantes, mas essa série de golpes ofensivos foi travada sobre os dez minutos, e o melhor grupo passou, então, a ser o da casa.

De facto, os avançados vimaranenses tornaram-se mais ameaçadores do que os visitantes, embora Caetano só uma vez se visse em sério perigo para evitar um remate de Brioso.

O jogo não tem, todavia, fornecido lances de grande emoção, principalmente porque os avançados tanto de um como de outro lado se perdem com frequência logo que as jogadas se aproximam das balizas.

O Belenenses tem contado com boa defesa e, daí, possivelmente, o facto dos locais terem rematado até aqui com pouco perigo para as rêdes de Caetano. O dominio dos minhotos, porém, começa a acentuar-se á medida que o desafio vai decorrendo, mas a verdade é que o animo dos belenenses tem-se imposto também, sobretudo nos lances dentro da sua área da baliza.

Depois de haver suportado um período de longo dominio, perderam os «azuis» uma magnifica ocasião de marcar: com o guarda-rêdes vimaranense batido, Duarte mandou a bola contra o poste...

Aos 32 minutos, porém, o Belenenses sofre um golo obtido por Brioso em clara posição de «off-side». A bola foi validada e os visitantes lançaram-se então em ataques decididos, mas mal rematados.

Alguns fios de dominio Belenenses partiram-se rápidamente. O Vitoria voltou a actuar com superioridade no ataque e, aos 38 minutos, aproveitando uma má saida de Caetano, conseguiu Rebelo o segundo golo á boca das rêdes. Dois minutos mais tarde, Franklim, rápido, numa confusão estabelecida á sua frente, obteve o terceiro ponto para a sua equipa.

Até final da primeira parte nada mais que mereça relato: Vitoria, 3—Belenenses, 0.

No prosseguimento da partida, quando se atingiu os dois minutos de jogo, passou o Belenenses o resultado para 1-3. Uma boa avançada conduzida por Sidónio terminou com um bom remate de Duarte, que Rocha, colocado a extremo-direito, e que trocara o lugar com Sidónio, aproveitou para atirar ás balizas desertas.

Pouco depois, também com o guarda-rêdes batido, esbarrou Diogenes uma bola contra o poste... O Belenenses, a este tempo, passou a actuar com mais firmeza, mas a defesa do Vitoria, estava por seu lado a jogar com muita atenção.

A equipa de Belem continua, nos lances seguintes, a trabalhar com a decisão que se notou logo no principio da segunda parte e, assim, aos 12 minutos, uma boa combinação entre Duarte e Diogenes foi concluida por este ultimo com um remate raso e indefensável para Silva. Colocado o resultado em 3-2, o jogo ganhou outra vibração prosseguindo os «azuis» a impôr o seu jogo com nitida autoridade.

Enquanto o Belenenses continua dominando com insistência, vê-se o Vitória obrigado a fazer alterações na sua linha, visto que Cerqueira, lesionado, teve de ir parar a extremo-esquerdo, mas apenas para fazer numero.

Entretanto, junto da baliza dos vimaranenses, sucedem-se jogadas complicadas, dos quais se salvam, algumas vezes com acerto, os donos da casa.

O bom jogo dos «azuis» veio a dar os seus frutos aos 29 minutos com um terceiro golo marcado num remate forte, por Sidónio.

O Vitória continua práticamente com dez homens no terreno, e os lisboetas procuram

O Estoril jog com o Sportin

PROVAS DE TÉNIS

As finais dos Campeonatos de Oeiras

Os campeonatos de Ténis de Oeiras—um certame do calendário oficial da F. P. L. T.—cuja conclusão na data prevista, em 25 de Setembro findo, não pôde verificar-se por motivo do mau tempo, voltaram esta manhã a animar os «courts» de Santo Amaro de Oeiras.

O juiz-árbitro, sr. eng. Mário Meunier, presidente do Clube de Tenis de Oeiras, não pôde, no entanto, dar ao certame a rápida conclusão que desejava por impossibilidade dalguns jogadores.

Assim, uma das meias finais de pares-homens, Azevedo Gomes—David Cohen—uma formação favorita—venceram F. Mendes de Almeida—F. Mendonça por 6/1 e 6/10.

A' hora a que fechamos esta noticia, está a disputar-se a final de singulares-homens, entre Cohen e Henrique Cunha.

Campeonatos do Sporting

Prosseguiram esta manhã os campeonatos internos do Sporting, tendo-se verificado os seguintes resultados:

1.ª serie—Joaquim Nunes dos Santos v. Seabra Pinto por 14/12 e 7/5.

2.ª serie—João Mendonça v. João Graça por 6/1 e 6/2.

3.ª serie—Henrique Brandão v. José Valedo por 6/1 e 6/2, ganhando, assim, a prova desta categoria.

Sofre ao fazer a barba?
Aplique
Floid

Mantém sempre como coisa sagrada a tua integridade
Usa sómente joias verdadeiras.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA, RUA DA PRATA, 257, (esquina da Rua de Santa Justa).

DR. FERREIRA DOS SANTOS
Retomou a clinica

Anel de noivado
possui grande variedade a
Ourivesaria Lisboa
22, R. da Betesga, 24 (ao Rossio)
Telef. 32743

RADIOS
Para seu interêsse, ao comprar o seu receptor, consulte os preços na Rua D. Pedro V, 9-11. ALVES DE CARVALHO.
Agente oficial da PHILIPS
Vendas a prestações

BATERIAS PILHAS SECAS Tudor

o Nacional de Futebol em todo o País

perdeu

ndo no seu campo

g de Braga

todas as oportunidades para passarem á situação de vencedores.

O dominio dos lisboetas acentua-se á medida que o desafio se aproxima do final, e só nos ultimos minutos pôde o Vitória lisbertar-se e apertar, por sua vez, um pouco a baliza do Belenenses. No entanto o marcador não sofreu mais alterações concluindo-se o jogo com um empate: 3-3.

Setubal, 3 -- Porto, 0

SETUBAL, 13.—(Pelo telefone directo á nossa Redacção).—Jogo no campo dos Arcos. Assistência avultada. Os grupos apresentam:

Vitória de Setubal—Carvalho; Jacinto e Rogério Fontes; Pina, Primo e Orlando; Passos, Nunes, Inácio, Cardoso Pereira e Vasco.

F. C. do Porto—Graça; Chico e Carvalho; Joaquim, Alfredo e Romão; Baptista, José Maria, Monteiro da Costa, Gastão e Vieira.

Arbitro—José Serandeses, de Lisboa.

Nos primeiros minutos ambas as equipas desenvolvem futebol impreciso, estudando cada qual o adversário. O F. C. do Porto é, porém, o primeiro a denunciar melhor sentido de desmarcação, e também o grupo que principia a rematar, ganhando um «canto» sem resultado, depois de um forte «tiro» de Monteiro da Costa, desviado por Primo, de cabeça.

Ao atingir-se o quarto de hora, ainda o Vitória não tinha conseguido despedir um remate em forma. Beneficiou, todavia, de um «canto», por má intenção de Chico, que Passos executou muito bem, dando ensejo a Graça para uma boa defesa.

Pouco depois, o mesmo Passos, na marcação de um «livre», fê-lo com muita conta—mas batendo a bola na trave. Assim se perdeu a primeira grande ocasião de golo.

Estas fases já creditavam os setubalenses de certo ascendente, a que a defesa do F. C. do Porto parece não corresponder com a personalidade necessária.

A maior expontaneidade de «shot» continua a pertencer aos avançados setubalenses. Mas o facto não traduz dominio territorial acentuado, porquanto os portuenses efectuam descidas animadamente ao campo contrário. Os visitantes dão mesmo a ideia de estarem a reservar energia para mais tarde, pelo que acautelam o mais possivel a defesa da baliza.

Entretanto, esta tactica permite ao Vitória de Setubal chamar a si maior insistência no ataque, a que Nunes e Passos emprestam certo brilho em intervenções acertadas, numa das quais, e com um remate de cabeça, se distingue Nunes.

Técnicamente, porém, apesar da vantagem territorial pertencer ao Vitória, o jogo não assume boas proporções por falta de clareza nas jogadas.

Ao interceptar um ataque da esquerda do Porto, Primo concede novo «canto», bem rematado de cabeça por Monteiro da Costa e melhor blocado por Carvalho. Mas volta para o Vitória a primasia no ataque, esbarrando de novo a bola na trave portuense, após um «livre» marcado por Fontes.

O F. C. do Porto defende-se bem—mas não evita que Nunes, em corrida, remate fulgurantemente um passe de Primo e faça um bom ponto, aos 44 minutos.

Assim, ao intervalo, 1-0 a favor do Vitória de Setubal.

No recomeço, de novo o Vitória se lançou ao ataque—e com tanto exito que, aos 2 minutos, elevava a sua vantagem para 2-0. Passos progrediu com a bola, centrou cuidadosamente e Joaquim, parado, deixou-a seguir para Cardoso Pereira, que marcou, sem dificuldade, quase á boca das redes.

Dentro em pouco verifica-se que os visitantes pretendem impor-se aos adversários, ainda que se deixe manobrar em alguns lances algo inofensivos. O certo é que a defesa sadina, sobretudo Rogério Fontes se opõe com mérito ás tentativas dos nortenhos, mas nestes é evidente a falta de garra e o pontapé certeiro.

Nalguns golpes os avançados visitantes denotam indecisão frente ás balisas guardados por Carvalho.

Talvez porque acusem o esforço despendido, até ao momento do seu segundo ponto, ou porque este influisse no espirito dos jogadores, dando-lhe sossego, os setubalenses abrandam no seu vigor. E é o F. C. Porto que toma o comando do jogo, embora sem perigo aparente, entrecortado ainda por equilibrio.

No entanto, os locais, sempre que descem, criam situações de maior perigo, dando os visitantes a impressão de desorientados.

Pouco depois da meia hora, o fogo foi interrompido, vendo-se Graça a contorcer-se, mas sem abandonar as redes.

O F. C. Porto, ao aproximar-se o fim do encontro, disfruta de oportunidades que desperdiça, algumas vezes, reconheça-se, por infelicidade manifesta. A seguir, Monteiro da Costa e Vieira estiveram ainda prestes a marcar, mas a boa actuação de Carvalho, ou ainda o corpo de um adversário, impediram que a bola chegasse ao seu destino.

O Vitória, aos 42 minutos, numa nova descida vigorosa, domina a defesa contrária—e marca o seu 3.º tento, por intermédio de Cardoso Pereira, e com o auxilio de Graça, que, caído, tomou a bola com o pé, para dentro da baliza.

Mais umas jogadas—e o encontro acabou com o Vitória em vencedor, por 3-0.

Atlético, 2 -- Lusitano, 1

VILA REAL DE SANTO ANTONIO, 13—(Pelo telefone directo á nossa Redacção)—Jogo no campo «Francisco Gomes Seborro» com fraca assistência.

As equipas alinharam:

Lusitano: Balbino; Faustino, Helder; Satiro, Caldeira, Madeira; Almeida, Pedroto, Angelino, Calvinho, Germano.

Atletico—Correia; Baptista, Abreu; José Lopes, Avelino, Morais; Martinho, Teixeira da Silva, Ben David, Rodrigues, Caninhas.

Arbitro—Libertino Domingues, de Setubal.

O jogo de inicio tem caracteristicas agradáveis já porque os grupos demonstravam engodo pelas balizas adversárias já porque as linhas defensivas, atentas, estavam actuando á altura das circunstancias.

No entanto, o vento favorecia o grupo visitante que por tal facto forçava o seu ataque exercendo bom dominio. Os locais contra-atacavam sempre com perigo e aos 10 minutos Correia foi forçado a defender a pontapé fóra da grande área, anulando assim uma perigosa descida dos algarvios.

Aos 28 minutos os alcantarenses contra a corrente do jogo marcaram um golo: fuga de Martinho que rápidamente levou a bola para o centro do terreno, onde Teixeira da Silva a captou anichando-a nas rêdes com culpas de Balbino que não saiu a tempo de encurtar o angulo de remate.

Aos 44 minutos, Germano centrou com boa conta e Avelino ao tentar aliviar, enrolou-se com a bola e segurou-a com as mãos. Marcada a grande penalidade por Pedroto este perdeu a oportunidade de igualar o resultado, rematando contra o poste.

Ao intervalo: Atletico, 1—Lusitano, 0.

No reatamento os locais entraram a jogar com vontade evidente de modificar a sorte do jogo, mas improficuamente, porquanto foram os visitantes que numa fuga pelo lado direito conseguiram marcar o seu 2.º golo, aos 2 minutos por intermédio de Ben David.

Aos 5 minutos Almeida perdeu uma excelente ocasião de abrir o activo do seu clube atirando para fora quando estava a cerca de um metro das balizas. Os locais forçaram o ataque e Almeida tornou a perder outro golo certo, volvidos 5 minutos, por não se ter antecipado a Correia que saira a tempo.

A luta manteve-se esforçada até aos 20 minutos, sobressaindo os locais pelo entusiasmo com que procuram modificar o resultado.

Aos 23 minutos Angelino teve um tiro violento despedido de fora da grande área que Correia, em extremo, socou para canto. Marcado este nada resultou.

As linhas avançadas dos dois grupos, á entrada do ultimo quarto de hora, passaram a movimentar-se endiabradamente.

Nos ultimos cinco minutos o Atletico actuou por forma a defender o resultado, mas os locais insistindo no seu propósito, conseguiram aos 44 minutos, um golo pelos pés de Germano.

Assim, o resultado final foi de 2-1 a favor do Atletico.

Académica, 7 -- Olhanense, 1

COIMBRA, 13—(Pelo telefone)—Jogo no Estádio Municipal, com grande assistência.

Os grupos alinharam:

Académica—Capela; Branco e Brás; Castela, Curado e Azeredo; Pacheco Nobre, Serra Coelho, Macedo, Leite e Bentes.

Olhanense—Abraão; Fernandes e Rodrigues; Loulé, Eusébio e Grazina; Soares, João da Palma, Cabrita, Salvador e Eminêncio.

Arbitro: F. Gameiro Pereira, de Lisboa.

A Académica foi ovacionada ao entrar em campo. Os estudantes começaram a jogar com fogosidade e Pacheco Nobre desperdiçou logo, a 1 minuto de jogo, uma excelente oportunidade de golo.

O Olhanense, jogando com calma, tentou «romper» a defesa local, o que não conseguiu com facilidade.

Numa investida dos estudantes, novamente Pacheco Nobre rematou forte, não fazendo golo devido a uma oportuna cabeça de Rodrigues no momento culminante. O esférico ficou ainda dentro da grande área, e, Nogueira, ao tentar afastar o perigo, fê-lo cam a mão, sendo marcada grande penalidade. Pacheco Nobre transformou-a no primeiro ponto da Académica. Havia, precisamente, 7 minutos de jogo.

Pouco tempo depois surgiu o 2.º golo dos estudantes. Leite fugiu pelo lado esquerdo e lançou um bonito esquerdo. Bentes que se deslocara para o meio do terreno, completamente á-vontade não teve dificuldade em fazer chegar a bola ás malhas, rematando de cabeça.

Os algarvios não desanimaram e executaram uma avançada vistosa que foi concluida por Cabrita com um remate de que resultou o primeiro ponto do Olhanense. Haviam decorridos 20 minutos.

Contudo, os estudantes não cederam, e só não marcaram de novo porque Rodrigues «salvou», no momento, em que a bola ia a transpôr a linha de golo.

Aos 30 minutos foram os «rapazes» do Algarve que, mais rápidos, insistiram no ataque, vendo-se então a defesa local em apuros para suportar esta forte reacção dos visitantes.

Nota-se na Académica uma quebra de rendimento por má colaboração de alguns dos seus elementos. No ultimo minuto registou-se o 3.º golo da Académica, apontado por Macedo, depois de ter recolhido um excelente centro de Bentes. Ao intervalo, portanto, 3-1 a favor da Académica.

No reatamento, o Olhanense parecia na disposição de modificar o resultado, porém, a Académica, pressentindo o perigo, reagiu e aos 14 minutos faz o 4.º golo por intermédio de Macedo, depois dum centro de Pacheco Nobre.

Decorridos 25 minutos a defesa visitante cedendo canto, esplendidamente marcado por Pacheco Nobre, dá aso a que novamente Macedo remate o 5.º golo para os estudantes.

Pouco depois Capela fez-se aplaudir executando uma brilhante defesa em voo.

Aos 27 minutos os Academicos obtêm o 6.º golo com um pontapé de boa marca, por Leite. O Olhanense que se mostrava animoso, decaiu bastante para o fim.

E, assim, aos 29 minutos Bentes, depois de receber um passe de Pacheco Nobre, faz o 7.º golo. A Academica mantém-se ao ataque até final. O resultado ajusta-se ao desenrolar da partida: 7-1 a favor dos estudantes.

A Académica venceu o Olhanense

e o F. C. Porto foi perder em Setúbal

Classificação da 6.ª jornada

	Jogos	Golos	Pontos
Sporting...	6	25— 7	10
Benfica	6	19— 6	9
A. Académica.... ...	6	17— 6	9
F. C. Porto	6	13— 9	7
Atlético	6	10— 8	6
Sport. de Braga ...	6	13—11	6
V. Setubal	6	13—15	6
Estoril	6	11—15	5
Elvas...	6	6—10	5
Sport. da Covilhã..	6	13—19	5
Belenenses	6	7—14	5
V. Guimarães... ...	6	11—19	4
Olhanense	6	8—18	4
Lusitano...	6	9—18	3

A PROXIMA JORNADA

O Campeonato prossegue no domingo com os encontros Académica-Elvas; Benfica-Guimarães; Belenenses-Lusitano; Atlético-Estoril; Braga-Sporting; Olhanense-Porto, correspondentes á sétima jornada.

Os desafios realizar-se-ão nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar.

PROVAS DA A. F. L.

Torneio de Reservas

O torneio destinado ás «reservas» dos clubes da A. F. L. que disputam o campeonato nacional da 1.ª Divisão, também, prosseguiu hoje, com os encontros correspondentes á 3.ª jornada, disputados nos campos dos clubes que indicamos em primeiro lugar. Os resultados foram os seguintes: Belenenses, 3-Atlético, 3. Sporting, 1-Estoril, 0.

Campeonato de Juniores

Com a efectivação dos encontros correspondentes á 3.ª jornada, prosseguiu esta manhã o campeonato de juniores da A. F. L., que decorreu com muito interesse. Os desafios, realizados nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar, tiveram os seguintes resultados:

Atlético A, 1-Estoril, 2
Atlético B, 0-Oriental B, 1
Belenenses, 5-Cascais, 0
Sporting A, 3-Operário, 0
Sporting B, 2-Futebol Benfica, 1
Oriental A, 6-Mirantense, 1
Arroios, 0-Vitória, 3
Palmense, 4-Estrela Amadora, 1
Operário Vilaf., 1-Aguia Vilaf., 1
Alhandra, 1-Alverca, 0

Na jornada de hoje folgaram as equipas do Casa Pia A. C., Benfica, Cascalheira e Sacavenense.

Taça «Varandas Parreira»

As «reservas» dos clubes que constituem a série 5 do campeonato nacional da 2.ª Divisão, continuam a disputar com a maior regularidade, o torneio da taça «Varandas Parreira». Nos encontros de hoje anotaram-se os seguintes resultados: Palmense, 1-Oriental, 8; Arroios, 2--Alhandra, 1; Casa Pia A. C., 2-Operário, 2.

Todos os encontros se realizaram nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar.

Futebol de Juniores

Um encontro Benfica-Cascalheira

As equipas do Cascalheira e do Benfica, hoje em descanso no campeonato de juniores da A. F. L., aproveitaram a «folga» para um encontro, que pode ter servido de proveitoso treino.

O desafio realizou-se no campo da Aliança, e foi assistido por numeroso publico. Os «encarnados» fizeram alarde de grande superioridade, marcando sete golos sem resposta. Ao intervalo 2-0. Marcaram golos: Rodolfo (2), Pipas (2), José Manuel, Alcobia e Licinio.

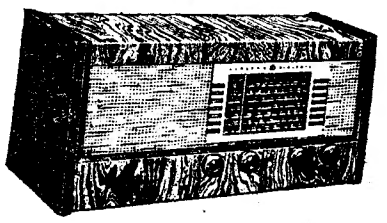
Campeonato da II Divisão

Casapia, 3—Operário, 0
(a 10 minutos do fim)
Luso, 2 — Seixal, 3.
Arroios, 1—Alhandra, 0
Almada, 0—Barreirense, 0
Palmense, 2—Oriental, 5
Olivais, 5-Futebol Benfica, 1
Juventude, 2—Electrico, 1
S. B. Viseu, 1—G. D. Covilhanense, 0.
Lusitano (Vildemoinhos), 3—Gouveenses, 1.
Estrela Vendas Novas, 6—Lusitano Evora, 0.
Portimonense, 4—Mineiros de Aljustrel, 3.
União Montemor, 5—Portalegrense, 1.
Portimonense, 3—D. de Beja, 2.
Leões Santarem, 0—União Coimbra, 2.

R. Assunção, 71
(Junto á R. Augusta)
FATOS E SOBRETUDOS PARA MENINOS

Os lindos padrões de escocês
a ultima novidade da Estação
encontra-se na
CASA MAX
193-A, Rua D. Estefania, 193-F

"LA TOJA"
SABONETES DE TOUCADOR E BANHO


É este aparelho
General Electric
um dos duzentos
que vão ser sorteados no
Grande Sorteio de Rádio
organizado pela
CASA DO PESSOAL DA EMISSORA NACIONAL
As senhas custam apenas
UM ESCUDO

A Arqueologia revela o passado

(Continuação da 1.ª pag.)

forma religiosa, de sentido monoteista, levada a cabo pelo «faraó» Amenólis IV ou Ykun-Aton, sem duvida, um dos acontecimentos de maior transcendência não só na História do Egipto antigo mas também de todos os povos da chamada Antiguidade Oriental, e que, por isso mesmo, merece particular atenção, tanto mais que tudo o que hoje sabemos acerca de tal reforma resulta de uma das mais extraordinárias e felizes escavações realizadas no vale do Nilo.

A descoberta dum valioso arquivo

Em 1893, Flinders Petrie, notabilissimo egiptólogo e arqueólogo, punha a descoberto, nas imediações da aldeia de Tell-el-Amaornah, na margem direita do Nilo, as ruinas de uma cidade que, pela leitura de inscrições, se identifica com Ikhut-Aton, capital transitória do Egipto faraónico, por decisão de Amenófis IV, e dava a conhecer um riquissimo arquivo do Estado que lançava luzes imprevistas sobre a politica interna e externa do Egipto, nos séculos XV-XIV. A. C., o que seria posto em relevo, devidamente, desde 1906, por Breasted e outros historiadores especializados. Mas o que se apresentava com particular interesse, pela novidade, pela sua importancia, era tudo o que dizia respeito á complexa personalidade de Amenófis IV, o chamado «faraó herege» das crónicas oficiais egipcias, o que fácilmente se reconhecerá, pelo que passamos a expor.

O santuário de Amon

Desde remotos tempos, mas, principalmente, desde a restauração da independência do Egipto, cerca de 1680 A. C., pela expulsão dos Hyksos, o santuário do deus Amon, em Thebas, a capital do «Império faraónico», adquirira enormissimo prestigio, que aumentava, continuamente, a tal ponto que Amon ascendera á categoria de deus nacional, protector solicito mas não desinteressado das bélicas façanhas dos «faraós» e do povo egipcio.

Efectivamente, ao santuário de Amon afluiam, em torrente inexaurivel, oferendas e oferendas, doações e doações de propriedades que o transformaram num verdadeiro potentado económico, usufruindo de imunidades larguissimas, de que sabiam aproveitar-se, habilmente, os respectivos sumo-sacerdotes, que, normalmetne, para maior subordinação do poder do faraó ao poder sacerdotal, desempenharam, por direito próprio, o alto cargo equivalente ao do primeiro-ministro. Compreende-se, assim, fácilmente que lentamente, nos meios sacerdotais de outros santuários relegados para uma subalternidade prejudicial, se começasse a gerar uma surda oposição aos omnipotentes sumo-sacerdotes de Amon, e que, na mente de algum «faraó», cioso das prerrogativas do poder real, absoluto, centralizado, germinasse um plano tendente a abater o poderio do santuário de Amon.

Tal plano parece ter norteado a politica religiosa de Amenófis III, pois que, por morte de Ptah-Mosés, um sacerdote de Amon e primeiro ministro, este cargo é confiado a um leigo, amigo de «faraó», Ramsés. Ao mesmo tempo, na côrte faraónica, talvez por sugestão de ideias religiosas sireacas, divulgadas por conselheiros e parentes do «faraó», esboça-se um movimento espiritualista, que, no fundo, era uma maneira de reacção contra o formalismo paralisante da religião ensinada pelos sacerdotes de Amon. Criara-se, portanto, um ambiente propicio á revolucionária reforma religiosa, de intenções tambem, evidentemente, politicas e talvez sociais, que ia ser levada a cabo por Amenófis IV, filho de Amenófis III e de uma enigmática princesa, Tii.

A vida duma corte faraónica

Ao falecer o pai, Amenófis IV era um rapazinho débil, menor, pelo que em seu nome, como regente, governou a mãe. O ambiente mistico, espiritualista, da côrte aumentou, e o joyem «faraó» que, por vontade da mãe, em cumprimento de um voto, fora colocado sob a protecção do deus Râ-Hor-Akhti-Aton, venerado em um santuário bastante afamado em Heliópólis, cujos sacerdotes possivelmente lhe revelaram o sentido transcendente de certas doutrinas religiosas, não tardou a considerar-se um interprete inspirado dessas doutrinas, que enlevavam o seu espirito soberano, propenso a meditação, tanto mais que a categoria do sumo-sacerdote desse deus heliópólitano de que se revestia o predispunha para a revolução religiosa que premeditava. Mas, ao contrário do que poderia esperar-se, durante os primeiros anos do seu reinado, Amenófis IV não adoptou qualquer atitude hostil para com os sacerdotes de Amon, muito embora mostrasse predilecção por Râ-Hor-Akhti-Aton que, por decisão do «faraó», terá um templo em Thebas. E' natural que, entretanto, Amenófis IV fosse aprofundando e ampliando as doutrinas religiosas que o dominavam e que as fosse transmitndo á esposa, a formosa e estranha Nefertiti, e a um limitado numero de amigos e companheiros da côrte.

Um rei que muda de nome

Bruscamente, quando Amenófis IV atingia os dezoito anos, por motivos desconhecidos, rompeu com violência a luta contra o omnipotente clero de Amon, e, por extensão, contra todas as várias divindades egipcias, numa ansia insofrida de eliminar o multimilenário politeismo e de o substituir por um culto de tendência monoteista em proveito de Aton, considerado um deus universal, visivel no disco solar.

Por ordem de Amenófis IV, os nomes dos deuses são martelados, nos vários edificios religiosos e civis, apagados de documentos oficiais, proibidos no onomástico; o próprio «faraó» que, rigorosamente, segundo a exacta tradução do Hieroglifo respectivo se chamava Amon-hotep Amenófis sendo a versão grega deste—ou seja «Amon está contente», lógicamente, muda de nome, passa a chamar-se Ikhun-Aton, ou seja «Isto agrada a Aton», para bem merecer a sua devoção a Aton, o Sol, fonte perene da Vida. E, certamente, porque, em Thebas, capital do «Império», não se sentia á vontade, pois que a população, em geral, manter-se-ia fiel ao culto de Amon, Ikhun-Aton toma uma decisão revolucionária: abandona a capital, com toda a côrte, e vai fundar, num local afastado, na margem direita do Nilo, num terreno que não pertencia a nenhuma divindade, uma cidade imponente, traçada segundo concepções urbanisticas arrojadas, com jardins, palácios reais e ministérios, templos a Aton, bairros residenciais para os altos funcionários da côrte, para a guarnição militar, para os comerciantes, para os operários, tudo em arquitectura, escultura e pintura, obedecendo a novos rumos, talvez segundo directrizes do próprio «faraó».

O poema maravilhoso

A nova capital denomina-se Ikhut-Aton ou seja «Horizonte do Sol», e, aí, sossegadamente, Ikhun-Aton vai elaborando e prégando a doutrina que afirma ser Aton o deus universal; ia difundindo preceitos morais, de extrema elevação e humanidade; ia compondo hinos a Aton, neste teor, que traduz, bem eloquentemente, a sensibilidade e o pensamento místico do «faraó» reformador:

I

A tua aparição é bela no horiznote do Ceu,
Oh! vivo Aton, principio da Vida!
Quando te ergues no horizonte oriental do Ceu
Tu enches de beleza todos os países,
Porque tu és grande, belo, brilhante, erguido sobre a terra;
Teus raios cercam os países e tudo o que criaste.
Tu és Rei e tudo tu dominas
Todos tu encadeias pelo teu Amor.
Ainda que estejas longe da Terra sobre ela lanças os teus raios
Ainda que residas no Ceu, assinalas o Dia com teus passos.

II

Quando tu desces ao horizonte ocidental do Ceu,
O Mundo fica na obscuridade como os mortos;
Os homens dormem nas suas casas
De cabeças tapadas, de narinas tapadas
E não se vêem, roubam-lhes os seus bens
E eles nada sabem.
Todos os leões saem dos seus antros,
Todas as serpentes mordem,
Reina a obscuridade; o Mundo está silencioso,
Porque Aquele que o criou repousa no seu horizonte.

III

Brilha a Terra, quando tu te ergues no horizonte,
Quando tu reluzes, oh! Aton, como o dia;
Dissipa-se a obscuridade
quando tu envias os teus raios;
As duas regiões do Egipto estão cotidianamente em festa
Despertos e de pé, porque tu os fizeste erguer.
Depois de banharem os seus membros, pegam nos seus vestuários
E erguem os braços em sinal de adoração á tua aparição;
Depois, no Mundo inteiro, entregam-se os homens nos seus trabalhos

IV

Todos os rebanhos repousam nas suas pastagens
Todas as árvores e todas as plantas florescem
As aves esvoaçam pelos charcos
Erguidas as ásas para ti em sinal de adoração;
Todas as ovelhas dançam,
Todos os seres alados tomam voo;
Eles todos vivem, quando tu brilhas sobre eles.

V

Os barcos velejam, subindo e descendo o rio,
Todas as estradas estão abertas, porque tu surgiste no alvorecer;
Diante de ti, no rio, saltitam os peixes,
E os teus raios estão no meio do grande mar.

VI

Tu és aquele que criou a criança, no seio da mulher;
Tu és aquele que seminaste o homem
Que dá a vida ao filho, no ventre da mãe,
Que o balouça para que não chore;
Tu és aquele que alimentas a mãe.
Tu és aquele que dá o alento a tudo o que ele criou, a fim de o animar,
Quando ele sai do seio... No dia do nascimento,
Tu abres a sua boca para as palavras,
Tu provês ás suas necessidades.

VII

Quando o pintainho debica na casca do ovo
Tu dás-lhe o alento para que fique com vida
Quando tu o terminaste, de tal modo que ele partiu a casca
Ele sai do ovo, para cantar, com toda a força;
E ele corre, saltitando, de um lado para outro
Quando se sente livre.

VIII

Quão multiplas são todas as tuas obras!
Elas escapam á nossa visão.
Oh! tu, unico Deus, cujo poder não é partilhado por ninguém
Tu criaste a terra, conforme nos teus desejos
Quando só tu existias;
Os homens, todo o gado, grande e pequeno,
Tudo o que existe sobre a terra
E caminha por si mesmo;
Tudo o que está nos ares
E voa com as suas asas;
Nos territórios da Siria e da Nubia
No país do Egipto
Tu estabeleces cada homem no seu lugar
E tu provês ás suas necessidades
Cada qual tem os seus bens
E seus dias são calculados
Falam eles diversas linguas
E diversos são o seu aspecto e a sua pele
Porque tu fizeste a distinção dos povos.

IX

Tu crias o Nilo, no Mundo inferior
Tu o produzes a teu talante, para manter a Vida ao povo.
Oh! Senhor de todos, quando surge neles a fraqueza.
Oh, Senhor de todas as casas, que te ergues para eles
Oh! Sol do dia, tenor de todos os longinquos países
Tu crias também a sua vida.
Tu colocaste um Nilo, no Ceu,
A fim de que ele caia a favor deles,
Produzindo torrentes nas montanhas, grandes como o mar,
E regando os seus campos, entre as suas cidades.

X

Como os teus designios são excelentes, oh! Senhor da Eternidade!
O Nilo celeste é para os estrangeiros
E para os rebanhos que marcham pelos países;
Mas o Nilo, esse sai do Mundo inferior para o Egipto.
Assim, os teus raios alimentam todos os jardins;
Quando tu despontas, eles vivem e crescem, graças a ti.

XI

Tu fazes as estações a fim de criares todas as tuas obras
O Inverno traz-lhes a frescura e o Verão o calor
Tu criaste a extensão do Ceu para lá remontares
E para contemplares tudo o que criaste,
Quando só tu existias,
Despontando na tua forma viva. Oh! Aton,
Aparecendo ao alvorecer, refulgindo ao longe.
Tu crias a beleza da forma por ti só
Cidades, vilas e aldeias;
Quer nas estradas, quer no rio
Todos os olhos te vêem
Porque tu és o Senhor do dia sobre a terra.

XII

Tu estás no meu coração,
Ninguém mais te conhece,
A não ser o teu filho, Ikhum-Aton;
Tu deste-lhe a sabedoria dos teus designios
E por teu próprio poder.
Todos os seres estão na tua mão
Tal qual como tu os criaste;
Quando tu despontas, eles vivem
Quando tu repousas, eles morrem,
Porque tu tens a duração da existência;
Por ti, os homens vivem
E os seus olhos contemplam a beleza,
Até que tu repousas;
Todo o trabalho cessa,
Quando tu desapareces no Ocidente;
Quando tu despontas, eles, os homens, voltam ao trabalho.
Desde que formaste a terra,
Tu os fazes erguer para o teu filho
Que saiu dos teus membros,
Eu, o Rei, que vivo na Verdade,
Eu Ikhun-Aton, cuja vida é duradoura,
E para a Grande Esposa Real, a bem amada,
Senhora do Duplo-País, Nefertiti,
Que viva e prospere eternamente.

A reforma religiosa

Revela este hino a Aton, composto por Ikhun-Aton, uma alta espiritualidade que correspondia, sem duvida, aos intimos anseios renovadores da Fé, longamente meditados, no isolamento forçado de que se remetera, na sua capital. Mas não deixa de ser interessante notar que, nesse hino, há um egocentrismo que correspondia a um ideal de incondicional absolutismo que fazia de Ikhun-Aton, em nome de Aton, o senhor incontestável do Egipto; sendo, assim, lógicamente, Ikhun-Aton, dando mais um passo ávante, na reforma religiosa que estava a levar a cabo, confiscou, em nome de Atón, todos os bens dos vários templos das dignidades egipcias, porque, consideradas falsas e usurpadoras dos eternos poderes divinos inerentes a Aton, decisão que feriu não só os interesses materiais de milhares e milhares de sacerdotes, encarregados das cerimónias do culto das várias divindades, mas também as susceptibilidades das massas, presas, tenazmente, nos cultos tradicionais. Assim, se explica que, em todo o Egipto, tivesse começado a germinar o fermento de uma reacção, em nome das divindades nacionais tradicionais, contra a Religião que Ikhun-Aton pretendia impor, reacção essa que iria ganhando consistência e amplitude, á medida que a dominação egipcia nas terras de Canaan e da Síria ia ruindo, talvez como reflexo do desinteresse do «faraó» pela manutenção duma politica imperialista, antagónica do seu elevado ideal de fraternidade universal, sob a égide de Aton, deus universal, segundo as suas concepções. E, naturalmente, o clero de Thebas o mais prejudicado, sob todos os aspectos, pela reforma de Ikhun-Aton, não deixaria de insinuar que os continuos desaires, verificados em terras de Canaan e da Síria, eram o justo castigo mandado pelos deuses tradicionais pela heresia do «faraó».

Grande busto de Akh-en-Aton, com a coroa azul de calçáreo, avivada por traços coloridos

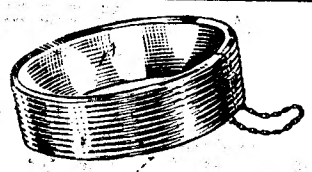
Entretanto, em Ikhun-Aton, o «faraó», vivendo rodeado de fieis conselheiros, de fieis servidores, ia procedendo ao embelezamento de palácios e edificios publicos, orientando os artistas, particularmente os pintores e os escultores, segundo novas normas estéticas que seriam gratas ao seu espirito. Efectivamente, verifica-se nas pinturas, nos baixo-relevos e nas estátuas, um sôpro renovador audacioso, impregnado de um realismo revolucionário que não hesita em fixar cenas da vida familiar e intima do «faraó», o que, até então, nenhum artista ousaria, porque seria considerado sacrilego; os próprios aspectos da Natureza são fixados, sem convencionalismos, com um realismo impressionante, em que, acentuaremos alguns historiadores e arqueólogos pretendem ver influências oriundas de Creta.

A morte de Aton

Mas Ikhun-Aton, por sua débil e doentia compleição, estava condenado a uma curta existência, o que dava á profunda reforma religiosa, em vigor, um caracter extremamente precário, tanto mais que essa reforma não atraia as massas, tão sómente interessara um numero muito restrito de espiritos superiores e de algumas centenas de altos funcionários, estes, certamente, mais por interesse material, para agradar ao «faraó», do que por convicção. Por isso, ao falecer Ikhun-Aton, a reacção, orientada pelo clero de Thebas, acentuou-se; mas só viria a triunfar, plenamente, quando um dos sucessores de Ikhun-Aton, Tut-Ank-Aton, ou seja «Imagem viva de Aton», decidiu, sob sugestões dos elementos tradicionalistas, e, em particular, do clero tebano, renunciar ao culto de Aton e declarar-se protegido de Amon, pelo que passou a chamar-se Tut-Ank-Amon, o que correspondeu, evidentemente, ao abandono do que já se afirmava ser uma cidade amaldiçoada, a esplendorosa Ikhut-Aton, e ao regresso da côrte para Thebas.

A vingança depois da morte

Desencadeou-se então, como era de prever, com requintada violência, uma como que contra-reforma que, sob a direcção dos omnipotentes sacerdotes de Amon, se esforçou por eliminar, completamente, todos os vestigios da reforma de Ikhun-Aton. O nome do «faraó», desse «faraó» que passou a ser amaldiçoado como um herege, foi martelado, em todas as inscrições; a cidade que fundara Ikhun-Aton foi abandonada e, talvez, em parte arrasada, com proibição expressa de lá se instalar o mais pequeno agregado humano; a própria mumia do «faraó» não foi deixada em sossego no seu sarcófago. Mas, séculos volvidos, a Arqueologia revelaria o papel reformador de Ikhun-Aton, revelaria as ruinas de Ikhun-Aton, faria ressurgir um dos momentos mais atraentes da multimilenária história do Egipto faraónico.



PULSEIRAS DISTINTAS
EXCLUSIVOS DE OURO
DA MARCA
TOPÁZIO
PROCURE NAS
OURIVESARIAS

PEQUENAS NOTICIAS

BEBEU PETROLEO

A menor Isaura Rosa da Silva César, de um ano, quinta das Pimentas, ao Aeroporto, ingeriu petróleo por engano. Foi levada ao hospital de S. José.

CONFERENCIAS

E' ámanhã, ás 19 horas, que o director do Instituto de Cultura Italiana em Portugal sr. dr. Gino Saviotti, falará sobre «As origens do teatro italiano», começando assim a série de conferências a realizar todas as segundas-feiras, integradas no «Curso Superior de Cultura» deste instituto.

BAILE DE ESTUDANTES

Os alunos da Escola de Belas Artes de Lisboa realizam um baile, no salão da S. N. de Belas Artes, ás 22 horas do próximo sagado. Actua a orquestra Fernando de Carvalho e o seu «sexteto do ritmo».

Os bilhetes poderão ser pedidos na Sociedade Nacional de Belas Artes ou na Escola de Belas Artes.

UMA REUNIÃO

de antigos escuteiros

Para sábado próximo, ás 21 e 30, está marcada a sessão inaugural dos trabalhos da Fraternal dos Antigos Escuteiros de Portugal, iniciativa do mensário «Sempre Pronto». Esta sessão, que se efectua na Sala Algarve da Sociedade de Geografia, será presidida pelo sr. comandante Alvaro de Melo Machado, que fundou em Macau o primeiro grupo de escuteiros português e foi o primeiro chefe escuteiro nacional. Falarão os srs. drs. Alfredo Tovar de Lemos e Francisco Cortês Pinto, evocando o primeiro, que foi comissário nacional e um dos mais influentes dirigentes escutistas, recordações da história do escutismo. O sr. dr. Cortês Pinto, também antigo presidente dos escuteiros de Portugal e actual presidente do Tribunal de Honra desta instituição, falará sobre «Fraternidade, laço fundamental do movimento dos escuteiros».

O Grupo de Escuteiros n.º 53 apresentará, como recordação, algumas antigas canções escutistas e será eleita a comissão organizadora da Fraternal dos Antigos Escuteiros.

O CULTO DO CONDESTAVEL

Uma cerimónia religiosa no Museu do Carmo

Nas ruínas do antigo templo do Carmo realizou-se esta tarde, uma cerimónia religiosa, durante a qual se procedeu á entrega, com destino á urna das relíquias do beato Nuno, da Grinalda Espiritual das Crianças de Portugal, por intenção da canonização do Santo Condestável, D. Nuno Alvares Pereira.

Presidiu o auxiliar do Patriarcado, sr. bispo de Priene e assistiram centenas de fiéis, entre os quais muitas crianças.

A urna das relíquias encontrava-se exposta sobre um altar improvisado ao fundo do antigo templo, para onde foi levada em procissão.

A VISITA A LISBOA

dos navios americanos

A bordo do navio-chefe da divisão de contratorpedeiros norte-americanos surta no Tejo, houve hoje um almoço em honra do sr. comodoro Lopes Alves, comandante-chefe da frota portuguesa. Assistiram também o 1.º secretário da embaixada dos Estados Unidos, o adido naval americano, o comandante e alguns oficiais do avizo «Afonso de Albuquerque» e diversos oficiais americanos.

A divisão larga amanhã do Tejo.

SORTEIO DA RÁDIO

organizado pela Casa do Pessoal da Emissora Nacional

E' no dia 31 de Dezembro que se efectua o grande Sorteio da Rádio—organizado pela Casa do Pessoal da Emissora Nacional—em que serão sorteados duzentos aparelhos receptores, das melhores marcas. Os poucos bilhetes que restam—cujo custo é, apenas, de um escudo, estão á venda nos estabelecimentos de rádio, tabacarias e pastelarias.

Orfeão Académico de Coimbra

De bordo do «João Belo», enviou-nos o seu telegrama de saudações a direcção do Orfeão Académico de Coimbra que amanhã, cerca das 8 horas, é esperado no Tejo, depois de uma viagem cheia de êxitos, através das províncias ultramarinas. No seu telegrama, aquela direcção confessa-nos o seu reconhecimento pelo interesse que o «Diário de Lisboa» manifestou durante o seu cruzeiro.

CRIANÇA QUEIMADA

Ao hospital de S. José recolheu hoje, com queimaduras graves no torax e abdomen, o menor Manuel Marques Antas, de 9 anos, que na sua residência, Beco do Espírito Santo, 8, 2.º, foi atingido por água a ferver.

Mocidade Portuguesa

Recomeçou hoje, a bordo do «Lidador», a instrução de marinharia da Mocidade Portuguesa, interrompida durante as férias do Verão.

O sr. dr. Ulisses Cortês

anuncia alguns resultados

nos circulos onde havia

listas de oposição à U. N.

Os drs. Ulisses Cortês e França Vigon, da comissão executiva da União Nacional, que durante a manhã percorreram as assembleias eleitorais da capital a informar-se sobre a maneira como decorreu o acto eleitoral, chegaram á sede da União Nacional pouco antes das 15 horas. Tomaram, então, conhecimento das primeiras informações telegráficas e puseram-se em contacto telefónico com as comissões distritais daquela organização política.

Logo que lhe foi possível receber um redactor do «Diário de Lisboa», o dr. Ulisses Cortês fez-nos as seguintes declarações:

—O acto eleitoral tem decorrido em todo o País com perfeita normalidade. A afluência ás urnas é por toda a parte grande; em alguns pontos enorme, semelhante á eleição apoteótica do sr. marechal Carmona, em Fevereiro.

—E em Castelo Branco e Portalegre—interrogamos.

—Segundo as informações que me chegam, a oposição sofreu em Castelo Branco uma derrota esmagadora. Mesmo no Alcaide, terra da naturalidade do sr. engenheiro Cunha Leal, não conseguiu a sua lista mais de um terço da votação. Ganhámos igualmente em Tortozendo, onde a oposição teve, no entanto, uma votação apreciável. Só em Unhais da Serra parece ter triunfado a lista oposicionista.

—E em Portalegre?

—E em Castelo Branco e Portalegre?—interrogou expressiva, a lista agrária, conseguindo embora uma votação apreciável, já está vencida. No Gavião, por exemplo, onde o sr. dr. Pequito Rebelo possui grandes propriedades, venceu a União Nacional. Parece que no Crato perderemos, mas não temos ainda numeros. Em Ervedal, concelho de Monforte, e na freguesia de Terrugem, concelho de Elvas, triunfou tambem a lista da oposição agrária. Na cidade de Portalegre, a União Nacional teve de defrontar a coligação de todas as oposições, mas venceu, embora com maioria inferior á que se supunha. Em todo o caso, já não temos duvidas sobre a vitória da União Nacional no circulo eleitoral de Portalegre.

—E em Lisboa?

—Pude observar, como toda a gente, que a concorrência ás urnas foi notável.

—Numa palavra...

—Estamos em face duma grande vitória da União Nacional e de mais uma significativa manifestação de civismo do povo português.

Na sede da União Nacional

Durante a tarde, mantiveram-se na sede da União Nacional, entre outros, os srs. coronel Lopes Mateus, dr. Mário Madeira, governador civil de Lisboa; dr. Manuel Murias, comandante Henrique Tenreiro, dr. António Abrantes, Tavares, tenente-coronel Vaz Monteiro, dr. Domingos Pereira Pulido, tenente-coronel Cortês de Lobão, etc.

O sr. eng. Cunha Leal manteve-se em Lisboa

O sr. eng. Cunha Leal, candidato regionalista independente pelo circulo de Castelo Branco, em lista de concorrência á da União Nacional, passou o dia em Lisboa. Em sua casa, onde compareceram muitos dos seus amigos politicos, o sr. Cunha Leal esteve em comunicação telefónica com os seus companheiros de lista e delegados nas diferentes freguesias daquele distrito, dos quais ia recebendo informações sobre a maneira como decorreu o acto eleitoral.

Em Tortozendo, a votação atribuida á lista regionalista independente foi anulada, por omissão da indicação de «lista B».

PRISÃO DE UM LADRÃO

SABUGAL, 12.—Pelo sargento da G. N. R., sr. José da Costa Silva, foi capturado, nesta vila, Joaquim dos Santos Paulino, de 27 anos, natural de Pousada, do concelho da Guarda, por ter roubado na noite de 6 do corrente, numa pensão da estação da Guarda, ao companheiro de quarto, José Dias Rato, da freguesia da Atalaia, do concelho do Fundão, a importancia de 2.100$00 que tinha na carteira, fugindo em seguida.

Como hoje, aqui apareceu-se e o sargento suspeitasse dele, conduziu-o ao posto, onde a grande custo obteve a sua confissão, sendo-lhe ainda apreendida a importancia de 1.664$00.

VIDA MUSICAL

Orquestra Portuguesa

Sousa Junior apresenta na quinta-feira próxima, em primeira audição, a sua «Fantasia patriótica», interpretada pela Orquestra Portuguesa. A audição efectua-se no palco do cinema Olimpia, do Porto, ás 19 horas, após a «matinée» de cinema.

No Porto

PORTO, 12 — (Pelo telefone). — Os primeiros eleitores apareceram logo á abertura das numerosas secções de voto montadas em toda a cidade, aumentando o numero de votantes á medida que se aproximava o meio dia. Algumas secções tiveram larga concorrência, de pessoas de todas as categorias sociais.

O chefe do distrito e o governador civil substituto votaram ás 10 e 30, respectivamente, na 1.ª e 3.ª secções, em Paranhos.

O sr. bispo do Porto deixou o seu voto na secção que funcionou em Massarelos. Durante a tarde, continuou a registar-se muito movimento de eleitores em todas as secções de voto da cidade e arredores, decorrendo a eleição na melhor ordem.

O acto em Coimbra

COIMBRA, 13 *(Pelo telefone)*—Com larga concorrência, as assembleias começaram a funcionar ás 9 horas, hora a que o chefe do distrito votou na assembleia de S. Bartolomeu, tendo o sr. arcebispo-bispo-conde votado ás 10 horas, na assembleia de Almedina.

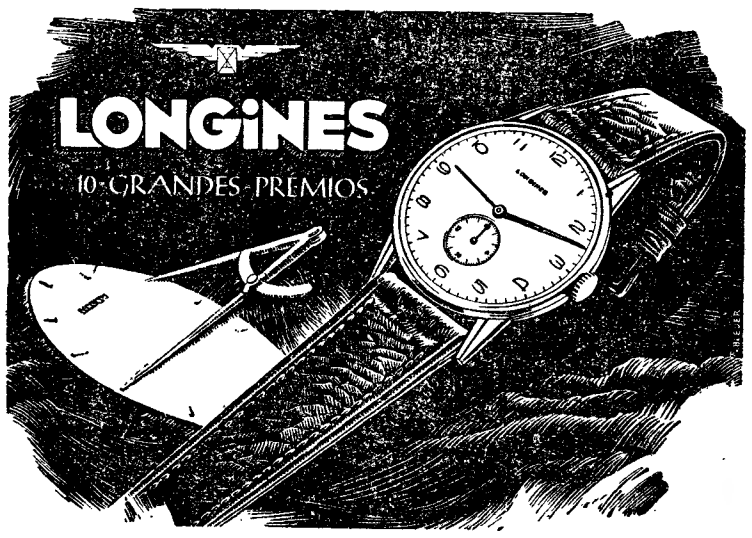
Nas assembleias de Santa Cruz e Sé Nova, foram desdobradas as secções de voto, funcionando as ultimas no Instituto de Antropologia, facto que se deu pela primeira vez, visto ter sido demolida a escola do Largo da Feira, onde sempre se realizou aquele acto.

Animação em Luanda

LUANDA, 13 — (Pelo telefone). — Acabamos de percorrer as cinco secções de voto da capital, junto ás quais grande massa de cidadãos está disposta a cumprir o seu dever cívico. Vêem-se brancos, pretos e mestiços, indistintamente, desde as primeiras horas da manhã, aguentando a pé firme o calor deste Verão tropical. O apêlo ao eleitorado, feito ontem pelo capitão Silva Carvalho, governador geral da colónia, através da rádio, está assim recebendo a melhor réplica.—(Lusitania).

Em Lourenço Marques

LOURENÇO MARQUES, 13 — Desde as primeiras horas da manhã, que há farta concorrência junto das urnas. O acto decorre na melhor ordem, enquanto os altofalantes dão as necessárias instruções.—(Lusitania).



Record de Precisão de 1945 e os Primeiros Prémios de 1946-1947 em Relógios de pulso
OBSERVATORIO DE NEUCHATEL

DE LUTO

Guilherme Quintino Macedo Costa

No Congo Belga, onde há mais de 20 anos se encontrava estabelecido, faleceu no dia 6 o sr. Guilherme Quintino Macedo Costa, de 65 anos, natural da cidade do Funchal, ilha da Madeira. Era casado com a sr.ª D. Maria de Almeida Eusébio Costa, irmão do sr. dr. Antonino Costa, médico no Funchal, e tio do sr. dr. António Augusto Costa, médico da brigada da Companhia dos Caminhos de Ferro do Lobito. A viuva manda ámanhã rezar uma missa na igreja de S. Domingos, ás 10 horas. A' familia enlutada apresentamos as nossas condolências.

D. Francisca Alexandrina Machado

Faleceu D. Francisca Alexandrina Machado, viuva, de 69 anos, mãe das sr.as D. Maria do Ceu Machado Pernes, D. Alice Machado Ferreira, D. Violante Machado Santos e do sr. Mário Machado, das oficinas da Carris e sogra dos srs. Pedro Pernes, Emilio Ferreira e José dos Santos. O funeral realiza-se amanhã, pelas 16 horas, da Rua Campo de Ourique, 114, 3.º, para o cemitério da Ajuda.

D. Ana Maria Calçada

OLHÃO, 12.—Foi hoje a sepultar a sr.ª D. Ana Maria Calçada, viuva, de 70 anos, mãe dos srs. Domingos, Artur, António e João Ilho, mestre de pesca muito conhecido. O cortejo funebre constituiu uma comovedora manifestação de pesar, tendo-se nele encorporado o presidente do Municipio local e o capitão do porto, além de elevado numero de senhoras e centenares de pessoas das mais variadas condições sociais.

SUFRAGIOS

Dr. Henrique von Bonhorst

Por alma do sr. dr. Henrique von Bonhorst, reza-se missa ámanhã, ás 12 horas, no altar-mór da igreja dos Martires.

AGÊNCIA MAGNO
FUNERAIS E TRASLADAÇÕES
TELEFONES—43180-43189
R. DE SANTA MARTA, 52-A, 56-A
A MAIOR ORGANIZAÇÃO COMERCIAL NO GÉNERO

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS

O aniversário dos de Campo de Ourique

Os bombeiros Voluntários de Campo de Ourique festejaram, hoje, os seus 33 anos de actividade, com o hastear de bandeira, logo de manhã, e uma romagem ás campas onde repousam, no Alto de S. João e nos Prazeres, os companheiros falecidos. Ao meio dia, foi celebrada missa por sua alma na igreja do Santo Condestável e, á tarde, nas instalações da sociedade em festa, que estiveram patentes a todo o publico, houve demonstrações e exercícios pelo corpo activo, dirigidos pelo comandante Belo Marques.

A' noite, cerca de 50 dirigentes e alguns sócios reunir-se-ão num restaurante, para um jantar de confraternização.

O aniversário dos da Agualva

Para celebrar os seus dezoito anos, os Bombeiros Voluntários da Agualva foram esta manhã em romagem aos cemitérios de Rio de Mouro e Belas, visitar as campas onde foram sepultados os companheiros mortos e, ainda ao local, junto de um afluente do Jamor, onde, em 1937, desapareceu em serviço, levado pela cheia, o bombeiro Mário Lobo, facto que foi depois assinalado com uma lápida.

De tarde, deslocaram-se a Agualva os srs. Gomes da Costa, Carlos Lopes e D. Alda Henriques que, em sessão publica, efectuada ao ar livre, diante de uma formatura geral do corpo activo, foram conferir, á associação a delegação da Associação Protectora dos Animais.

O espectáculo mais deslumbrante de Lisboa!

A opereta «A Dança das Libélulas», que hoje e todas as noites se exibe no Coliseu, com um elenco de grandes artistas líricos e cómicos.

Elisa Isabel, uma linda «Libélula»

Vamos hoje ao Coliseu! Vamos ver uma das mais lindas obras musicais de Franz Lehar, a extraordinária opereta «A Dança das Libélulas» recheada de momentos musicais maravilhosos e de cenas de um cómico irresistivel, uma alegria sã e saudável, que é, afinal, o encanto de todo o publico de Lisboa, que ri a bom rir e se deslumbra e se entusiasma e aplaude frenéticamente uma grande companhia de artistas líricos e cómicos, os melhores no género, com Gustavo Ré, um cómico de categoria internacional.

DE VITÓRIA EM VITÓRIA!

Aparecendo pela primeira vez em 3 provas automobilisticas consecutivas, os lubrificantes

SACOR

Afirmam em todas elas o poderio e eficácia da sua inexcedível qualidade.

1.º Triunfo
Rallye a Viseu

Vencedor absoluto da prova
CLEMENTE MENERES
Nas 5 diversas categorias, entre outros:
——— 3 primeiros prémios
——— 2 segundos »
——— 3 terceiros »

2.º Triunfo
Rallye a Evora

Vencedores absolutos da prova
MARIO RODRIGUES
e
M. SOARES MENDES
Nas 4 diversas categorias, entre outros:
——— 3 primeiros prémios
——— 2 segundos »

3.º Triunfo
Circuito da Parada em Cascais

Vencedor absoluto da prova
DR. ALBERTO CALÇADA BASTOS
Entre os 10 primeiros da classificação geral, devem também mencionar-se os do 2.º, 3.º, 4.º, 6.º e 8.º lugares
Nos 4 grupos diversos:
——— 3 primeiros prémios
——— 6 segundos »
Dos 17 trofeus disputados nesta prova, 12 foram ganhos por concorrentes utilizando os mesmos lubrificantes.

Todas as classificações referidas. foram conquistadas por automobilistas que usaram os SACOR MOTOR OILS

Em cada prova a que concorre, a

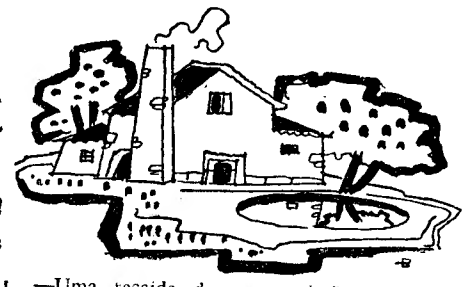
SACOR

Marca um passo à frente no caminho do Futuro!

SACOR

O CONTO DE DOMINGO

Um dia teremos a nossa casa



por **Maria da Graça Azambuja**

A recordação que Henriqueta guardou do primeiro encontro com ele não se estremou do conjunto doloroso.

Era o primeiro verão passado ao serviço dos Salter. Para dar banho ás meninas e brincar com elas, afastava-se para onde uma fiada de rochedos construia, na maré baixa, uma espécie de piscina natural. Sustida a audácia do mar, quase sempre envolto por veus de neblina, diminuia o perigo e crescia o á-vontade.

Enquanto Ritinha, a mais nova, buscava a agua, como seu elemento natural, a outra, com ar precoce de senhorinha, resistia-lhe furiosamente.

A'quela hora de raros banhistas, tornava-se notada no local solitario que escolhera. Franzina, talvez sem beleza, possuia, no entanto, uma estranha doçura no olhar, pés e mãos incrivelmente infantis.

De longe o rapaz observara-a uma e muitas vezes, indecisa entre as duas meninas. Henriqueta só o viu quando ele se lhe dirigiu abertamente:

—Quer que a ajude?

O ambiente exigia atitudes simples. Aceitou-lhe a intromitencia com um sorriso. Nem sequer se admirou de o ver a seu lado, auxiliando-a na luta por vencer a teimosia das garotas.

—Você tem muita paciencia para as suas sobrinhas. Há muitos dias que não a perco de vista. Segurando Ritinha á tona de agua pelo «maillot» amarelo fixava-a perscrutador, á espera de uma resposta que não veio.

Ocupada com a pequena Raquel, Henriqueta dir-se-ia não o ter ouvido.

Daí a pouco ele insistiu, no proposito de convencer Ritinha a abandonar a agua:

—Não seja feia. Obedeça á sua tia.

—Não são minhas sobrinhas. Sou eu que olho por elas em casa do dr. Salter.

As palavras soltaram-se-lhe, espaçada, dificultosamente. O tufo, meio desmanchado, dos cabelos presos ao alto, sem garridice, para que os ombros melhor recebessem a caricia do Sol, a mão segurando a de Raquel, a sua expressão dizia gravidade. O olhar entre conforme e magoado perdeu-se nos confins do horizonte azul-opala, sem ousar encará-lo.

A naturalidade daquele homem de olhar inteligente e testa ampla não lhe permitia ilusões acerca da sua categoria social. Durante oito anos por casas alheias, a solidão intima aguçara-lhe as qualidades de observação.

Adivinhava, pois, o efeito das palavras que pronunciara. Com um agradecimento breve, que cortava todo o começo de intimidade, afastou-se, mãos dadas com as meninas.

Henriqueta chegava á praia, pontualmente ás dez horas da manhã. Retirava logo após o meio-dia, segundo as prescrições do dr. Salter, para que a acção dos raios ultra-violeta resultasse mais vantajosa para as filhas.

Só muito depois disso, do «chalet» de quatro torres debruçado sobre o mar, a senhora Salter, loira e luminosa, descia com o marido á praia quase deserta.

As meninas começavam por se entreter com jogos, edificar fortalezas e castelos, até que, aborrecidas, se aproximavam da orla do mar, forçando-a a acompanhá-las.

No dia seguinte mostrou-se invulgarmente desatenta ás exigencias das crianças.

—Riqueta, uma ponte levadiça... uma arvore naquele jardim...

A filosofia de aceitação que as circunstancias a haviam obrigado a adoptar nem sempre obstava a que a «menina Henriqueta» tivesse vinte e quatro anos. E analisados os factos em profundidade, numa relação com ela mesma, esses vinte e quatro anos não equivaliam a mais de dezasseis—a idade em que o seu secreto desejar e sentir se detivera.

O caracter exuberante talvez um pouco estouvado, que alvoroçava todo um colégio de raparigas, agrilhoara-se de modestia e comedimento quando ao pai atontado fôra dada a exigua reforma do emprego. Ela, a mais velha das irmãs, não podia ser um peso-morto na familia. Uma amiga de infancia da mãe admitira-a em sua casa para andar com as crianças e ensinar-lhes o que soubesse.

Oito anos decorridos ameaçavam convertê-la na senhora «grisa» que acompanhava os meninos. Mas mesmo agora, que a sua crença na bondade e na simpatia humanas afrouxara, um elozinho de ternura prendia-a ainda áquelas crianças que daí a pouco a esqueceriam, como tantas outras.

Habituara-se a suportar humilhações e ingratidões. Até, o que era pior, a sua propria animosidade e revolta. Era uma criatura como qualquer outra, sujeita aos mesmos sentimentos, capaz de odiar, de desejar um palacio ou um colar de perolas. Insensivelmente, porém, a mediocridade da sua existencia impôs-se-lhe. Sem dar por isso era cada vez menor a altura dos seus voos.

Passados dois dias o rapaz voltou a aproximar-se-lhe com as meninas que ajudara a apanhar conchas e busios. Henriqueta acolheu-o com a afabilidade incolor com que acolhia toda a gente.

Desse habitual não desejar o amor nasceu confiado e simples. Como se apenas o momento lhe estivesse reservado.

Rui Brandão era arquitecto, filho e parente no meio de uma familia que vivia de admirá-lo.

Na cidade continuaram a ver-se. O outono arrastava-se muito brando. O Sol esmorecia em oiro pálido e a atmosfera tinha uma pureza e uma suavidade inconcebiveis. Folhas secas manchavam melancolicamente o arrelvado, sempre verde de parques e jardins. Começaram por percorrer todos os recantos discretos onde é costume os namorados ocultarem-se. E os campos ermos dos arredores.

Henriqueta chegava sempre ofegante e apressada, com o seu ar modesto e enigmatico. Dir-se-ia ter consciencia de que os momentos em que ela era na realidade ela mesma, serem uma generosa concessão do destino. Destino de imolação da sua juventude em holocausto dos outros, o seu destino que a si propria a roubava. Como se uma ordem ou uma chamada estivessem iminentes.

—Querido, que tens feito?

—Trabalho—respondia Rui evasivamente.

—Assim tanto?

—As mulheres não compreendem a responsabilidade de uma vida de negócios, com problemas de toda a espécie...

Ela despia-se a correr e tomava lugar ao lado dele. Mas na sua passividade encontrava o homem a criatura mais apaixonada e instintivamente requintada, extase, como de fanatismo religioso, no ardor que lhe selava os labios. Do corpo pequeno, de pele suave, evolava-se, na dadiva que de si fazia, uma ternura tão vibrante e dolorosa, quase gratidão, que inspirava piedade.

—Fica-nos sempre tanta coisa por dizer—murmurava Henriqueta á despedida, ajeitando os cabelos, ou abotoando o casaco.

Com essa simples frase mantinham a insatisfação com que de novo se procuravam. Passos andados para um rumo não amplamente atingido, mundo de todas as horas, apenas entrevisto.

Rui não fazia perguntas nem trazia á baila a sua vida. Só nas cartas ele se revelava melhor.

Estas eram confissões de criatura inexperiente, que ao principio lhe arrancavam sorrisos de complacente ironia. Tudo quanto represara vinha á tona. A infancia misturava-se

á melancolia do presente, á puerilidade de uma frase de criança. E entre elas uma começou a aparecer a miude «um dia teremos a nossa casa»...

Rui não gostou. Procurava uma mulher, não um compromisso. Henriqueta vinha sempre, porém, sem uma exigencia ou um projecto, e a frase pairava num mundo subjectivo, irrealizavel. No entanto, á cautela, fechou melhor a sua ternura.

Uma tarde de Março, Henriqueta entrou um pouco mais timida, a boca a cerrar-se em emoção discreta.

—Vens muito bonita. Faz alguem anos lá em casa?

Em frente dele, Henriqueta olhava comprometida os cravos que trazia na mão. No hábito de não exteriorizar opiniões, tardou em formular o seu pensamento. Depois, num assomo de coragem, como se se tratasse de facto que transformasse o curso dos acontecimentos:

—Pensei que, com flores, isto teria um ar mais intimo, como se estivessemos na nossa casa!

Num instante as flores vermelhas de papel foram substituidas pelos cravos pálidos. Henriqueta não reparou na expressão motejadora com que o homem seguia os seus movimentos. Apesar disso uma saudade delicada pareceu flutuar na atmosfera.

«Isto é natural, isto é natural. Um dia forçosamente ele havia de se cansar, pronunciara mentalmente, milhentas vezes ao dia, no esforço de se habituar á ideia que iludisse a dor. Não obstante, dentro de'a alargara-se um vazio que a afogava. Rui faltara ao primeiro como ao segundo encontro e não dava sinais de vida.

A confusão desse periodo, assinalado unicamente pelo descontentamento das meninas e uma leve censura—oh, muito leve porque fazia questão de não perder aquela criaturinha rara entre tantas que conhecera—da parte da senhora Salter, só a carta de Rui a dissipou. Encontrava-se doente e chamara-a á sua beira.

Henriqueta aproveitou-se da liberdade que a senhora concedia á criadagem e nesse mesmo dia correu ao seu encontro.

Era uma tarde de Julho extremamente quente. Rui habitava com os pais fora de Lisboa. Henriqueta tomou o primeiro comboio de ocasião. Os cabelos curtos, tão leves, o fato ligeiro, o pequeno saco de mão, tudo lhe pesava insuportavelmente.

Quando deu por si a caminhar em plena estrada, livre da atmosfera pesada da carruagem, a mesma sensação de transportar pedras sobre os ombros e sobre o peito persistia a dificultar-lhe o andar.

—A casa do sr. arquitecto Brandão?

—Vai por bom caminho—disse, sem se deter, o homem a quem se dirigira.

Lá estava o portão aberto, uma ruazinha ladeada de buxo, conduzindo a um largo, ao fundo do qual ficava a habitação de janelas a espreitar entre o emaranhado das trepadeiras.

O coração batia-lhe de desesperado jubilo. Sentia-se antecipadamente intimidada e opressa pelo que se lhe iria deparar. Invadia-a o constrangimento de quando procurava nova colocação, ao mesmo tempo que em si renascia a crença, elo de simpatia humana, e se reconhecia com forças para amar tudo quanto ainda viesse ao seu encontro.

Impossivel ligar a atenção ao trajecto que a criada lhe fazia percorrer, corredores e salas soturnas, interminaveis.

A brusca claridade de uma porta que se abre, avista enfim Rui, um Rui que se lhe afigura enorme, estendido num cadeirão, casaco castanho, felpudo, apesar da tarde abafada. Só agora reparava naqueles cabelos muito ralos, a alargarem-lhe mais amplas clareiras nas fontes. Fisicamente diferente do Rui que conhecera, mas ainda com o ar de terna compaixão com que dantes acolhia a rapariga que, discretamente, vinha entregar-lhe o tributo do seu amor!

Ficou por momentos silenciosa, só os olhos macios a exprimirem receio e espanto.

—Querido, como estás? Que tormento, tanto tempo sem saber de ti!

Brandamente ele repeliu a boca que se lhe oferecia, Henriqueta sentou-se a seu lado. Só então relanceou a vista pelo compartimento austero. O silencio, o ambiente estranho, a forma pouco natural como fora acolhida, tudo concorria a sentir-se uma intrusa ou uma ladra. A vergonha da sua situação fez-lhe subir a cor ao rosto.

—A tua mãe... sabe que eu vim?

—Nem eu me atreveria a chamar-te sem o seu consentimento Mas, está descansada, não pretende conhecer-te.

Henriqueta compreendeu o significado da generosa concessão. Rui encontrava-se por certo muito pior do que dizia na sua carta. Desejaria fugir para expulsar o pesadelo, superior ao que a esmagara enquanto se julgara esquecida.

Baixo, a tentar ocultar o tremor da voz, perguntou, tomando-lhe as mãos:

—Como foi isto? Explica...

—Uma recaida do meu pulmão... tu sabes...

Sim, vagamente ele falara-lhe daquilo, mas como coisa sem projecção no presente! Vira-o sempre tão forte, tão dominador da vida, que não podia acreditar.

—Mas como, como? Assim rápido...

—Assim rápido, dizes bem.

Uma ternura triste velou-lhe a ironica segurança do olhar, ao encontrar o dela, ardente e timido.

Sem poder conter mais a comoção, Henriqueta enterrou o rosto nas mãos dele, as suas mãos de caricias suaves. Depois, envergonhada da propria fraqueza, começou a falar com volubilidade como se um trago de claridade a reconfortasse.

Pela janela aberta os olhos repousavam num lago de aguas verdes cujas margens, velhos e copados castanheiros, sombreavam. Do pombal de pedra, ao centro, num arredondado de cupula moirisca, esvoaçavam pombas.

—Era assim, com muita luz, muitas arvores que eu sonhava a nossa casa.

As circunstancias não eram as mesmas de quando aquela frase obrigava Rui a uma defensiva cautelosa. Saudade, esperança, simples curiosidade, ele cobrou alento. A vida acercava-se-lhe com as suas sortes de ilusionismo.

—Falavas muito dela nas tuas cartas. Parecia ser o teu pensamento constante...

O constrangimento de Henriqueta quebrou-se. Dias e noites construira a morada de ambos. Muitas vezes parava em frente de vitrinas a ver mobiliario. Em casa dos Salter encontrara revistas inglesas que a tinham ajudado a guarnecê-la.

A' medida que prosseguia, excitava-se. Esquecia que só a gravidade do estado do homem, a trouxera á sua beira. Idealizara o futuro, descrevia particularidades que a imaginação arquitectara.

—Um belo sonho, sim, que talvez pudesse ter sido realidade—reclamou por fim Rui, encarando-a fundo, uma dolorosa desorença a abrir-lhe o rosto num sorriso falso.

Ao despedirem-se, a angustiosa sensação que Henriqueta experimentara á chegada quase desaparecera.

Quando voltou na semana seguinte, Rui esperava-a ao portão. Um alvoroço intimo comunicara-lhe uma especie de inpaciencia. Mal lhe deu tempo a falar, na pressa de expor o que se passara na ausencia dela. A ideia da casa não se lhe apagara da memoria. Numa noite sem sono traçara-lhe o projecto.

—Vais gostar com certeza.

Henriqueta teve dificuldade em regular o seu passo pelo dele, a caminho da habitação.

Em frente do seu olhar, no gabinete anexo ao quarto, Rui desdobra a folha de papel com a planta da futura construção. Explica o traçado, a ideia a que o plano obedeceu. Aguarda, de olhos brilhantes, que Henriqueta se pronuncie, acata as opiniões que ela fornece, contaminada de entusiasmo.

Com a ternura indulgente do principio, Rui lança as palavras que a sufocam de emoção.

—Assim que melhorar começo a tratar listo Havemos de ter a nossa casa.

De futuro a conversa gira sempre á volta desse assunto. Aqui se altera um compartimento, acolá se acrescenta um pormenor á harmonia ou á comodidade do conjunto. Henriqueta busca integrar-se num novo sentido, irreal, de vida. Quere acreditar que tudo aquilo é verdade e acaba por convencer-se, embora saiba que todos os tratamentos têm falhado e o homem piora de dia para dia. Numa ansia desesperada, embrenham-se os dois num mundo imaginario.

Rui prende-se ao real absoluto, a poesia, o sonho da vida. Alimenta-se de sonho, crente de que o sonho não o atraiçoará, o sonho não o deixará morrer para não morrer com ele.

—Não te esqueças das amostras da tapeçaria para a sala de estar—recomenda-lhe ele á despedida.

A Henriqueta não interessa já que a mãe de Rui a ignore—ela é apenas a ultima, humilde distracção, concedida ao filho... Embora! Perdeu a noção das realidades. Ri e gargalha com as crianças, agradadas. Pede frequentes saidas para percorrer os estabelecimentos. Recalcada a dor que a espreita, atravessa a época mais feliz da sua existencia. Ela e o homem são um unico ser, unidos numa aspiração comum onde os seus desejos se realizarão inteiramente. Vê, indaga, de sorriso nos labios. Quando se juntam, o sofrimento não tem lugar nos seus projectos.

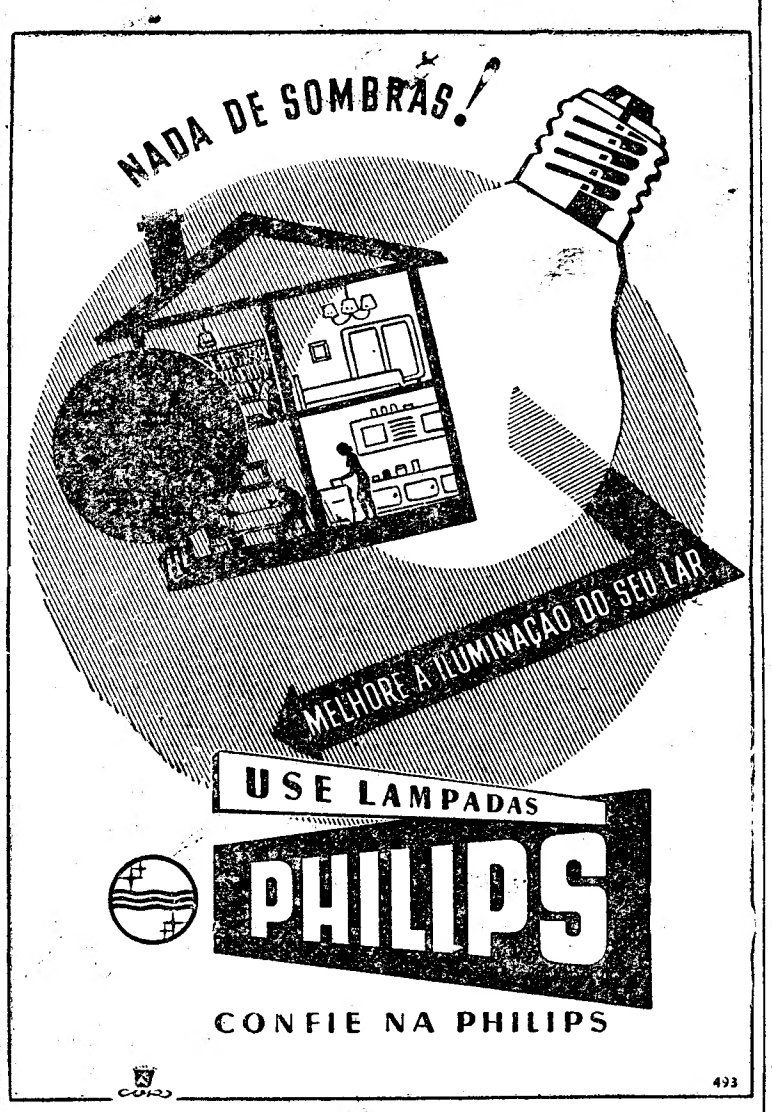
A casa, inabalavel nos seus alicerces, agasalhada, está na imaginação de ambos, quase pronta para recebê-los.

Depois de as meninas adormecerem Henriqueta dispunha finalmente de tempo para ler ou escrever. Em suma, para se encontrar consigo antes de se deitar...

Naquela noite de Dezembro, de luar frio e brilhante, os Salter tinham jantado fora, com familia. Embora levassem tambem as filhas, haviam-na dispensado.

O isolamento exalta-lhe o anseio do ambiente terno com o homem e crianças «suas», a visão situada entre a terra e o sonho, que o espirito entrevê ao fundo da noite branca. Quando, ao abrir o jornal, se lhe deparou a noticia da morte de Rui, olhou, leu, tornou a ler, sem compreender muito bem.

O olhar passava-lhe espantado, do laconismo das linhas banais, á folha de papel onde traçara havia pouco: «*Querido, a nossa casa...*».



CONFIE NA PHILIPS

493

Tem
UM HOMEM
NA SUA VIDA ?

20 milhões de mulheres fazem em casa este tratamento de beleza e a ele devem o seu sucesso.

Para conservar o coração daquele que ama cuide bem da sua cara. Dia a dia células mortas ficam alojadas nos poros da sua epiderme. É normal, mas a sua tez perde o brilho, pintas negras e depois rugas aparecem... e os olhares desviam-se de si. Faça como milhões de mulheres no mundo. Utilize também o Creme Tokalon Branco para de dia que, penetrando profundamente nos poros, eliminará essas feias células mortas responsáveis de tudo, e terá de novo uma tez de vinte anos. Este resultado é garantido senão o dinheiro ser-lhe-á reembolsado. Todas as noites empregue também o Creme Tokalon Rosa, que suprime as rugas graças ao *Biocel* que contém, este prodigioso alimento da pele.

O «Diário de Lisboa» vende-se actualmente na Guarda, no Café Mondego.

A MARIAZINHA
LISBOA E PORTO

Os produtos d'**AMARIAZINHA** são inimitáveis!

Ainda ninguém os conseguiu igualar, por mais esforços que fizessem.

E os seus preços: ou são iguais ou ainda mais baratos que os produtos vulgares.

O seu **Passado** — responde pelo **Futuro.**

A MARIAZINHA vende:

Cafés — Chás — Farinhas Cevadas — Chocolates — Cacau — Pudins — Flocos de Aveia.

Peça ao balcão o Catálogo geral—que contém tudo quanto **A MARIAZINHA** vende e seus preços, o valor das farinhas e a forma de as preparar, receita para criar forças, etc., etc.

L I S B O A
Rua de Barros Queirós, 28

P O R T O
Rua de Santo Ildefonso, 415
(ao Padrão)

EXCELENTE VINHO DE MESA
Lusa Imperial, Limitada
RUA DO TELHAL, 53-55
POÇO DO BISPO — LISBOA
Telefone 39-089

Ritz
PASTELARIA
E
SALÃO DE CHA'
«Lunchs» para casamentos
R Rodrigo da Fonseca, 129
Telef. 41698

A. C. P.
Em colaboração com a Sociedade Estoril e a Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs, proporciona-vos economicamente o agradável passeio ao triangulo turistico
LISBOA—SINTRA—ESTORIL

UMA MARAVILHA DA INDÚSTRIA NACIONAL

FABRICAÇÃO DA
CASA HIPÓLITO, LIMITADA
TORRES VEDRAS / PORTUGAL

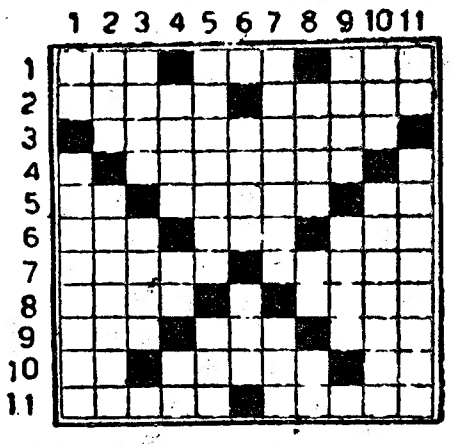
MALA REAL INGLESA
ROYAL MAIL LINES, LIMITED
AGENTES EM LISBOA:
JAMES RAWES & C.º LTD. e E. PINTO BASTO & C.ª LTD.ª

PAQUETES	ESPERADOS EM:	DESTINO	RECEBENDO:	CONSIGNADOS A:
S/S «ANDES»	17 de Novembro	Las Palmas, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires	Passageiros de 1.ª e 2.ª classes Carga geral e de frigorifico	James Rawes & Cº Ltd. Rua Bernardino Costa, 47, 1.º Tel. 2 3232-3-4
M/V «HIGHLAND CHIEFTAIN»	24 de Novembro	Vigo e Londres	Passageiros de 1.ª e 3.ª classes.	E. Pinto Basto & C.ª, Ltd.ª Av. 24 de Julho, 1, 1.º Tel. 31581 (7 linhas)
M/V «HIGHLAND BRIGADE»	30 de Novembro	Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires	Passageiros de 1.ª e 3.ª classes. Carga geral e de frigorifico	
S/S «ALCANTARA»	2 de Dezembro	Vigo, Cherbourg e Southampton	Passageiros de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes. Carga geral	James Rawes & Cº Ltd. Rua Bernardino Costa, 47, 1.º Telefones 2 3232-3-4

RÁDIOS
em 24 prestações
Máquinas de escrever
Máquinas Fotográficas
das melhores marcas e nas melhores condições
Casa MAX
2C, Av. Praia da Vitória, 2D

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 2574



HORIZONTAIS: 1—Nome de um astro. Célebre cavaleiro semi-lendário que é o protótipo dos paladinos castelhanos. Rio do Norte de Portugal. 2—Termino. Dirigir-se-iam. 3—Arrumado. 4—Concordara. 5—Antes de Cristo. Amolo. Atmosfera. 6—Rilhe. Rezo. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. 7—Quadros a óleo. Apelido de uma das rainhas de Portugal. 8—Olmeiro. Frutos das videiras. 9—Plana. Divisão do ano. Navega. 10—Existe. Parelhas. Símbolo químico do érbio. 11—Restos mortais. O mesmo estado.

VERTICAIS: 1—Apelido. Embrulho. 2—Vazia. Espécie de mamíferos roedores (fem. pl.). 3—Enlaça. Espírito. 4—Entrada. Preposição e artigo. Poeira. 5—Princípios. Obstáculo. 6—Rio da Alemanha. Ente. 7—Escritor e filósofo francês do século XVIII. Preposição que designa falta. 8—Invulgar. Pronome pessoal. Pronome reflexo. 9—Ópera de Verdi. Madrugada. 10—Falso. Demolirem. 11—Preposição. Difundira-se.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 2573

HORIZONTOIS: 1—Águas. Pala. 2—Carregosa. 3—Ira. Goma. Bê. 4—Me. Calarmos. 5—Angola. Oira. 6—Urna. Anal. 7—Unas. Trarás. 8—Relevais. Pó. 9—As. Lera. Ain. 10—Chiaramos. 11—Brôa. Alara.

VERTICAIS: 1—Acima. Ural. 2—Gare. Nunes 3—Ura. Gral. Cr. 4—Ar. Conselho. 5—Sé. Gala. Veia. 6—Gola. Tara. 7—Poma. Aria. Rã. 8—Asaronas. Al. 9—Lá. Miar. Ama. 10—Borla. Pior. 11—Lesa. Sonsa.

FATOS USADOS

e toda a roupa de homem e calçado, compra-se pagando justo valor. Rua da Rosa, 139. Tel. 32096.

Pensão Santa Margarida

Sucursal de Sintra, optimos quartos, cozinha á portuguesa. Preços acesiveis, todos os hospedes têm direito ás refeições nas duas pensões. Rua Augusto dos Santos, 2, 3.º, Tel. 47682 (a S. Sebastião).

DIARIO DE LISBOA

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional.

SITUAÇÃO GERAL ÁS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE: O anticiclone centrado a Norte dos Açores domina o estado do tempo numa vasta área do Atlantico, estendendo a sua acção a toda a Europa Ocidental.

Em Portugal, mantém-se o bom tempo, embora a faixa costeira ocidental esteja sob a acção de nortada.

PREVISÃO PARA O PERIODO DAS 15 HORAS (T. M. G.) DE HOJE ÁS 0 (T. M. G.) DE AMANHÃ: Em todo o continente, ceu limpo, ou com fraca nebulosidade, e vento do quadrante Norte, soprando com rajadas fortes junto á costa ocidental; temperatura com tendência para diminuir.

Temperaturas extremas registadas, hoje, em Lisboa, até ás 15 horas: *máxima, 19º,5; minima, 14º,9.* No mesmo dia do ano passado: *máxima, 21º,3; minima, 11º,3.*

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA—Ás 18, Musica de salão; 18 e 15, Cançonetas; 18 e 30, Danças; 19, Noticiário; 19 e 5, O compositor da semana: Brahms; 20, «O caso do dia»; 20 e 15, Folclore musical; 20 e 35, Domingo desportivo; 20 e 45, Musica ligeira portuguesa; 21, Domingo sonoro e desdobramento.

Programa A—Ás 21 e 30, Musica ligeira sinfónica; 22, «Presença do passado», pelos drs. João Ameal e Domingos Mascarenhas; 22 e 30, Musica de salão; 22 e 50, Paris, plateia do Mundo, por José Augusto; 23, Guitarradas ;23 e 20, Danças; 23 e 50, Resumo noticioso ;0, fecho.

Programa B—Ás 21 e 30, Musica de tecla; 21 e 45, Musica sinfónica; 22 e 30, Palestra da série «Aspectos e problemas da Estética contemporanea»; 22 e 45, Musica sinfónica; 23 e 50, Junção dos emissores e fecho.

RADIO CLUBE—Ás 19, Musica de dança; 19 e 10, «Era uma vez...», programa infantil; 19 e 45, Musica de dança; 20, Comentários desportivos; 20 e 15, Musica portuguesa; 20 e 45, Rádio jornal; 21, Passatempo; 22, Canções; 22 e 15, «Resca'do da semana»; 22 e 30, Discos pedidos pelos sócios da estação; 23, 1.º acto da ópera «Fedora», de Giordano, e comentários por Sidónio Miguel; 23 e 30, Musica de dança; 23 e 40, Rádio jornal; 0, fecho.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 18 ás 20, Peninsular; das 20 ás 22, Rádio Juventude; das 22 ás 0, Rádio S. Mamede.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO H—Ascenso—Bairro da Encarnação, Rua 19; Leal de Matos—R. Neves Costa, 33 (Carnide) (Tel. 58181); Salutar—Rua B, 75-A-B, Bairro da Liberdade; União—Estrada de Benfica, 592-594 (Tel. 58092-; Aguiar—Estrada de Benfica, 197-199 (Tel. 58043); Patuleia, H.os—Rua do Lumiar, 122-124 (Telefone 79332); Miranda—Largo do Dr. Afonso Pena, 41-B (Tel. 70776); Baptista—Rua de Francisco Tomás da Costa, 8 (Tel. 71873); Arga, Ld.ª—Av. da Praia da Vitória, 53-55 (Tel. 43938-; Lis—Av. de Luís Bivar, 67-71 (Tel. 47213); Olivai (dos)—Rua de Alves Gouveia, 19, Marvila (de)—Rua Direita de Marvila, 25; Banha—Estrada de Chelas, 173-175; Oriente—Rua Lopes, 120 (Tel. 43381); Branquinho—Rua dos Sapadores, 87 (Tel. 42363); Frazão—Rua da Cruz de St.ª Apolónia, 90-92 (Tel. 27017-; Nacional—Rua de S. João da Praça 26 (Tel. 28032-; Bastos de Andrade—C. de Santo André, 107-111 (Tel. 25150); Veral—Rua de Morais Soares, 109 (Tel. 41201); Romano Baptista—Rua de Passos Manuel, 6-10 (Tel. (Tel. 50593); Central de Campolide—Rua General Taborda, 17 (Tel. 40304); Almeide—Rua de Silva Carvalho, 136 (Tel. 63226-; Paivas & Parente—Rua de Santo António, á Estrela, 96-98; Bom Sucesso—Rua da Praia do Bom Sucesso, 2 (Tel. 37578); J. A. Silva—Rua dos Quarteis, 25-27 (Tel. 37777); Lisbonense—Rua do 1.º de Maio, 10 (Tel. 37020); S. Tomé—Rua da Torre da Pólvora, 4-D (Tel. 63800); Fontoura de Carvalho—Rua de Santos-o-Velho, 12 (Tel. 62075); Labor—Rua do Diário de Notícias, 81-83 (Tel. 23428-; Ribeiro & Castro, Ld.ª—Rua Braamcamp, 58 (Tel. 43409); Lima Amaro, Suc.—Praça da Alegria, 27-28 (Tel. 21149); Ferrão—Rua da Mouraria, 12 (Tel. 28064); Centro Farmaceutico, Ld.ª—Rua Eugénio dos Santos, 88 (Tel. 21211); Ferreira Pinto—Rua da Vitória, 21 (Tel. 23793); Belmar—Rua da Igreja, 5-B (Bairro Alvalade).

CARTAZ DOS ESPECTACULOS

TEATROS

TRINDADE—A's 21 e 45—«A raposa azul».
GINASIO—Ás 21 e 45—«A sopa no mel».
VARIEDADES—A's 20 e 45 e 23 h.—«Quem manda são elas».
MARIA VITORIA—A's 20 e 30 e ás 22 e 45—«Esquimó fresquinho».
APOLO—A's 21 e 45—«Filipe II».
COLISEU—A's 21 e 30—«A dança das Libélulas».

CINEMAS

S. LUÍS—«A mulher do outro».
TIVOLI—«O fosso das viboras».
EDEN—«Três minutos de vida».
POLITEAMA—«Joana d'Arc».
CAPITOLIO—«O gigante africano».
ODEON e PALACIO—«O inferno do ciume».
OLIMPIA—«Oiro traiçoeiro».
JARDIM—«Aventuras de D. Juan».
TERRASSE—«A vida de um toureiro».
LIS—«A vida de um toureiro».
REX—«Sonata de Amor».
BELEM JARDIM—«Inconquistáveis».
R. AMADORA—«Emilio, o africano».
CHABY (Algueirão)—«A cigana feiticeira».

Consulado da Argentina

A partir de depois de amanhã, os escritórios do comando geral da Argentina passam a funcionar para o publico, das 13 ás 19 horas, todos os dias uteis, e das 9 ás 12, só aos sábados.

Restaurante Clementina

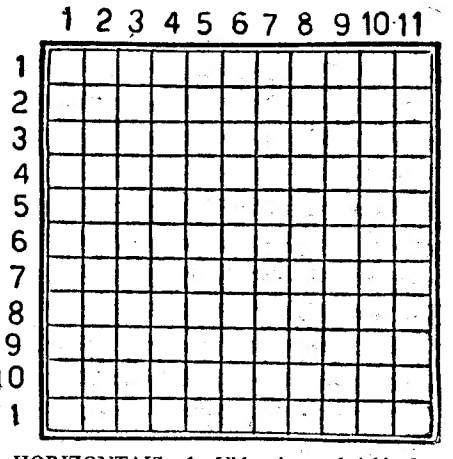
A Cozinha mais portuguesa e á vista do cliente.

E' a casa onde melhor se come.
Rua Jardim do Regedor, 37, 1.º
Telef. 24669

PALAVRAS CRUZADAS

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 418



HORIZONTAIS: 1—Vida claustral (pl.). 2—Descerraras. 3—Simbolo quimico do gálio. Brejos. Poeira. 4—Gemidos. Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica. Chegar. 5—Vila do concelho de Agueda. Ovais. 6—Poeta entre os gregos. Engano. 7—Tumulo. 8—Parti. Passada. 9—Preposição. Labrego. Maligna. 10—Oceano. Soberano. Possui. 11—Inunda. Apelido.

VERTICAIS: 1—Quartzo translucido de cores variadas. Assunto. 2—Apelido. Doença. 3—Nota musical. Oxido de cálcio (pl.). Batráquio. 4—Parte do chapeu. Carta de lei que dava privilégios. 5—Não permitia demora. Remara para trás. 6—Da Siria. Letra grega. Pretexto. 7—O 7.º planeta que gravita em volta do Sol. Vendeis a crédito. 8—Chefe etiope. Quadrupede ruminante de pontas redondas e ramosas. 9—Pedra de dominó. Fasquia flexivel. Pronome pessoal. 10—Acho-me pior. Divisão do ano. 11—Nome pelo qual se designava Napoleão. Lameiro.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 417

HORIZONTAIS: 1—Casca. Causa. 2—Solferino. 3—Lia. Ida. 4—Al. Ogiva. Pó. 5—Gás. Olá. Lar. 6—Ocas. Oito. 7—Ria. Ser. 8—Não. Usa. Sic. 9—Ou. Cr. Rs. Ao. 10—Penates. 11—Edema. Emita.

VERTICAIS: 1—Mago. Nove. 2—As. Lacrau. 3—Sol. Saio. Pé. 4—Clio. Sã. Sem. 5—Afago. Urna. 6—Ilhas. 7—Criva. Arte. 8—Aida. Os. Sem. 9—Una. Lies. Si. 10—Só. Pátria. 11—Goro. Cova.

Oiça o s/ Alfaiate...

Sobre o efeito da limpeza a seco na **Tinturaria Lisboa.**

Pergunte nas lojas de gabardinas qual o resultdo da n./ reimpermeabilização.

Não se incomode, ligue para 23422, Rua da Prata, 156, s/l.

Angelo Soares

LUZ FLUORESCENTE

Lampadas **«WESTINGHOUSE»**
Balastros **«ACME»**

PRODUTOS DE INEXCEDIVEL QUALIDADE COM A GARANTIA DE PERFEITO FUNCIONAMENTO E EXACTO CONSUMO
Grande variedade de candeeiros comerciais e industriais, com o garantido equipamento «ACME»
Tudo para a moderna e económica iluminação «COLD CATHODO»

CONSULTEM PREÇOS ORÇAMENTOS GRATIS

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL:

LUX INDUSTRIA, LIMITADA

Avenida Almirante Reis, 9 a 9-C — Telef. 4 8715 — LISBOA

MELO HENRIQUES
LDA.
FABRICANTES
MOVEIS - ESTOFOS - DECORAÇÕES

C. do Combro, 38-A n. 9—Tel. 29381
Sede: Campo St.ª Clara, 113-A-113-D
Tel, 29546
LISBOA

MAPLES

Os mais baratos e cómodos
Antiga casa Soares & Coelho
R. do Norte, 61 (ao Camões)

Candeeiros

Apliques e velas, molduras, risulas, talha rica, móveis com embutidos, etc., vende o fabricante—Rua Arco da Graça .12. Tel: 29619.

Cabelos brancos!!

Desaparecem completamente em 15 dias sem pintar. Use ODALINA perfumada, não é uma tinta e torna os cabelos brilhantes. Frasco 11$00.

Drogarias: Costa & Conde—R. da Prata, 117; Central — R. da Prata, 192; Quintans — R. da Prata, 194-198 e Pires Tavares — R. 1.º de Dezembro, 128-130; Açoriana — R. da Prata.

Instrução

Ensino rápido em moto e em AUSTINS A-40. Treinos na Cidade ou Estrada. Lições desde 30$00 á hora. Esta escola tem mesa de Transito e maquete de estradas. Sala propria para cursos de mecanica e pontos escritos Carro especial para instrução a Senhoras. Aceitam-se alunos prestes a fazer exame.

ESCOLA DE MOTORISTAS
AUTO-PROGRESSO
R. de Cabo Verde, 20—Tel. 54378
(ao Bairro das Colónias)

Mobilias tipograficas

Os que mais barato fabricam
Antiga casa Soares & Coelho
R. do Norte, 61. (ao Camões),
Telef. 2 6550

Hidro-Eléctrica Alto Alentejo

EXCURSÃO À BARRAGEM DE BELVER

Convidam-se os accionistas da **HIDRO-ELECTRICA ALTO ALENTEJO** que desejem visitar as obras da Barragem de Belver a inscrever-se para a visita referida, que se pensa levar a efeito no sábado, 19.

A inscrição poderá ser feita na sede da Empresa (Rua da Prata, 185, 1.º), onde se prestam todos os esclarecimentos.

UM GRUPO DE ACCIONISTAS

VEM A LISBOA?

NÃO DEIXE O SEU CARRO AO ABANDONO
SUJEITO A ROUBOS, DANOS E DETERIORAÇÕES

RECOLHA-O NA

GARAGEM CARAVELA

onde encontrará em qualquer dos seus três pisos um espaço reservado a viajantes e uma modelar estação de serviço para assistir ao seu carro

ÓLEOS — GASOLINA

GARAGEM CARAVELA
LIMITADA

Largo do Mastro, 29-A, 29-D (ao Campo de Santana) — LISBOA

Companhia Colonial de Navegação

Paquete «João Belo»

E' esperado amanhã, dia 14. cerca das 12 horas, atracando na Gare Maritima da Rocha do Conde de Obidos

DOUTOR
Henrique von Bonhorst
MISSA DO 30.º DIA

Sufragando a sua alma, reza-se amanhã, dia 14, pelas 12 horas, missa na Igreja dos Martires (altar-mor). Agradece-se a todos que se dignem comparecer a este piedoso acto.

A Jugoslávia cortou

a última ponte
que a ligava à Rússia
denunciando o tratado de amizade
firmado com a Albânia

BELGRADO, 13 — Os observadores diplomáticos desta capital aguardavam há dias que o Governo jugoslavo denunciasse o tratado de amizade firmado com o Governo albanês. O facto não causou, portanto, a menor surprêsa, tanto mais quanto é certo que desde o dia 2 do corrente nenhuma duvida poderia subsistir a esse respeito, dado o texto da nota que o Governo jugoslavo nessa data enviou ao Governo albanês.

Por meio daquele documento diplomático, pedia o Governo de Belgrado ao de Tirana que voltasse a tomar atitudes de conformidade com as clausulas do tratado em vigor entre os dois países, e solicitava uma resposta no prazo mais curto possível. Segundo se diz, os dirigentes jugoslavos não podiam crer que o pedido fosse atendido, em vista do estado das relações entre os dois países. Por consequência, resultava claro que o Governo jugoslavo se mantinha ainda hesitante em tomar a responsabilidade da denuncia formal do tratado. O Governo albanês, porém, não respondeu á nota diplomática de 2 do corrente, e o Governo jugoslavo declarou hoje que deixou de se considerar ligado pelas cláusulas do tratado de amizade.

Convém notar que este tratado estava práticamente caduco, desde Junho de 1948, data em que o Kominform pôs fora da lei comunista o Governo jugoslava, acusando-o de não acatamento das regras marxistas, e passando a tratá-lo como a um insubmisso. No mês seguinte, o Governo albanês foi o primeiro entre os dos satélites da U. R. S. S. a denunciar os seus acordos comerciais com o Governo jugoslavo. No entanto, e por estranho que isso possa parecer, o mesmo Governo albanês foi o unico que em Setembro do mesmo ano não denunciou o tratado de amizade que o ligava ao Governo jugoslavo.

Que razões levariam o Governo albanês para uma forma de proceder tão estranha, ninguém sabe ainda ao certo. Mas é licito lembrar uma frase sibilina publicada no jonral «Borba», na altura em que os satélites da U. R. S. S., com excepção apenas da Albania, denunciavam uns a seguir aos outros os seus tratados de amizade com a Jugoslávia: «Apenas a Albania não denunciou até agora o seu tratado de amizade, e isso esconde uma maquinação de que se tratará mais tarde». Mas que maquinação seria essa?

Os observadores estrangeiros desta capital não sabem que responder, quando a si próprios fazem a pergunta. Mas crêem que, seja qual for a maquinação, os jugoslavos procuraram tomar a dianteira, não se deixando manejar pelos adversários. Porque, se bem que a denuncia dum tratado há muito não cumprido não passe verdadeiramente dum acto de pura formalidade, não é menos certo que este acto diplomático transcende o ambito dúma contenda entre duas nações desavindas, pois representa o quebrar do ultimo elo de ligação da Jugoslávia com a U. R. S. S. e os restantes países da Europa Oriental onde Moscovo exerce dominio. E não se afigura pouco significativo que a iniciativa tivesse partido do Governo jugoslavo, circunstancia não verificada em nenhuma das denunciás anteriores.

As autoridades jugoslavas lembram que as provocações iniciais vieram do lado albanês, que do mesmo lado surgiram as provocações mais violentas e que os albaneses provocaram maior numero de incidentes de fronteira. Fazem notar as mesmas autoridades que o Governo jugoslavo conseguiu não se deixar provocar e que continuou durante muito tempo, embora fossem pouco amistosas as relações entre os dois países, a defender a independência e integridade da Albania. Essa situação mudou agora completamente. Para a Jugoslávia deixou de existir qualquer ligação com a U. R. S. S. e os seus satélites.—(F. P.).

A opinião de Crossman

LONDRES, 13 — O deputado trabalhista britanico Richard Crossman escreve hoje que o Plano Marshall é uma ameaça mais grave para a Russia do que «todas as bombas atomicas da América».

Se tudo o mais falhasse, o marechal Estaline teria de pensar em se servir do Exercito Vermelho contra a Jugoslavia antes de «a insurreição ir longe de mais».

Em artigo no «Sunday Pictorial», Crossman acrescenta: «O caminho evidente de impedir o ataque russo á Jugoslávia era dizer claramente que nós dariamos a Tito auxílio imediato no caso dele ser atacado».—(Reuter).

O acordo comercial
luso-brasileiro

RIO DE JANEIRO, 13—A assinatura do acordo comercial luso-brasileiro causou a melhor impressão no comercio e na colónia portuguesa. A delegação, presidida pelo sr. dr. Supico Pinto, foi recebida na Federação das Associações Portuguesas, onde foi saudada, em nome da colónia, pelo sr. dr. Sousa Baptista. O Liceu Literário Português também recebeu a delegação, felicitando-a pelo exito da sua missão.

Os srs. dr. Supico Pinto e Cabral Pessoa seguem, hoje, para S. Paulo, de onde regressarão na quarta-feira, dia em que o sr. dr. Raul Fernandes, ministro das Relações Exteriores do Brasil, lhes oferece um almoço.

A colónia portuguesa oferece no dia 19 um banquete de homenagem á delegação.—(Lusitania).

Dean Acheson
chegou a Bonn
onde foi recebido
por cinco mil alemães

BONN, 13—O secretário de Estado norte-americano, Dean Acheson, chegou hoje á capital ocidental alemã, vindo de Francfort. Acheson foi recebido na estação pelo chanceler, dr. Konrad Adenauer, devendo avistar-se com altos funcionários alemães.

Cinco mil pessoas encontravam-se na estação, que estava embandeirada e decorada para saudar Acheson, que era acompanhado por John McCloy, alto comissário americano na Alemanha.

Depois de pousar para os fotógrafos, Acheson e o seu séquito seguiram de automóvel, entre ovações da multidão, para Godesberg, a fim de se encontrar com o presidente, dr. Theodor Heuss.

Anuncia-se que, contrariamente a certas informações de origem estrangeira, Acheson não discursará em Bonn. Conferenciará durante perto de uma hora, depois do almoço, com o chanceler Adenauer e assistirá, ás 16 horas, a uma recepção em sua honra dada pelo Governo federal alemão, cerimónia a que assistem os três altos comissários aliados e umas cinquenta personalidades politicas alemãs.

O secretário de Estado americano regressará a Francfort, em comboio especial, ás 18 horas.—(R. e F. P.).

Conversações franco-alemãs

LONDRES, 13.—O «Observer» prevê hoje conversações iminentes e directas entre representantes dos interesses económicos alemães, franceses e americanos tendentes a uma «entente franco-alemã» baseada na integração das industrias pesadas de ambos os países.

Uma informação vinda de Bonn diz que as conversações constituiriam uma segunda série de negociações, após a conferência de Paris dos ministros dos Negócios Estrangeiros. As primeiras da série seriam as dos altos comissários aliados e ocupar-se-iam do estatuto internacional da Alemanha, garantias de segurança e desmantelamento.

A informação diz que a sugestão para as conversações para a fusão industrial franco-alemã foi feita num memorando enviado aos ministros dos Negócios Estrangeiros pelo chanceler ocidental alemão, dr. Konrad Adenauer.—(Reuter).

Bidault
e De Gaulle
desmentiram...
mas não há fumo
sem fogo...

PARIS, 13—Os observadores politicos notam que a notícia dada pelo jornal «Époque», a respeito dum eventual acordo a que teriam chegado Georges Bidault e o general De Gaulle com vista ás próximas eleições, continua a suscitar muitos comentários e perturbação. Ambos os estadistas visados nessa notícia a desmentiram. Entre os íntimos de Georges Bidault fazem notar a circunstancia do chefe do Governo não se avistar com o dirigente da União do Povo Francês há muito tempo. Pela parte que lhe toca, o general classificou o artigo em causa como se fora um «subterfugio», em conferência com parlamentares seus correligionários.

Os radicais e os socialistas lembram, porém, o antigo rifão que diz não haver fumo sem fogo. Não vão até ao ponto de crer firmemente, ou pelo menos não manifestam essa convicção, que se tenha assinado um acordo político formal entre Georges Bidault e o general De Gaulle. Mas dizem que se os dois chefes políticos se não encontraram recentemente, nem por isso é menos certo que não têm sido poucas nem pouco persistentes as tentativas de aproximação levadas a cabo por interpostas pessoas.

Na verdade, existe no Parlamento um grupo de deputados independentes do Movimento Republicano Popular, que se tornou o elemento de ligação natural entre o partido de Georges Bidault e o movimento da União do Povo Francês. Esse grupo é formado por antigos deputados republicanos populares que se tornaram independentes para aderir á União do Povo Francês, e que têm sempre manifestado desejar a conciliação entre um e outro destes partidos politicos.

O acordo de que falou aquele jornal pode não ter sido assinado, mas pode existir em forma de projecto ou proposta, a submeter a ambas as partes pelo referido grupo de parlamentares. Se a sugestão fosse apresentada, consistiria em dizer ao Movimento Republicano Popular que se disponha a aceitar a antecipação das eleições, e lembrar aos dirigentes da União do Povo Francês que seria conveniente favorecer a reeleição dos deputados que tivessem acedido a voltar antecipadamente perante o eleitorado. Os movimentos políticos das direitas deram a essas eventuais intenções do grupo parlamentar em referência um significado que alarmou os outros partidos políticos, e que parece ter em vista, por se estar a poucos dias dos congressos de radicais e socialistas, modificar o agrupamento partidário que depois da ultima crise política voltou a dar novo alento á «Terceira Força». —(France Presse).

Revolta em Guaiaquil

QUITO, 13 — «El Telegrafo» revelou que na manhã de ontem, sabado, um movimento subversivo em Guaiaquil se gorou, sendo efectuadas cinco prisões. Durante as operações, a Polícia apreendeu muitas espingardas e munições, além de material automovel pertencente ao movimento dirigido por um politico de nome Rafael Mentota, que se encontra entre os detidos. (F. P.).

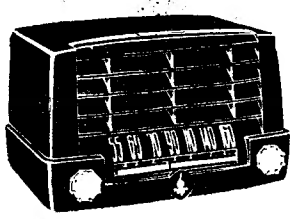
CONHEÇA A SUA TERRA

MADEIRA

O mais completo programa das viagens de fim de ano, de 28 de Dezembro a 3 de Janeiro. Almoços em terra, ceia de fim do ano, **todas as excursões em automoveis,** descidas nos típicos cestos, etc., etc. Passagens maritimas no S/S «Quanza» de 7.000 ton. da C.ª Nacional de Navegação.—Luxo, 1.ª, 2.ª e 3.ª classes—**Distribuição das cábinas no momento da inscrição,** com preferência de escolha para os primeiros inscritos. Preços especiais para **Estudantes e Desportistas** desde **1.600$00 (Tudo compreendido)**—Programa na acreditada **EUROPEIA Agência Turistica,** Av. da Liberdade, 231/235, LISBOA. Tel. 49012. Esta maravilhosa viagem é uma organização exclusiva da Agência EUROPEIA.—PARTIDA GARANTIDA.

GRANDE SORTEIO DA RADIO

organizado pela Casa do Pessoal da Emissora Nacional
Entre os 200 aparelhos que vão ser sorteados figura um
EMERSON
como este



Os bilhetes que habilitam ao sorteio custam apenas
UM ESCUDO

A todas as mães

Um casaquinho para o Bébé.
Uns calções para o seu garoto.
Um casaco para a sua filha estragar na escola.

Tudo consegue V. Ex.ª fazer por um preço minimo, se vir os novos lotes de belos retalhos que apresentamos todos os dias na secção de saldos.

Calçada do Sacramento n.º 9
(AO CHIADO)

MEIAS
Vidro — Seda — Escócia
a Preços inacreditáveis...
CASA CHOCOLATEIRO
Rua do Amparo, 43 — LISBOA

PENITROL

PASTILHAS DE PENICILINA
PARA AS DOENÇAS DA BOCA E GARGANTA
ANGINAS, GENGIVITES, LARINGITES, PIORREIAS, ETC.
GRIPES
A VENDA EM TODAS AS FARMACIAS